

ZACHARIAS HEYES

COMO ENCONTRAR *Deus*

...e por que nem é necessário procurá-lo

 EDITORA
VOZES

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ZACHARIAS HEYES

COMO ENCONTRAR *Deus*

...e por que nem é necessário procurá-lo

 EDITORA
VOZES

ZACHARIAS HEYES

COMO ENCONTRAR *Deus*

...e por que nem é necessário procurá-lo

Tradução de Markus A. Hediger



EDITORA
VOZES

Petrópolis



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Heyes, Zacharias

Como encontrar Deus:...e por que nem é necessário
procurá-lo / Zacharias Heyes ; tradução de Markus
A. Hediger. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2019.

Título original: Gott wieder finden : und warum es
gar nicht nötig ist, ihn zu suchen.

ISBN 978-85-326-6357-3 – Edição digital

1. Busca de Deus 2. Espiritualidade 3. Experiência
religiosa 4. Fé 5. Vida crista

I. Título.

19-24677CDD-248.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritualidade e mística : Cristianismo 248.4

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

Título do original em alemão: *Gott wieder finden-und warum es gar nicht nötig ist, ihn zu suchen.*

Direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil:

2019, Editora Vozes Ltda.

Rua Frei Luís, 100

25689-900 Petrópolis, RJ

www.vozes.com.br

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

CONSELHO EDITORIAL

Diretor

Gilberto Gonçalves Garcia

Editores

Aline dos Santos Carneiro

Edrian Josué Pasini

Marilac Loraine Oleniki

Welder Lancieri Marchini

Conselheiros

Francisco Morás

Ludovico Garmus

Teobaldo Heidemann

Volney J. Berkenbrock

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Editoração: Maria da Conceição B. de Sousa

Diagramação: Sheilandre Desenv. Gráfico

Revisão gráfica: Nilton Braz da Rocha

Capa: Rafael Nicolaevsky

Conversão para ePub: SCALT Soluções Editoriais

ISBN 978-85-326-6357-3 (Brasil – Edição digital)

ISBN 978-3-7365-0135-5 (Alemanha – Edição impressa)

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Sumário

Prefácio

Deus encontra o ser humano – Experiências bíblicas essenciais,

Adão e Eva

Abraão

Moisés

Davi

Maria

José

Zaqueu

A mulher junto ao poço de Jacó

Os discípulos de Jesus

Jesus

Descobrir Deus – Não procure, encontre!

Encontrar Deus em mim

O ser humano como imagem de Deus

O ser humano como espaço de Deus

Deus no corpo

Autoaceitação

O ser humano como cocriador

Encontrar Deus no outro

O encontro com o outro

Amar o outro

Comunhão na Igreja

Quem quiser encontrar Deus precisa procurar o ser humano
O que fizestes a um desses meus irmãos menores, a mim o fizestes

Onde é a Igreja? – Observações marginais

A caminho

Mosteiro

Peregrinação

Convívio

Rituais

Para o espírito do tempo

Misericórdia

No lugar de um epílogo

Prefácio

Quando, de novembro de 2016 a novembro de 2017, nós monges celebramos os 1.200 anos de existência da Abadia de Münsterschwarzach, nosso irmão Meinrad Dufner organizou uma exposição na igreja de nossa abadia. Essa exposição não era uma representação histórico-cronológica dos 1.200 anos da história da nossa abadia, mas uma atualização da fé cristã. A exposição se estendia também ao coro e ao altar. Lá, ao lado da grande figura de Cristo ressuscitado, Monge Meinrad tinha instalado uma longa escada de corda que pendia do teto. Era fácil reconhecê-la como a escada de Jacó. O que a tornava especial era sua aparência e a interpretação dessa obra de arte. Ela estava embrulhada em folha de alumínio dourado. Já ao entrar na igreja, o visitante podia ver essa escada dourada, ela recebia o visitante com seu brilho e atraía seu olhar. Muitos acreditavam que essa escada era um elemento fixo da igreja, pois ela se inseria perfeitamente no espaço e na história da nossa fé e da nossa vida.

A escada de Jacó lembra primeiramente a narrativa do patriarca de Israel – Jacó – no Antigo Testamento. Jacó tinha roubado de seu irmão Esaú a bênção de primogênito. Por isso, Esaú queria se vingar de Jacó, e este se viu obrigado a fugir. Jacó acampou em Harã. Ele se deitou numa pedra e teve o sonho da “escada que descia do céu”. Nesse sonho ele viu uma escada que se estendia da terra até o céu e pela qual desciam e subiam os anjos de Deus. Jacó ficou tão impressionado com esse sonho que, ao despertar, disse:

De repente, ficou com medo e disse:

Como é terrível este lugar! Isto aqui só pode ser a casa de Deus e a porta do céu (Gn 28,17).

Ele ungiu a pedra sobre a qual tinha dormido e a ergueu. Se Deus o mantivesse vivo e lhe permitisse sobreviver à sua situação de vida, ele retornaria para este lugar e construiria uma casa para o Senhor. Jacó entendeu que o lugar no qual ele se encontrava é o local da presença de Deus. Ele estava presente naquele lugar terreno, não só lá no “alto”, no céu.

Lembro-me como, quando participei da abertura dessa exposição do Monge Meinrad, ela abriu meus olhos de forma nova para a minha fé, graças, principalmente, ao que meu confrade disse. Ele observou que o cristianismo é uma religião cuja característica essencial é que o ser humano não precisa se esforçar constantemente para chegar a Deus, para encontrar um acesso a Ele, para “mostrar serviço” para que Deus o aceite. Em outras palavras: ele não precisa se perguntar constantemente como pode subir até Deus ou que degrau na escada para o céu ele já escalou. O cristianismo parte da premissa de que o movimento fundamental segue a direção de Deus para o homem. Foi Ele quem desceu do céu e alcançou o ser humano.

O evento decisivo é a encarnação de Deus em Jesus. Os cristãos acreditam que, em Jesus, o próprio Deus se tornou homem. Ele viveu entre as pessoas, lhes deu seu amor, sua amizade, Ele as curou e edificou. As pessoas que conhecem Jesus recebem nova esperança e força por meio desse encontro. Deus encontrou o ser humano no homem Jesus. O desejo de Deus é estar presente entre as pessoas porque Ele ama os seres humanos.

O ouro da folha de alumínio que Monge Meinrad usou para envolver a escada não tinha apenas uma função prática, mas também uma função simbólica. Como metal infinitamente precioso, o ouro remete à valiosa dignidade do ser humano que ele tem para Deus como sua criatura: para Deus, o ser humano é infinitamente mais valioso do que ouro. Aquele que parte em busca de Deus não precisa ficar constantemente no “modo de busca”, mas ter apenas a disposição

interna de permitir que Deus o encontre e de encontrá-lo no meio das pessoas.

Muitas gerações, porém, são marcadas por uma educação cristã que ensinava às pessoas como elas precisavam ser, o que elas precisavam fazer e deixar de fazer para ser um “bom” cristão, porque Deus não as amaria se elas fizessem ou deixassem de fazer determinadas coisas. Por isso, muitos cristãos ainda acreditam que Jesus teve de morrer na cruz porque Deus exigia um sacrifício para reconciliar o homem com Deus. O pecado dos homens – assim imaginam – o tinha enfurecido, magoado, ferido, de modo que esse sacrifício tinha se tornado necessário.

O pensamento, porém, de que Deus encontrou o ser humano e que ele ainda o procura, que o ser humano pode ser encontrado, alivia essa tensão. Esse pensamento nos liberta. Com este livro, quero convidar você, querida leitora e querido leitor, a percorrer um caminho comigo. Um caminho para encontrar Deus (novamente). No meio de sua vida. No meio de seu dia a dia.

Na primeira parte, esse caminho começa com pessoas bíblicas e suas experiências com Deus – com experiências-chave. Em Jesus se evidencia: Deus não só se aproximou das pessoas, mas Ele está nas pessoas, Ele mesmo se tornou homem e, como tal, pôde ser vivenciado por outros. Na segunda parte, o caminho leva à descoberta de Deus em mim e no outro. Pois em Jesus se evidencia: aquele que deseja encontrar Deus precisa procurar o ser humano.

O caminho nos leva então, na terceira parte, aos desafios para a Igreja, que resultam disso: se Deus está no meio da vida, em meio ao dia a dia e entre as pessoas, então é exatamente ali que a Igreja precisa estar. Ela precisa partir em direção das pessoas e estar com elas. Mas isso têm consequências também para o culto, para o ritual e a forma da Igreja de hoje. A pergunta é: A Igreja é apenas administradora da tradição, do rito, de formas, ou ela está disposta a se envolver com as condições de vida do ser humano de hoje? Ela se endurece ou ela encontra o Deus vivo no meio de pessoas vivas?

Eu lhe desejo uma viagem de descobertas excitantes e surpreendentes!

Deus encontra o ser humano

Experiências bíblicas essenciais

Adão e Eva

A primeira narrativa da criação no Antigo Testamento conta, no Livro do Gênesis, que Deus criou o ser humano no sexto dia. A Bíblia diz que ele foi criado à imagem e semelhança de Deus. Isso nos diz algo que, ainda hoje, serve como fundamento para a dignidade singular do ser humano: juntamente com toda a criação, ele não é apenas um “produto do acaso” ou um capricho da evolução, mas resultado da vontade de Deus.

Ao mesmo tempo em que essa narrativa motivou sobretudo grupos fundamentalistas a interpretá-la no sentido literal e, em decorrência disso, rejeitar totalmente a teoria da evolução, também existem vozes na pesquisa moderna que afirmam que, a despeito de todo acaso, por trás da criação, deve existir algum sentido, alguma ideia ou plano. Aqui, a Teoria da Evolução e a narrativa bíblica se encontram. O sentido da narrativa bíblica não é oferecer um relato científico-cronológico exato sobre o desenvolvimento do mundo, mas responder à pergunta: Qual é a ideia por trás de tudo? E enquanto a Teoria da Evolução responde à pergunta como a criação, a terra, o universo e o cosmo surgiram e quais processos ocorrem em que momento, a narrativa da Bíblia responde à pergunta sobre o porquê ou sobre o para quê, sobre o sentido de tudo.

As narrativas da criação (existem duas: Gn 1,1–2,4a e Gn 2,4-25) refletem sobre a pergunta da origem do mundo. Elas foram escritas sob o pano de fundo da imagem do mundo de seu tempo (mais ou menos 500 a.C.); portanto, encontramos nelas algumas declarações que nos são estranhas nos tempos de hoje. Uma delas é a instrução de

Javé de que o ser humano deve subjugar a criação ou, como dizem algumas traduções, “dominá-la”. Há também a afirmação de que a mulher foi criada a partir de uma costela do homem – da costela de Adão. Mas quando lidamos com essas histórias é importante reconhecer o sentido ou a intenção do texto. Infelizmente, a ordem de subjugar a terra foi interpretada literalmente durante muito tempo. Mas o que o texto quer dizer é que devemos proteger os recursos da terra e usá-los de modo que sirvam a todos. Ele não quer dizer que o ser humano deve usar o mundo para os seus próprios fins, mas que ele tem a responsabilidade de garantir que todos os seres vivos – pessoas, animais, plantas – possam ter uma vida boa.

No passado, a maioria das sociedades – e muitas ainda nos dias de hoje – via a mulher como serva do homem, e não como companheira igualitária, também por causa da afirmação bíblica de que a mulher foi tomada da costela do homem. No entanto, a segunda narrativa da criação (Gn 2,4-25) diz também que Deus criou o ser humano como homem e mulher. Isso é uma afirmação clara. Não existem diferenças aqui, apenas um “e”. Homem e mulher vivem juntos e se relacionam um com o outro. Recentemente, quando a Alemanha discutiu se permitiria o casamento civil de casais homoafetivos, bispos e políticos apelaram para essa passagem, insistindo que o casamento era a união vitalícia de marido e esposa, porque Deus tinha criado o ser humano como homem e mulher. No tempo em que o texto foi escrito, essa forma de convívio certamente era a norma. A tradução ecumênica, publicada em 2016, fala aqui que Deus criou o “masculino” e o “feminino”.

Para mim, isso significa que Deus dotou a criação e o ser humano de qualidades femininas e masculinas, que se desenvolvem no ser humano de maneiras diferentes. Outro tema que reconheço aqui é a vida de todos os seres humanos que não se encaixam na imagem clássica de uma relação entre homem e mulher, de todos aqueles que têm sentimentos homoafetivos, de todos os intersexuais que não se veem claramente como homem e mulher e dos transexuais que se sentem como se tivessem nascido no corpo errado. Em minha opinião, esses temas precisam ser refletidos teologicamente, levando em

consideração as descobertas científicas e psicológicas mais recentes.

Até agora, a fé cristã tem, com base na narrativa da criação, partido da pressuposição de que o ser humano nasce ou como homem ou como mulher e que ambos estão relacionados um ao outro. Agora, porém, precisamos responder novamente à pergunta como esses temas devem ser avaliados do ponto de vista da Bíblia.

A Igreja Católica respeita as pessoas não heterossexuais, mas ela lhes proíbe viver seus sentimentos, seu amor e sua vida. Eu não acredito que a interpretação da narrativa da criação, segundo a qual apenas o homem e a mulher foram criados um para o outro, seja a única correta. O ponto decisivo e fundamental na história da Bíblia sobre a criação do ser humano é: Deus iniciou um processo para que o ser humano viva como sua imagem na terra. Como imagem de Deus, ele merece ser tratado com respeito. Não importa a qual raça, cultura e nação uma pessoa pertença, não importa qual seja a sua identidade sexual. Seres humanos sempre estão relacionados uns aos outros, eles devem ter um parceiro ou uma parceira que lhes seja “igual”. Nessa pessoa, à qual está relacionado, ele pode e deve reconhecer a grandeza e a beleza de Deus. Deus cria o ser humano e se espelha nele. É interessante que, na narrativa da criação, Deus fala de si mesmo no plural. O texto diz:

Façamos o ser humano... (Gn 1,26).

O plural ou serve para ressaltar a autoridade de Javé ou é um indício de uma antiga convicção: a antiga fé judaica atribuíra uma esposa a Javé – Aserá. O Rei Manassés até instalou uma imagem dela no templo judaico. Foi apenas quando a religião de Israel se transformou cada vez mais em um monoteísmo é que Aserá foi eliminada aos poucos. No Livro de Oseias encontramos uma fórmula que Deus usa contra Aserá, uma fórmula que, no judaísmo, era conhecida como fórmula de divórcio. Talvez isso também seja um reflexo do processo em direção a um monoteísmo. O que permanece importante é que o próprio Deus é relacionamento – masculino e feminino. Na fé cristã, isso retorna na doutrina da Trindade de Deus. Ele é a relação entre as três pessoas divinas: Pai, Filho e Espírito. Se hoje quisermos encontrar Deus, a relação com outros, o convívio com

outros, o reconhecimento da imagem de Deus no outro é essencial.

Abraão

Abraão é uma das figuras mais marcantes na Bíblia e na história da religião. Ainda hoje, os judeus, muçulmanos e cristãos o veem como patriarca. Seu filho Ismael, que ele gerou com sua serva Hagar, é considerado o ancestral de Maomé, fundador do islã. Isaac, o segundo filho de Abraão, que ele gerou com sua esposa Sara, é o pai de Jacó, cujos 12 filhos são vistos como fundadores das doze tribos de Israel e, portanto, do judaísmo. Jesus, no qual o cristianismo se fundamenta, é descendente do povo de Israel.

Abraão marca o início da longa história da fé dos muçulmanos, judeus e cristãos, que sempre confiaram no Deus de Abraão. Hoje, quatro bilhões de pessoas pertencem a uma das chamadas religiões abraâmicas (2,3 bilhões de cristãos, 1,57 bilhão de muçulmanos, 15 milhões de judeus). Mesmo que sua prática religiosa seja muito diferente, esses números mostram o efeito que essas três religiões têm até hoje.

Nascido de uma família de nômades em Ur, na Caldeia (sul do Iraque), Abraão estava acostumado a ir de lugar em lugar, a não se assentar permanentemente num único lugar, pois as cabras e as ovelhas precisavam de pastos. Ele conhecia bem os prados e os desertos. Quando Ur, sua cidade natal, é ocupada por tropas inimigas, sua família foge para Harã, na atual Turquia.

Visto que Ur ficava na Caldeia e essa região pertencia aos babilônios, Abraão deve ter tido contato também com a religião dos babilônios e ter sido influenciado por ela, mesmo que a Bíblia não fale de sua prática religiosa. Como os gregos e romanos, os babilônios também conheciam um céu cheio de deuses responsáveis por coisas diferentes. Um dos deuses babilônios era o deus Sin, responsável pelo trajeto da lua, uma outra era Istar, a deusa da guerra e do amor.

Quando Abraão, como a Bíblia o chama no início de sua história, chega em Harã, Deus fala com ele. Aqui, Deus ainda não tem outro nome; o texto o chama simplesmente de Deus. E Deus lhe dá a

seguinte ordem:

Sai de tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei, engrandecendo teu nome, de modo que se torne uma bênção. Abençoei os que te abençoarem e amaldiçoei os que te amaldiçoarem. Com teu nome serão abençoadas todas as famílias da terra (Gn 12,1-3).

Essa ordem de Deus a Abraão sempre é citada quando uma pessoa está prestes a partir, a iniciar uma nova fase da vida ou quando ocorrem mudanças internas. Nisso se mostra algo que percorre toda a Bíblia como um fio vermelho: a convicção e afirmação de que Deus encontra pessoas, que Ele se dirige a elas e acredita que elas sejam capazes de um novo início, uma nova fase. Deus é um Deus da partida e do caminho. Em minhas conversas de aconselhamento percebo com frequência que isso não mudou até hoje: sempre de novo, as pessoas são chamadas para partidas internas e externas, para mudanças e transformações repentinas em sua vida. Elas simplesmente acontecem, e as pessoas precisam lidar com elas. Falaremos disso mais tarde.

Aqui, Abraão é chamado e encorajado a abandonar a terra antiga e familiar e partir em busca de uma nova terra. Isso significa também que ele precisa conhecer esse Deus que se dirige a ele de forma nova. Não importa como Abraão tenha vivenciado essa palavra de Deus dirigida a ele – se ele ouviu uma voz interna ou se viu uma aparição de luz ou algo completamente diferente –, o que fica claro é: ele vivencia aqui um encontro que muda sua vida. A essa altura, ele já está com 75 anos de idade – uma idade em que outros já desfrutavam e aproveitavam sua aposentadoria. Mas Abraão, inspirado por Deus, parte mais uma vez para uma vida nova – com toda a sua família, seus servos e funcionários. Quem o acompanha também é Ló, seu sobrinho. Ambos levam consigo todos os seus bens. Segundo os padrões de hoje, Abraão era bilionário. Ele possuía muito gado e muita prata e ouro. Ló também era rico. Ele tinha ovelhas, cabras, bois e tendas. Já que os dois não queriam se assentar no mesmo lugar, a fim de evitar brigas e concorrência, Abraão se separou de Ló. Depois dessa separação Abraão teve outro encontro com Deus. Dessa vez, Deus lhe disse:

Levanta os olhos e, do lugar onde estás, contempla o Norte e o Sul, o Oriente e o Ocidente. Toda esta terra que vês darei a ti e à tua descendência para sempre. Tornarei tua descendência como a poeira do chão. Se alguém pudesse contar a poeira do chão contaria também tua descendência. Levanta-te e percorre este país de ponta a ponta. Será a ti que o darei (Gn 13,14-18).

Deus promete a Abraão uma descendência infinita como a poeira do chão. Certamente não devemos entender isso no sentido biológico, mas como referência aos numerosos fiéis que apelam a Abraão. Também aqui é Deus quem encontra o ser humano e lhe dá uma missão. No início, porém, a promessa de Deus não se cumpre, porque sua esposa não consegue lhe dar um filho. Ele, que obedeceu ao chamado de Deus, permanece sem filhos. Mas novamente Deus vem ao encontro de Abraão e lhe diz:

Depois desses acontecimentos, o SENHOR falou a Abrão numa visão, dizendo: “Não temas, Abrão! Eu sou o escudo que te protege; tua recompensa será muito grande”. Abrão respondeu: “Senhor Deus, que me haverás de dar, se eu devo deixar este mundo sem filhos, e o herdeiro de minha casa será Eliezer de Damasco?” E acrescentou: “Como não me deste descendência, meu criado é que será o herdeiro”. Então lhe foi dirigida a palavra do SENHOR: “Não será esse o herdeiro, mas um de teus descendentes é que será o herdeiro”. E conduzindo-o para fora lhe disse: “Olha para o céu e conta as estrelas, se fores capaz!” E acrescentou: “Assim será tua descendência”. Abrão teve fé no SENHOR e isto lhe foi creditado como justiça (Gn 15,1-6).

Dessa vez, Abraão acredita em Deus. Ele confia que Deus lhe dará descendentes. Deus lhe credita isso como justiça. Por isso, Abraão é, até hoje, visto como o justo e como modelo de fé e confiança. Quando ele é designado patriarca das três religiões abraâmicas, isso faz parte dele: ele estabeleceu o fundamento para que, ainda hoje, as pessoas confiem em Deus, porque Deus – como mostrará a história de Abraão – se revelou como confiável. Ser justo perante Deus nada mais significa do que ser aceito por Ele, poder permanecer reto perante Deus, experimentar-se como amado por Ele. A pergunta como podemos ser justos e ser aceitos por Deus diante da experiência das nossas fraquezas, erros e insuficiências – aquilo que a Igreja tem chamado de “pecado” – sempre tem causado reflexões no ser humano.

Essa foi, também, uma das perguntas centrais de Martinho Lutero. Ele se desesperou porque sentia sua insuficiência e sabia disso: Minhas ações não me permitem ser justo perante Deus porque sempre cometo alguma injustiça. Então ele reconheceu: Se eu confiar em Deus – e fé nada mais é do que “confiar” –, eu sou justo. Isso significa: Deus quer que o ser humano entre em contato com Ele, que o ser humano responda a Ele. O Deus de Abraão é um Deus do relacionamento que deseja ter contato com as suas criaturas. Por isso, Ele não se cansa de procurar e encontrar o ser humano; Ele não o entrega à sua própria sorte e destino. As palavras de Deus a Abraão acima citadas se dirigem a todas as pessoas. Em Abraão, o patriarca da fé, entendemos o convite que Deus nos faz: somos convidados a acreditar e a confiar em Deus.

Quando Deus pede que Abraão conte as estrelas no céu, Ele lhe faz um convite: Abraão terá descendentes incontáveis, mas nisso se expressa também a generosidade de Deus. Ele não só lhe mostra a vastidão da terra no norte, sul, leste e oeste, mas lhe mostra também a grandeza infinita do céu e o número incontável de estrelas. Se Deus criou tudo isso, como acredita a Bíblia, transparece aqui a vastidão, a grandeza e a infinidade do próprio Deus!

Quando contemplo essa infinidade do cosmo, sinto-me perdido e solitário, pois, visto a partir da vastidão do cosmo, o homem é menor do que a cabeça de uma agulha. Por isso, fico ainda mais fascinado com o fato de que é Deus que criou essa vastidão infinita e que, ao mesmo tempo, se dirige ao ser humano, vendo e percebendo cada um de nós. Não de forma geral e global, mas da maneira descrita pelo Profeta Isaías:

Chamei-te pelo nome, tu és meu (Is 43,1).

É a minha convicção mais profunda de que isso realmente é verdade: Deus conhece intimamente cada ser humano. Posso crer que Deus me criou do jeito que sou – Ele quer que eu seja assim, e de nenhuma outra forma. Jesus dirá a mesma coisa mais tarde, mesmo que com outras palavras:

O grande Deus olha com bondade o menor detalhe do ser humano.

No caso de Abraão, isso se evidencia no fato de que Deus lhe dá um novo nome. Agora que ele entendeu a comissão que Deus lhe deu e que ele lhe deu a sua confiança, seu nome original “Abrão” se transforma em “Abraão”. A Bíblia conta:

Quando Abrão tinha 99 anos, apareceu-lhe o SENHOR e lhe disse: “Eu sou o Deus Poderoso. Anda na minha presença e sê perfeito. Quero estabelecer contigo minha aliança e multiplicar sem limites tua descendência”. Abrão caiu com o rosto em terra, e Deus continuou falando: “De minha parte, esta é a minha aliança contigo: tu serás pai de uma multidão de nações. Já não te chamarás Abrão mas teu nome será Abraão, porque farei de ti o pai de uma multidão de nações. Eu te tornarei extremamente fecundo. De ti farei nações e terás reis como descendentes. Estabeleço minha aliança entre mim e ti e tua posteridade para sempre, uma aliança eterna, para ser teu Deus e o Deus de tua descendência (Gn 17,1-7).

Aqui, Deus faz uma aliança com Abraão, que está com 99 anos de idade. É provável que esse número seja mais simbólico do que uma informação de sua idade real. 99 é um passo, um número antes de 100. Ele representa a plenitude da vida. Abraão está prestes a ultrapassar esse limiar quando Deus faz uma aliança com ele. Deus faz essa aliança porque Abraão aceita essa aventura com Ele. Aquele que foi e concordou ser encontrado por Deus pode ter a certeza de que a lealdade de Deus é inabalável.

Depois dessa aliança, Abraão recebe o presente de Javé que deve ter sido sua maior alegria: ele se torna pai de um filho. E também dessa vez Deus encontra Abraão e o visita na forma de três homens:

Depois o SENHOR apareceu a Abraão junto ao carvalho de Mambré. Abraão estava sentado à entrada da tenda, no maior calor do dia. Levantando os olhos, viu parados perto dele três homens. Assim que os viu, saiu correndo a seu encontro e se prostrou por terra. Disse assim: “Meu SENHOR, se ganhei tua amizade, peço-te que não prossigas viagem sem parar junto a teu servo. Mandarei trazer um pouco de água para lavar vossos pés e descansareis debaixo da árvore. Trarei um pouco de pão para refazerdes as forças, antes de prosseguir viagem. Pois foi para isso mesmo que vos aproximastes de vosso servo”. Eles responderam: “Faze como disseste”. Solícito, Abraão entrou na tenda onde estava Sara e lhe disse: “Pega depressa três medidas da mais fina farinha, amassa uns pães e assa-

os”. Depois Abraão correu até o rebanho, agarrou um bezerro bem bonito e o entregou a um criado para prepará-lo sem demora. A seguir buscou coalhada, leite, o bezerro assado e pôs tudo diante deles. De pé, junto deles, os servia debaixo da árvore, enquanto comiam. Perguntaram-lhe: “Onde está Sara, tua mulher?” “Está na tenda”, respondeu ele. E um deles disse: “Voltarei a ti no ano que vem por este tempo e Sara, tua mulher, já terá um filho”. Ora, Sara ouvia da entrada da tenda que estava detrás daquele que falava. Abraão e Sara já eram velhos, muito avançados em idade, e para ela já havia cessado o período regular das mulheres. Por isso, Sara se pôs a rir em seu íntimo, dizendo: “Acabada como estou, terei ainda tal prazer, sendo meu marido já velho?” E o SENHOR disse a Abraão: “Porque Sara riu, dizendo: ‘Será mesmo que vou ter um filho, sendo tão velha?’ Há alguma coisa impossível para o SENHOR? No ano que vem, voltarei por este tempo e Sara já terá um filho” (Gn 18,1-14).

Abraão e sua esposa Sara realmente têm um filho, que é chamado Isaac. Naquele tempo, um filho era de importância central para um homem. Era ele que garantia a sobrevivência da família, ele administraria e daria continuação à herança do pai – não só no sentido material, mas também espiritual. O pai lhe transmitiria sua fé e sua confiança em seu Deus, ele lhe contaria quais experiências que ele tinha feito com Deus e que esse Deus era fiel e merecedor de sua confiança.

Se permanecermos no simbolismo dos números, Abraão se torna pai aos 100 anos de idade. O número 100 é a potência de 1. No simbolismo bíblico, o número 1 representa a força geradora de Deus, enquanto o número 2 representa a força criativa que dá à luz. O número 100 como potência de 1 é, então, a plenitude da força geradora de Deus. No nascimento de seu filho, Abraão experimenta toda a força criativa de Deus. Mas isso lhe dá também a responsabilidade de transmitir sua confiança em Deus para o seu filho – ele é o descendente legítimo de Abraão.

Mais tarde, sua confiança em Deus é testada de forma terrível: Deus exige que Abraão lhe devolva Isaac como sacrifício. Abraão obedece, e é só no último segundo que um anjo o impede de realmente matar seu filho (cf. Gn 22). Muitos se perguntam até hoje qual teria sido o sentido dessa história. É possível que Deus exija sacrifícios humanos? Ou será que o elemento decisivo é que o anjo aparece e impede Abraão de sacrificar seu filho? Será que Abraão

confundiu sua imagem de Deus com o próprio Deus? Nesse caso, a história seria uma narrativa sobre como Deus vai ao encontro de Abraão mais uma vez na forma de um anjo. Abraão é encontrado mais uma vez por Deus para que ele veja como Deus realmente é. Ele não precisa de sacrifícios. O que Abraão já sabia se evidencia aqui mais uma vez: Deus é grande, generoso, Ele vai ao encontro do ser humano, Ele conhece seu nome e não precisa de sacrifícios para que Ele aceite o ser humano.

Sob o ponto de vista da história da religião, o tempo de Abraão era o período em que outros cultos e religiões arcaicas puseram um fim nos sacrifícios humanos. Assim, a história mostraria: O Deus dos israelitas não precisa de sacrifícios – muito menos de sacrifícios humanos.

Um sacrifício desse tipo também seria contraditório: Primeiro Deus cria o ser humano, dá-lhe a vida e depois a exige de volta. Um presente verdadeiro exige que a pessoa o dê com prazer e não porque ela quer algo em troca. Deus dá porque Ele ama. Que Deus seria esse que dá a vida ao ser humano, mas depois espera que este lhe demonstre gratidão o tempo todo e até mesmo chega a exigir de volta essa vida. No fim da história na Bíblia Abraão tem 175 anos de idade. A Bíblia diz sobre ele:

Estes são os anos de vida de Abraão: viveu 175 anos e expirou. Morreu numa feliz velhice, idoso e cumulado de anos, e foi reunir-se a seus antepassados (Gn 24,7-8).

Em alemão, a expressão “cumulado de anos” é traduzida como “saciado de vida” – uma expressão maravilhosa. E é exatamente isso que o número 175 representa: Uma vida saciada. Ele provou da vida, todos os seus altos e baixos. Ele confiou em seu Deus, permitiu que Deus o encontrasse e o encontrou repetidas vezes: o seu Deus, que o acompanhou e nunca mais abandonou.

No início, esse Deus lhe prometeu que ele seria uma bênção. Isso se cumpriu. Ele foi fértil, gerou os filhos Isaac e Ismael.

As religiões que descendem dessas figuras bíblicas veem Abraão como exemplo de sua confiança em Deus. Se ele é seu patriarca, então

vale também para todos os seus descendentes, para todos que estão à procura de Deus: eles já foram encontrados. Não precisamos procurar e perguntar por Deus, precisamos apenas nos conscientizar: Deus já está aqui. Ainda hoje, muitas pessoas procuram Deus “lá no alto”, em esferas celestiais, em grandes eventos extraordinários, e não no cotidiano. Mas permitir que Deus me encontre e se dirija a mim significa procurá-lo no cotidiano e entender: Ele está aqui; Ele está onde o ser humano está. A vastidão do céu, a infinidade das estrelas e do cosmo afirmam: Deus é tão grande, amplo e infinito quanto o céu com suas estrelas. Mas Ele é também aquele que nos chama pelo nosso nome.

Os cristãos gostam de citar as palavras de Deus a Abraão: “Tu serás uma bênção”. Essa é uma promessa grande: o ser humano pode e deve transmitir algo da bênção de Deus, no ser humano o ser humano deve sentir e experimentar algo da presença, da grandeza e da proximidade de Deus.

Moisés

O nome Moisés pode ser traduzido como “aquele que foi tirado da água” e descreve as circunstâncias em que Moisés começou sua vida. Moisés nasceu como filho de uma israelita, cujo povo se encontrava em escravidão no Egito. O faraó egípcio temia que esse povo se tornasse grande e poderoso e se rebelasse contra ele, e ordenou que todos os filhos homens de Israel fossem mortos. Por isso a mãe de Moisés coloca a criança aos três meses de idade num cesto no Rio Nilo. Míriam, a irmã de Moisés, observa como a filha de faraó encontra e salva Moisés enquanto toma banho no Nilo. Apesar de ver que a criança é do povo dos israelitas, ela acolhe Moisés. Míriam lhe sugere para que encontre uma ama de seu próprio povo para que esta amamente e crie a criança. A filha do faraó concorda, e assim Míriam chama a própria mãe de Moisés para que ela seja sua ama – de forma maravilhosa, seu filho é salvo e pode crescer com sua mãe. Quando Moisés já está crescido, ela o leva de volta para a corte do faraó, e a filha do faraó o adota como seu filho. Aqui já se mostra como Deus

cuida de Moisés, como Ele o salva ao “retirá-lo da água” e lhe dá um futuro.

Quando Moisés já é adulto, ele decide verificar se os membros de seu povo estão bem. Ele observa uma briga entre um egípcio e um hebreu, membro de sua tribo; mata o egípcio e precisa fugir. Ele encontra um novo lar em Madiã, onde se casa e tem sua própria família. Quando, na idade avançada de 80 anos, pastoreia as ovelhas de seu sogro, ele leva as ovelhas “deserto adentro”. Ele ultrapassa os limites da região que lhe foi atribuída. Finalmente, alcança o monte de Deus, o Horeb. Aqui Deus lhe aparece numa sarça ardente. Não no lindo templo em Jerusalém, que é tido como residência de Deus, mas numa sarça comum um fogo se transforma em um encontro com Deus. Isso transforma Moisés profundamente. Deus se identifica como “Eu sou Aquele que Sou”, e lhe diz:

O lugar onde estás é chão sagrado (Ex 3,5).

Isso significa: “O lugar onde estás é o lugar da presença do sagrado, o lugar da minha presença”. Isso nos diz também: não existe lugar neste mundo que não seja lugar da presença de Deus, não existe lugar que não seja chão sagrado, não existe lugar em que não possamos encontrar Deus.

Moisés não contava com um encontro com Deus, muito menos em meio ao seu trabalho cotidiano. A missão que ele recebe de Deus o tira de seu dia a dia, Deus espera algo grande dele: Ele deve tirar o povo de Israel da escravidão e levá-lo para a liberdade. Compreendemos muito bem que, no início, ele duvida e se pergunta se suas habilidades são suficientes para cumprir essa missão. Mas Deus lhe promete sua presença, e Moisés ousa partir para a aventura. Moisés também permitiu que Deus o encontrasse e aceitou a missão de Deus.

Davi

A história do Rei Davi é uma típica história do tipo “Deus surpreende”. O Papa Francisco também diz que devemos estar prontos para permitir que Deus nos surpreenda diariamente. A narrativa de

Davi gira em torno da escolha de um novo rei. O Profeta Samuel é enviado para Jessé em Belém. Um de seus oito filhos se tornará o novo rei. Quando os três primeiros filhos são apresentados a Samuel e Deus não confirma nenhum deles como o seu escolhido, Samuel pergunta pelo oitavo filho. Seu pai responde que este está no campo, pastoreando as ovelhas. Mas Samuel insiste para que ele seja chamado.

Nessa história bíblica o simbolismo dos números também exerce uma função importante. Sete é um número que representa a criação. A criação durou sete dias. Nossa semana tem sete dias. O número oito supera o número sete e é, por isso, um número da perfeição, do eterno. Isso já nos indica que o oitavo filho, o caçula de Jessé, possui um significado especial.

Quando Davi se apresenta a Samuel, este afirma: Este garoto é o novo rei escolhido por Deus. Então Davi é ungido rei, ou seja, Samuel derrama um azeite precioso sobre a sua cabeça. Essa unção é símbolo da eleição e da dignidade especial que Davi tem como rei de Israel. Ele, o simples pastor, vivencia no próprio corpo o quanto Deus o valoriza. Como ele deve ter se sentido quando Deus apareceu repentinamente em sua vida e o encontrou? Provavelmente ele não previu a grande responsabilidade que isso significaria para ele.

Ouvimos um eco da unção de Davi como rei ainda hoje no Batismo, quando o batizando é ungido com o óleo sagrado. É uma lembrança da unção dos reis de Israel e da unção de Davi. Nisso se revela a dignidade real concedida por Deus. A pessoa batizada possui uma dignidade que ninguém pode tirar dela, pois recebeu a confirmação de ser filha amada de Deus. Não que isso não valha também para todas as outras pessoas, mas no batismo essa confirmação é expressada em alta voz na presença dos pais e dos padrinhos como testemunhas.

Fé sempre envolve também sensualidade e experiência sensual. Hoje, os antigos e diversos ritos de batismo só existem em forma abreviada. A submersão original do corpo despido na água, como era praticado o batismo na Igreja primitiva, transformou-se em uma pequena quantidade de água que é derramada cuidadosamente sobre

o batizando. A unção com óleo precioso se transformou no símbolo da cruz feito no batizando. Mas a sensação de ser encontrado por Deus precisa ser experimentada e sentida para que esse encontro se inscreva na alma como certeza inabalável. É isso que eu desejo para uma prática do batismo nos dias de hoje.

Maria

Maria era uma moça simples do povo de Israel, e quando ela entra na história bíblica deveria ter por volta de 14 anos de idade. Ela jamais deve ter imaginado que se tornaria a Mãe de Deus nem os efeitos que sua pessoa desdobraria ao longo dos séculos. Maria era noiva de José. Até hoje, ele é representado como um homem já mais velho, mesmo que a Bíblia não afirme nada sobre isso. Em meio ao seu dia a dia, Maria é surpreendida por um anjo; ele lhe diz que ela terá um filho. Segundo a tradição bíblica, é o anjo que inicia a conversa com ela. E já que ela não estava apenas surpresa, mas também um pouco assustada, ele lhe diz: “Não temas!” Essa é a pedagogia de Deus: quando Ele confia uma tarefa a um ser humano e essa lhe é transmitida por um mensageiro, Ele não quer que o ser humano se assuste.

Maria aceita o convite do anjo para conversar com ele. Ela pergunta como se tornaria mãe. O Espírito Santo a visitaria, responde o anjo. Maria lhe diz que ela está pronta para isso. Ela simplesmente se entrega à vontade de Deus, ela está disposta a permitir que isso aconteça, mesmo conhecendo as dificuldades sociais que isso lhe causaria – e o que ela estaria exigindo de José. Assim como Maria confia em Deus e que, com a sua ajuda, tudo ficará bem, nós também podemos nos entregar ao que Deus planeja para nós – confiando que tudo ficará bem. A Bíblia nos diz que ela guardou tudo em seu coração. Ela precisou processar esse encontro e deve ter necessitado de um tempinho para realmente entender o que tinha acontecido – que ela tinha tido um contato direto com um mensageiro divino, e que Deus a havia encontrado.

José era, como diríamos hoje, um homem íntegro. Quando ele soube da gravidez de Maria, quis se separar dela para poupá-la da vergonha que ela passaria se a sociedade soubesse que o filho que ela esperava não era dele. Mas, no sonho, Deus fala com ele:

José filho de Davi não tenhas medo de receber Maria, tua esposa, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo (Mt 1,20).

Existe aquele lindo ditado: “Os sonhos é a comunicação esquecida de Deus com os seres humanos”. Quando dormimos, nossa consciência está “desligada”, não podemos usar “filtros” ou assumir uma postura de defesa. Por isso, o sonho é uma maravilhosa oportunidade para Deus se comunicar com o sonhador. Do ponto de vista espiritual, o sentido do sonho é mostrar ao ser humano quais processos estão ocorrendo ou ocorrerão em sua alma e em sua vida, e o que ele precisa fazer. Trata-se de seguir o caminho da vida. Deus encontra o ser humano no sonho e se comunica indiretamente com ele.

José aceita a missão que recebeu no sonho. Ele crê e confia sem questionar a fala divina. Se quisermos entender a fala de Deus que se dirige a nós no meio do nosso dia a dia, precisamos tentar abrir os canais sensíveis em nós e levar a sério as mensagens dos sonhos, tentando entendê-las.

Quando Francisco foi nomeado papa, ele falou sobre José e seu carinho. José não era apenas corajoso, forte e um trabalhador dedicado, mas também carinhoso. Era um homem que estava disposto a ter compaixão e a se abrir para o outro. Por isso, ele conseguiu ouvir e compreender a mensagem de Deus e acolheu Maria. Ele cuidou dela e de Jesus. O Papa Francisco diz que José era um guardião – um guardião de sua família, mas também um guardião de sua alma. Se quisermos ouvir a linguagem de Deus precisamos ter uma alma aberta e carinhosa. Esse é um aspecto importante, especialmente nos dias de hoje, porque o mundo costuma ser barulhento e desvia a nossa atenção da interioridade. Uma tarefa importante é nos sensibilizar para a linguagem de nossa alma e de Deus para conosco.

José também recebe todas as outras mensagens decisivas por meio do sonho: a ordem de ir para o Egito, salvando a vida de Jesus, e a ordem de retornar porque Herodes tinha morrido.

Zaqueu

Zaqueu era coletor de impostos, sendo odiado por exercer essa profissão nos tempos de Jesus. Os coletores de impostos eram suspeitos de cobrar taxas altíssimas das pessoas que passavam por pontes, muros de uma cidade ou uma fronteira. Provavelmente por isso Zaqueu tinha acumulado uma pequena fortuna. Quando ele ouviu que Jesus viria, quis vê-lo. O que pode ter despertado esse desejo? Ele tinha ouvido falar de Jesus e do seu jeito amoroso de ir ao encontro das pessoas? Existia no fundo de seu coração o desejo de receber um olhar amoroso de Jesus, porque ninguém mais gostava dele ou o amava?

Já que ele era baixo e temia ser ignorado pela multidão, subiu numa árvore. Quando Jesus se aproximou daquela árvore aconteceu o inesperado: Jesus lhe deu mais do que um olhar amoroso. Ele viu Zaqueu, o chamou e lhe disse que naquele dia seria seu hóspede. Podemos imaginar que esse convite de Jesus causou surpresa e até mesmo irritação nos outros: Lá vem o famoso curador, o Messias, como diziam alguns, e senta à mesa de um homem que, como todos sabem, é um homem desonroso.

Hoje essa história se repete nos encontros do Papa Francisco com as pessoas. Por exemplo, em suas famosas visitas nas sextas-feiras, ele aparece repentinamente e sem aviso às pessoas que estão sofrendo. Lembro-me da surpresa na Semana Santa de 2013, quando o papa não celebrou a liturgia da Quinta-feira Santa no Vaticano, mas numa prisão, onde lavou os pés de muçulmanos. Esse gesto do Papa Francisco lhes mostrou que ele os vê, que ele conhece suas necessidades e seu sofrimento, assim como Jesus tinha feito 2.000 anos antes na casa de Zaqueu.

Nesse encontro com Jesus, ocorre em Zaqueu a transformação inesperada: estando na casa de Zaqueu, este decide devolver em dobro

todo o dinheiro que tinha recolhido em excesso. Além disso, anuncia que doará metade de sua fortuna. As pessoas costumam pensar que elas precisam ser sem pecado ou “santas” antes de encontrar Deus. Aqui, porém, o caminho é invertido: Deus encontra e se revela às pessoas em seu Filho Jesus na situação de vida atual; Ele não espera uma perfeição moral, mas as aceita, aproximando-se delas amorosa e misericordientemente; Ele encontra Zaqueu e vai até sua casa.

Eu acho interessante o que Jesus diz a Zaqueu:

Hoje devo ficar em tua casa (Lc 19,5).

Parece que Jesus não tem como não agir assim. Existe nele um impulso que o obriga a fazer isso. Parece fazer parte de seu ser, de seu caráter, mostrar e doar a proximidade de Deus àqueles que estão à margem. E esse pode ser o momento em que uma pessoa se transforma e decide recomeçar, porque experimentou aquilo que mais desejou: o amor e a aceitação incondicional: Eu sou aceito do jeito que sou.

A mulher junto ao poço de Jacó

Nessa história bíblica, Jesus está descansando junto ao poço de Jacó, quando aparece uma mulher samaritana para buscar água. Nos tempos de Jesus, essa era a tarefa das mulheres. Jesus fala com ela e lhe pede um pouco de água. Na época, era um tabu cultural e religioso um homem dirigir a palavra a uma mulher (incrédula) e pedir água a ela. O que tornava a situação ainda mais grave era que essa mulher era samaritana. Para os judeus, os samaritanos eram pessoas pagãs e incrédulas. Eles tinham seus deuses, mas não adoravam exclusivamente o Deus judeu Javé. E é com esse tipo de mulher que Jesus entra em contato; Ele volta sua atenção para ela. No decurso de sua conversa, a mulher pergunta a Jesus o que seria o certo: alguns dizem que Deus só pode ser adorado no templo em Jerusalém, mas seus antepassados teriam adorado Deus no Monte Garizim, aos pés do qual se encontra o poço de Jacó. Jesus lhe responde que Deus é Deus e é adorado no espírito. Com isso, Ele assume uma posição inequívoca e manifesta sua convicção de que Deus não está preso a um lugar. Em

outro lugar, Jesus afirma que o Espírito de Deus sopra onde quer. Deus não está preso a nenhum lugar geográfico, as pessoas podem encontrá-lo em qualquer lugar. Deus não pode ser preso ou limitado dogmaticamente. Os pontos de vista de Jesus são realmente revolucionários para o seu tempo. E essa revolução impregna toda a sua proclamação. Ele amplia o conceito de Deus, que, até então, estava intimamente ligado à fé judaica e à adoração de Javé no templo, e deixa claro: Deus não pode ser fixado, Ele não se submete aos seres humanos. Mas aquele que deseja procurar e encontrá-lo pode fazer isso em qualquer parte, tanto no templo quanto em qualquer outro lugar.

Os discípulos de Jesus

As pessoas que Jesus chamou para que o acompanhassem e seguissem eram simples artesãos ou pescadores. Quando vejo as demandas que são feitas àqueles que desejam seguir Jesus como sacerdotes, esses discípulos de Jesus não teriam nenhuma chance. Como pescadores, conheciam o seu mar e sabiam onde podiam pescar determinado tipo de peixe. Essa era a maneira como sustentavam sua família. Quando Jesus começou a pregar publicamente, viajou primeiramente pelas aldeias e cidades às margens do Mar da Galileia.

É interessante que a Bíblia diz que todos os seus discípulos largaram tudo imediatamente e o seguiram assim que os convidava a acompanhá-lo. O que pode tê-los convencido a seguir um jovem até então desconhecido? Era o seu carisma, era a clareza de sua proclamação ou será que a notícia já se tinha espalhado de que Ele era um homem especial que ensinava como alguém que tinha o poder divino?

Os discípulos foram chamados em seu dia a dia, porque é justamente ali que Jesus os encontra. E novamente Ele surpreende as pessoas, indo ao seu encontro e as convidando, do jeito que são. Através do seu encontro com Ele, as pessoas entram em contato com uma outra dimensão de sua vida. Elas devem ter sentido que Ele tinha algo a lhes dizer, algo que não tinham encontrado em nenhum outro

lugar – e talvez nem tinham percebido até então que estavam à procura daquilo.

No entanto, havia muitas outras pessoas – além dos 12 apóstolos – que acompanhavam Jesus. Em outro lugar, a Bíblia nos diz que Jesus enviou 72 discípulos. O importante aqui é que esses 72 são enviados em pares; nenhum precisa partir sozinho, um deve fortalecer o outro. Quando um deles perder o rastro de Deus em sua vida, quando estiver deprimido ou desanimado, quando as pessoas o rejeitarem em vez de aceitá-lo com alegria, o outro deve encorajá-lo, fortalecer, oferecer sua ajuda e esclarecer sua visão. O próprio Jesus dirá mais tarde:

Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei ali no meio deles (Mt 18,20).

Ninguém deve acreditar que está sozinho e abandonado – nem por Deus. Ele se revela justamente na presença de outra pessoa que nos encoraja e fortalece. Em uma de suas palestras na Praça de São Pedro, o Papa Francisco disse: “Jesus não aceita quando alguém passa a vida inteira com a ‘tatuagem’ de que ninguém o ama de verdade”. E é justamente disso que se trata: a experiência de ser amado. A maneira mais simples de experimentar o amor de Deus é o amor de outra pessoa, porque esse amor é palpável.

A Bíblia fala também de mulheres que acompanhavam e apoiavam Jesus. Uma delas é Maria Madalena, que, na Igreja Católica, possui o título oficial de *apóstola dos apóstolos*. Apóstolo significa primeiramente “testemunha da ressurreição”. Os discípulos de Jesus, que o acompanharam durante sua vida e que caminharam com Ele pela Galileia e para Jerusalém, mais tarde foram chamados de “apóstolos”, porque encontraram o Ressurreto e o proclamaram.

Mas Maria Madalena foi a primeira a encontrar Jesus após sua ressurreição. A Bíblia diz que dela saíram sete demônios. Na época, demônios eram vistos como forças que reduziam e limitavam a força de vida das pessoas. Podemos partir do pressuposto de que Jesus curou Maria Madalena devolvendo-lhe a força vital plena e que ela então o acompanhou. Ela é, portanto, também uma das pessoas que foram encontradas por Jesus. Na manhã da Páscoa, após a sua morte,

Jesus volta a dirigir a palavra a ela; Ele a encontra mais uma vez. Nessa situação, Maria Madalena é uma pessoa que procura; ela está procurando o corpo de Jesus para ungi-lo, como era o costume na época. Quando ela abre o túmulo, o corpo de Jesus não está mais ali; então se dirige a um homem que ela acredita ser o jardineiro, perguntando-lhe se ele sabe quem poderia ter levado o corpo. Maria Madalena não reconhece que é Jesus que está falando com ela. Apenas quando Ele a chama pelo nome, seus olhos se abrem. Jesus diz apenas: “Maria!” Ao dizer o seu nome, ela deve ter reconhecido o amor, o afeto que Jesus tinha por ela, pois o reconhece imediatamente. Ela se volta para Ele e o chama de *rabbuni*, mestre. Maria o reconhece pela sua voz. Ela encontra aquele que ela estava procurando e que sua alma ama.

Nesse encontro e no conhecimento de que aquele que ela acreditava ter morrido está vivo, recebe a coragem e a força para dizer a todos que Jesus vive. O fato de, ainda hoje, ela ser chamada a *apóstola dos apóstolos* é um reconhecimento que não deve ser subestimado. Os discípulos de Jesus se esconderam quando Ele foi pregado na cruz, enquanto as mulheres ficaram do seu lado. O Evangelho de João nos conta que ao pé da cruz estavam sua mãe, a esposa de Cléofas, que também se chamava Maria, e Maria Madalena. Elas permaneceram ao lado daquele que as tinha encontrado, que as tinha convidado a acompanhá-lo. Elas sentem e sabem quem é esse Jesus, e não permitem que o medo as domine.

Depois da Páscoa, depois da ressurreição de Jesus, os discípulos também voltam a ser encontrados e enviados por Ele. Mas o que todos os discípulos têm em comum é que eles seguiram Jesus incondicionalmente e sem questionar sua missão ou seu ensinamento. Todos eles desejam compartilhar com o mundo as suas experiências com Deus e com Jesus até o fim – mesmo sob o risco de morrerem por essa fé, por essa experiência de terem sido encontrados por Deus.

Jesus

O espaço cultural de Israel no qual Jesus cresceu era totalmente

diferente do espaço cultural da Europa Ocidental. Eu percebi isso claramente quando estudei aramaico, a língua de Jesus. É uma língua cheia de imagens, uma língua poética, e cada palavra, cada oração pode ter vários significados. Neil Douglas-Klotz, teólogo norte-americano, estudou a língua aramaica durante muitas décadas e se ocupou principalmente com o Pai-nosso, a oração mais famosa de Jesus. Ele apoiou suas pesquisas numa versão aramaica do Novo Testamento do século II. É muito provável que o Pai-nosso ali registrado corresponda ao texto que Jesus rezou e ensinou aos seus discípulos. Aqui, quero falar apenas das primeiras linhas. Na versão conhecida, o texto diz: “Pai nosso que estais nos céus”.

Em uma de suas palestras, o Papa Francisco observou que a grande revolução do cristianismo consiste no fato de que Deus é um Pai do qual as pessoas não precisam ter medo. Deus nada mais é do que aceitação amorosa. Como essência da oração cristã, o papa identificou a “coragem de chamar Deus pelo nome de Pai”. Isso significa a proximidade íntima entre Deus e o ser humano, a mesma que existe entre uma criança e seu pai. O fato de que, no nosso espaço cultural, Deus ainda é chamado primariamente como Pai se deve certamente à imagem do mundo patriarcal no qual a fé monoteísta se desenvolveu. Mas Deus é também mãe, e não deve ser limitado à sua masculinidade. Isso se torna bastante claro quando analisamos a versão original da oração.

Na versão aramaica, o Pai-nosso é iniciado pela palavra *Abwun*, que não possui gênero específico, mas que significa pai e mãe – e muito mais. Uma tradução literal seria: “Ó paridor (parideira)! Pai-mãe do cosmo”. Deus é visto como uma grande unidade de pai e mãe, que é paridor e parideira. Dela emerge o cosmo, dela nasce a criação. Dela fluem força e bênção para a criação e para o cosmo. Essa força une a criação à unidade de paridor e parideira. O próprio Jesus parte, então, de uma unidade do cosmo, na qual tudo que vive está ligado com sua origem, com Deus.

Hoje em dia, muitas pessoas imaginam dois lugares “geográficos” diferentes quando falam do céu e da terra, mas o pensamento de Jesus é marcado pela unidade, ou seja, pelo fato de que, em cada momento,

tudo está conectado com sua origem divina. Em seu entendimento, céu não significa um céu “no alto”, como o ser humano percebe. Céu é uma outra palavra para Deus e sua presença. Céu é a grande unidade divina, da qual surgiu o ser humano no começo e foi enviado para a sua vida terrena.

Como o judaísmo e o cristianismo na narrativa sobre a expulsão do paraíso, outras religiões também conhecem narrativas da criação, em cujo decurso o ser humano perde sua unidade divina original e passa a viver numa dualidade. Por isso, o maior anseio do ser humano é reencontrar essa unidade, de superar a separação e a ruptura. Isso é o essencial: voltar para a unidade original com Deus.

Durante muito tempo a Igreja confrontou o ser humano com sua pecaminosidade e, muitas vezes, o diminuiu. Mas pecado significa nada mais do que separação. Existem situações em que o ser humano não percebe e não pode perceber seu vínculo com Deus, em que ele é tomado pelo medo de que Deus não o ama, de que Deus está irritado com ele, de que ele, como ser humano, não pode ser amado, de que jamais encontrará a saída de seus bloqueios e padrões. Mas Deus não se separa nem recua. Ele está sempre presente no mundo, na criação, no ser humano. O que importa é o retorno da nossa consciência para a unidade com Deus ou a descoberta de que não existe nada que realmente possa nos separar dele. Por isso, não precisamos procurar Deus – Ele não se esconde. Ele deseja ser encontrado e redescoberto; jamais para de bater à nossa porta, de chamar a nossa atenção para se relacionar conosco.

Isso se torna ainda mais claro em outra passagem dos evangelhos. Jesus diz:

Mas quando rezares, entra no teu quarto, fecha a porta e reza ao teu Pai que está no oculto (Mt 6,6).

Isso pode ser entendido, de um ponto de vista moral, como distanciamento dos hipócritas, que gostam de se exhibir e ser vistos pelos outros. No nível das imagens da língua aramaica, porém, essa instrução pode ser entendida também como: “Entra no quarto do teu coração”. Em outras palavras: “Entra no teu espaço interior, no espaço

em que Deus Pai/Mãe te aguarda”. Isso também significa que Deus encontrou o ser humano, que Ele está presente dentro dele.

Isso se mostra de outra maneira quando Jesus aparece aos seus discípulos depois de sua morte e ressurreição e os envia ao mundo inteiro para que proclamem a sua Boas-novas. Ele sopra sobre eles e diz:

Recebei o Espírito Santo (Jo 20,22).

O Espírito de Deus é mencionado no início da criação. Ele é a força que ordena e que dá uma ordem ao caos. O Espírito age no cosmo inteiro e, portanto, também no ser humano. Nesse momento, Jesus o transmite para os seus discípulos, por meio de seu sopro, e eles o transmitem para aqueles que ouvem a Boa-nova e a proclamam.

Na narrativa de Pentecostes (At 2,1-4) encontramos outra imagem de como os discípulos de Jesus foram preenchidos com o Espírito de Deus; o texto fala de línguas de fogo que descem sobre os discípulos. É uma imagem de como esse Espírito incendiará e fará arder essas pessoas. E os discípulos de Jesus encontram a coragem para ir até aos confins do mundo para compartilhar com as pessoas aquilo que experimentaram com Deus e Jesus.

A palavra aramaica *Abwun*, mencionada acima, pode ter também outro significado: “Ó Tu! Vida que respira em tudo!” Deus não está apenas próximo do ser humano, Ele não só o procura e encontra em seu dia a dia concreto, mas é também uma força que vive e respira nele. É o Espírito de Deus e, portanto, o próprio Deus que vive no ser humano. Quando respiramos, Deus respira em nós.

Descobrir Deus

Não procure, encontre!

Encontrei a seguinte declaração interessante de Pablo Picasso: “Eu não procuro, eu encontro”. Podemos nos perguntar: Mas isso não é exatamente a mesma coisa? Aquele que procura não deseja encontrar? Creio que a mensagem dessa citação de Picasso seja o *ponto* de vista. Muitas pessoas investem muita energia na procura. Algumas procuram a vida inteira e nunca encontram, jamais alcançam seu destino e, por isso, permanecem insatisfeitas. Aquele que procura com o pensamento – Eu encontrarei – está disposto também a alcançar sua meta, a encontrar e perceber: É isso que eu estava procurando.

Isso me lembra um pouco o lema que esteve em moda por muito tempo: “O caminho é o destino”. É verdade. Mas o que é um caminho sem um destino real? É claro que precisamos valorizar o caminho e as experiências essenciais que fazemos enquanto o percorremos. Eu não seria o mesmo sem as experiências que fiz no Caminho de Santiago. A vida exige partidas, despedidas de caminhos que não servem mais, mas precisamos também do encontro, da chegada.

Em relação a Deus, isso pode significar que precisamos abrir mão de concepções velhas, de pensamentos enrijecidos sobre como Ele deve ser, como quero que seja. Também significa estar disposto a ser surpreendido por Deus, como o fizeram não só os personagens do Antigo Testamento quando o encontravam, mas principalmente as pessoas que tiveram contato com Jesus. Todas elas têm em comum que Deus as encontrou em lugares e momentos em que menos esperavam. E também que nem estavam à procura de Deus, mas que Ele as encontrou. Muitas vezes procuramos Deus apenas nos lugares mais evidentes: em igrejas, em missas, em santuários, em

peregrinações etc. E nos esquecemos de que, muitas vezes, Deus nos encontra onde nem o procuramos ou onde encerramos nossa busca e permitimos que Ele nos encontre. Ou quando assumimos esta postura: “Eu não procuro, eu encontro”.

A seguir, quero contemplar alguns desses lugares de encontro com Deus.

Encontrar Deus em mim

O ser humano como imagem de Deus

Ultimamente tenho me envolvido em várias discussões que giravam em torno da pergunta se Deus é masculino ou feminino ou se Ele não se encaixa nessas categorias, já que é maior e superior a isso, aquele que transcende as categorias humanas. Quando leio a afirmação bíblica de que o ser humano é a imagem de Deus e que foi criado como homem e mulher, isso significa para mim em primeiro lugar que Deus possui qualidades masculinas e femininas. A psicologia moderna expressa o fato de que o ser humano, como imagem de Deus, possui partes femininas e masculinas, e, portanto, possui a responsabilidade de integrá-las em sua personalidade.

A psicologia usa a palavra *animus* para se referir ao lado masculino e a palavra *anima* para o lado feminino.

Segundo a convicção cristã, Deus se tornou homem em Jesus, que diz:

Quem me viu, viu o Pai (Jo 14,9).

Mas isso não significa que Jesus esteja se referindo à sua masculinidade. O fato de Ele ter sido homem não permite concluirmos que Deus é apenas homem, mesmo que tenha sido representado dessa forma durante séculos – sem falar das imagens que o mostram como avô bondoso com barba branca, e não como juiz severo e claro, ou como um jovem musculoso.

A declaração de Jesus sobre si mesmo tem a ver mais com seu caráter e com sua conduta em relação às pessoas do que com aspectos externos. Em Jesus, podemos reconhecer como Deus é; sua conduta

nos diz como Deus se relaciona com o ser humano. Todas as imagens que Jesus usa para falar de Deus são concretizadas pela sua forma de se relacionar com as pessoas, ou seja: Jesus fala de Deus, o Pai misericordioso que acolhe o filho que gastou toda a sua fortuna; Ele fala de Deus, o pastor que procura cada ovelha perdida. E é exatamente assim que Jesus age. Em seus encontros com as pessoas, Ele sempre as olhava com misericórdia, amor e atenção. Às vezes, também com tristeza; quando alguém que queria segui-lo sentia que não conseguiria fazê-lo. E quando Ele chega na casa de seu amigo Lázaro, que tinha falecido, fica profundamente abalado. Em Jesus, Deus se revela como aquele que sofre com o ser humano, que se comove com seu sofrimento e necessidade; Ele se revela como aquele que dá amor e atenção ao ser humano, que o ergue, encoraja e cura. Mas Jesus também é o homem determinado, desafiador. Em vários lugares no Evangelho Jesus diz claramente: “Levanta-te!”

Por trás disso está sua vontade firme de que o outro se erga e encontre a força para seguir o seu caminho. Se o ser humano é a imagem de Deus, então cada pessoa pode evidenciar como Deus é; cada um pode se voltar para o outro com seus aspectos femininos e masculinos, pode erguê-lo, fortalecer e encorajar a se levantar e seguir seu caminho. Até hoje este é o fundamento da dignidade singular do ser humano: Já que ele é a imagem de Deus, foi criado por Deus de forma singular e é infinitamente valioso para Deus.

Quando o ser humano se compreende como essa imagem, ele pode encontrar em todas as qualidades e habilidades de Deus aspectos em si mesmo que se revelam em partes masculinas e femininas. Mas como imagem de Deus, o olhar não se volta apenas para dentro. Também em sua beleza externa, em sua face incrivelmente diversa que vemos nos rostos deste mundo podemos sentir sua criatividade, sua diversidade, sua vastidão. Dos 7 bilhões de pessoas que vivem nessa terra, ele criou cada uma de forma muito singular e diferente.

O ser humano como espaço de Deus

Em Pentecostes de 2017, a nossa abadia realizou um simpósio

intitulado “Pontes para Deus”, para mostrar os caminhos para Deus na tradição do cristianismo, islã e judaísmo. Todas as três religiões abraâmicas acreditam num Deus, mas dão a ele nomes diferentes. Para os judeus, o nome de Deus é sagrado e não pode ser expressado; os cristãos o chamam Deus ou Javé (“Eu estou Aqui”) e os muçulmanos o chamam Alá.

Uma palestra de uma professora de Ciência Islâmica era intitulada “Mais próximo do que a minha artéria carótida”. Esse título se refere a uma expressão no Alcorão na qual Deus (Alá) diz sobre si mesmo que Ele é mais próximo ao ser humano do que sua própria artéria carótida. No domingo, após a Missa de Pentecostes, um dos participantes me falou com entusiasmo dessa palestra. Ele é médico e refletiu muito sobre o título; sobre a importância da artéria carótida para o ser humano: ela é indispensável, representando a vida. Quando é ferida ou se rompe, por exemplo, por causa de um aneurisma, o ser humano pode morrer dentro de pouquíssimo tempo. Por isso, a artéria carótida é um dos pontos mais sensíveis do corpo humano. O médico ressaltou que para ele a artéria carótida também lhe era próxima emocionalmente, porque dela depende a vida, porque ela lhe mostrou o quanto ele valoriza a vida e o quanto deseja desfrutar dela, justamente porque ela pode terminar subitamente.

Creio que essa citação do Alcorão deseja expressar que Deus é muito mais próximo do ser humano do que essa artéria vital. Em termos emocionais, isso significa que Deus se sente intimamente ligado ao ser humano, estando ao seu lado e dentro dele. Certa vez, Tomás de Aquino o disse da seguinte forma: “Deus é mais próximo de mim do que eu mesmo”. Ainda hoje, a proclamação da Igreja diz que existe uma distância, até mesmo um abismo, entre Deus e o ser humano que não pode ser superada. Deus é o Deus grande e soberano diante do qual o ser humano é pequeno e pecaminoso. Mas essa imagem do Alcorão nos mostra um Deus diferente: um Deus mais íntimo, como unidade com o ser humano, assim como este é um com sua artéria carótida. Para que o ser humano viva, ele precisa dessa artéria. Mas vale também o inverso: sem o ser humano, essa artéria não vive. Ambos precisam um do outro. Portanto, vale também: Deus

precisa do ser humano e o ser humano não existe sem Deus.

Numa homilia, um confrade disse certa vez que Deus é um “amigo passional do ser humano”. Ele cunhou essa expressão tendo como pano de fundo seu significado na língua alemã, fazendo uma analogia com “chefe passional”, “jardineiro passional”. Isso expressa uma pessoa que se dedica à sua profissão e ao seu *hobby* com paixão e dedicação. E Deus faz o mesmo com o ser humano e sua amizade. Mas numa amizade Deus não pode desejar criar um abismo entre Ele e a pessoa amiga, Deus não pode querer se distanciar ou se manter distante dela. Esse suposto abismo entre Deus e o ser humano teve sua origem no desejo de ressaltar a pecaminosidade do ser humano e a santidade de Deus.

Em minha percepção, porém, Jesus ressalta justamente o amor e a amizade de Deus com o ser humano, a despeito da fraqueza deste. Jesus reintroduziu todos os que Ele encontrava nessa amizade e lhes mostrou que, independentemente daquilo que tinham feito, nada podia separar Deus deles. Uma declaração de Jesus que, na minha opinião, é negligenciada é esta:

Na verdade eu vos digo: quem crê em mim fará também as obras que eu faço, e fará maiores ainda do que essas (Jo 14,12).

Às vezes, eu me pergunto: O que acontece num ser humano quando este percebe e aceita a ideia de que Deus já o alcançou, já está com ele, já está tão próximo dele quanto seu melhor amigo. Muitos místicos descreveram a relação do ser humano com Deus com imagens eróticas – cheias de amor, erotismo, intimidade e familiaridade.

Sem ser um especialista, eu entendo a declaração do Alcorão e a declaração de Deus ou de Alá exatamente assim: Quando Deus é mais próximo do ser humano do que sua artéria carótida, Ele o conhece plenamente. Trata-se mais de uma declaração simbólica do que biológica. Deus está próximo porque Ele também está presente em meu corpo.

Mas isso significa também: para o ser humano, a artéria carótida é de importância vital, e Deus também. Posso chamá-lo de artéria carótida; como cristão eu diria: o Espírito de Deus no ser humano.

Deus está intimamente ligado ao ser humano. Nesse caso, porém, o ser humano é muito mais do que uma imagem de Deus, é muito mais do que uma imagem desta ou daquela qualidade de Deus. Deus está unido com o ser humano, também no sentido íntimo e amoroso. Ele mesmo está no ser humano.

Podemos realmente falar de uma revolução que o cristianismo desencadeou aqui. Nos tempos de Jesus, os judeus viam Deus como o Santíssimo que vive no céu. No templo em Jerusalém se encontrava a chamada arca da aliança, que continha as tábuas com os Dez Mandamentos, que Deus tinha dado a Moisés no Monte Sinai. Elas simbolizavam a presença de Deus no templo. Mas apenas os sacerdotes podiam entrar no local em que a arca era guardada.

Por isso, nos círculos em que Jesus vivia, a ideia de que o ser humano poderia viver em proximidade íntima com Deus era quase uma blasfêmia e gerou resistência e protesto. Jesus mostra com sua conduta e sua autoimagem que Deus pode ser vivenciado como ser humano e Ele deseja ser vivenciado dessa forma por meio de todos os seres humanos. Jesus não procurou os sacerdotes e estudiosos bíblicos, mas se voltou para as pessoas às margens, para aquelas que haviam chegado ao fundo do poço da sociedade.

Paulo, um dos proclamadores mais empenhados da fé cristã no primeiro século depois de Cristo, escreve em uma de suas cartas:

Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? (1Cor 3,16).

Aquilo que antigamente era o templo em Jerusalém é, agora, o corpo do ser humano. O corpo é o espaço, é o lugar da presença de Deus. No início do Evangelho de João encontramos a famosa declaração:

A Palavra se fez carne (Jo 1,14).

Isso se refere primeiramente a Jesus, mas o que ela quer dizer é que isso deve acontecer em cada ser humano. A Palavra de Deus, o próprio Deus, deve ser vivenciado e percebido no ser humano. A palavra com a qual Deus criou tudo no início se fez carne em Jesus.

Esse versículo no Evangelho de João pode ser traduzido também desta forma: “O som se fez carne”. Antes da palavra já existia o som de Deus, o som de Deus no universo, que então formou e formulou uma palavra. Quando parto do som, o som de Deus se transforma em palavra na pessoa de Jesus e no ser humano. Devemos ouvir Deus não só na palavra, mas em todo o ser de uma pessoa. Não é a toa que falamos de uma melodia linguística, do som de uma voz; quando uma pessoa fala ouvimos seu humor, sentimos se ela está falando de forma autêntica, se está expressando seu íntimo, e não só repetindo palavras de outros.

Em seu corpo, o ser humano é espaço de ressonância e melodia, no qual ouvimos o som de Deus e no qual ele pode descobrir e encontrar seu Deus.

Deus no corpo

Se o corpo do ser humano é espaço de ressonância de Deus ou, nas palavras de Paulo, “templo sagrado”, então o ser humano não pode menosprezar o corpo. Na língua alemã existem duas palavras para corpo: *Leib* e *Körper*. *Leib* expressa que o ser humano é uma unidade de corpo e alma. Em outras palavras: O *Leib* não é apenas uma figuração biológica, cujas funções garantem a sobrevivência do ser humano, mas um ser com sentimentos, um ser que sente, ama, se entristece e se alegra. Mas o ser humano só pode expressar tudo isso através do corpo. Hoje, a ciência sabe que tudo que o ser humano sente, tudo que ele sofre, tudo com o qual ele se alegra e lhe causa dor é armazenado não só na alma, mas também no corpo, na pele; que o corpo também possui *órgãos de memória*.

Durante muito tempo, porém, o cristianismo desdenhou o corpo. Ele não era visto como unidade, falava-se de um dualismo de corpo e alma. Na verdade, esse dualismo tem suas origens no platonismo grego e se tornou decisivo no ensino cristão quando o cristianismo foi introduzido no espaço cultural grego. A fim de comunicar aos gregos a Boa-nova do estilo de vida cristão foram usados conceitos e pensamentos platônicos que, por sua vez, influenciaram o ensino

cristão. Assim, a alma se transformou naquilo que precisava ser salvo, que ela deveria ser preparada e formada para a vida eterna. Todos os impulsos e desejos físicos precisavam ser amortecidos e controlados, incluindo a maior força no ser humano: a sexualidade. A formação da alma se tornou mais importante do que a formação e educação do corpo. Alegrar-se com o corpo, desfrutar de comida e bebida e sentimentos era visto como mundano. No fundo, porém, o cristianismo é uma religião profundamente “sensual”, pois o que se expressa na celebração da Eucaristia, na qual compartilhamos pão e vinho e na qual podemos degustar, saborear e sentir a proximidade e o amor de Deus?

No dualismo de corpo e alma, as necessidades do corpo e sua percepção são negligenciadas, e exercícios ascéticos são impostos ao homem. Isso contribuiu em medida decisiva para que o ser humano, ainda hoje, fosse percebido como uma criatura dotada de corpo e alma – não como unidade, mas como dois lados diferentes que se combatem mutuamente.

Ainda hoje acredita-se que, na morte, o corpo do ser humano é separado de sua alma – o que é correto sob o ponto de vista biológico. Nenhum ser humano ousaria afirmar que o corpo biológico participará da ressurreição. Na Bíblia, Paulo fala do corpo da ressurreição, de um corpo “supraterreno” que o ser humano receberá quando ressurgir dentre os mortos no fim dos tempos. O que ele pretendia dizer com isso é isto: o ser humano continuará a viver com todas as suas experiências; nenhuma das experiências gravadas em seu corpo permanecerá ignorada, desrespeitada e rejeitada. Para a vida de um ser humano, isso significa que o corpo e a alma formam uma unidade inseparável, o *Leib*. E esse *Leib* é a morada de Deus.

Descobrir e encontrar Deus significa, então, voltar-se para o próprio corpo e respeitá-lo como criação e morada de Deus. Significa aceitá-lo como ele é. Também significa aceitá-lo em seu envelhecimento, na forma que ele assumiu com o decorrer do tempo. A aceitação depende da vida que se expressa, da dignidade que foi preservada em todas as dificuldades, depende das experiências de vida que foram gravadas no corpo e ali se manifestam – também nas rugas

que se formaram no corpo em tempos de sofrimento e preocupação.

Para mim, é infinitamente valioso que, no sepultamento cristão, em determinadas regiões há o costume de incensar o caixão. Incenso é a queima de resina preciosa. Esse ritual expressa: esse corpo era valioso. O aroma agradável do incenso é também expressão da salvação divina; esse corpo era um lugar da salvação divina. O que precisamos fazer é encontrar nosso lar no corpo e aceitá-lo como corpo de ressonância de Deus.

Em conversas de aconselhamento, muitas pessoas me falam de suas dificuldades de sentir o seu corpo, de percebê-lo e de sentir-se em casa nele. É um caminho gratificante ajudá-las a encontrar as causas disso e a derrubar os bloqueios que elas ergueram. É interessante descobrir o próprio corpo e imaginar quantos músculos, tendões, artérias e veias que o constituem, e como eles precisam cooperar dia após dia para que possamos nos levantar, trabalhar e rir. Descobrir como a alma se expressa por meio do corpo, que é um milagre, e que nenhum ser humano existe duas vezes nesta terra. Cada um é singular, em seu corpo e alma. Cada ser humano é uma criatura singular de Deus. Por isso, vale para cada ser humano o que vale para Jesus: nele Deus se fez homem.

Mas como podemos entrar em nosso corpo? Nesse sentido quero mencionar dois aspectos:

Hoje em dia, muitas pessoas praticam a meditação, existindo muitas formas e correntes. Uma das mais conhecidas é a meditação zen. Ela tem suas origens no Japão, mas, ao longo das últimas décadas, desenvolveu-se também uma forma cristã do zen no Ocidente: a pessoa que medita *se senta no silêncio*. Ela se senta numa almofada ou numa cadeira. Uma postura ereta lhe permite uma percepção boa e consciente de seu corpo, e é disso que se trata no zen: sentir-se bem no corpo, como também o espaço de ressonância do corpo e a presença de Deus. Muitas vezes, os pensamentos vagueiam, perdendo-se no futuro ou no passado. Mas assim que percebemos que não estamos mais na presença da posição sentada, tentamos voltar para o corpo. Por isso, a pessoa que medita se concentra na respiração e na percepção da respiração. O fluxo e a percepção do fluxo da

respiração a ajudam a voltar para a percepção do corpo.

Em hebraico, a respiração é chamada *ruah*, significando espírito. Quando o ser humano respira, o Espírito de Deus, sua força vital, flui pelo seu corpo.

Talvez você já percebeu isso: Sente-se cheio de força e energia, em harmonia consigo mesmo. Essa é a sensação que temos quando estamos cheios do Espírito, da força de Deus. Muitas vezes, o cristianismo exigiu e exige o contrário: ser educado e se conformar. Mas que força é o Espírito de Deus se o cosmo foi criado por meio dele; se, na força de Deus, ocorrem curas, demônios são expulsos e mortos são ressuscitados! Que força é essa que percebemos quando a força da respiração incha o peito e o enche com ar e espírito! A meditação é um caminho para se vivenciar como ser humano na força de Deus. O decisivo é a percepção da respiração.

Podemos fazer isso também durante uma caminhada, quando estamos sentados ou quando respiramos fundo para recuperar o fôlego.

Uma segunda ideia: uma vez por semana eu me encontro às 7h com nossos hóspedes na Casa Recollectio. Normalmente, quando o tempo permite, vamos para junto da natureza. Num local calmo e protegido, convido todos a perceberem seu corpo. Sempre começo levando-nos a perceber que estamos na natureza exatamente como somos e nos sentimos naquele momento: cansados, atentos, alegres, irritados, confusos. Mas, independentemente de como nos sentimos, estamos ligados à terra por meio dos pés. Então, imaginamos que estamos arraigados naquele lugar, que somos uma árvore com raízes profundas na terra. Sentimos a nossa firmeza, que temos “chão sob nossos pés” e que a terra e a criação de Deus nos sustentam. Outro aspecto é: naquele lugar em que me encontro ninguém mais pode estar. Aquele é o meu lugar, o lugar que eu ocupo. Às vezes, peço que as pessoas estendam seus braços, lentamente, para que percebam toda a sua envergadura. Quando os braços estão na horizontal, percebemos que esse espaço em nossa volta é, agora, o nosso espaço que podemos ocupar. É maravilhoso fazer experiências por meio do corpo que também têm significado figurado na vida de cada pessoa: sentir a firmeza do solo, ter um lugar e espaço na vida, poder se desdobrar.

Junta-se a isso também a percepção consciente da natureza. No verão é maravilhoso ouvir o canto dos pássaros. No inverno, sentimos o ar frio da manhã. Na primavera, sentimos os raios do sol em nossa pele. E no outono, ouvimos as folhas caírem das árvores. Sempre fico impressionado com o número de barulhos e sons que podemos ouvir quando nos concentramos na natureza.

Em tudo isso eu me vivencio como um ser criado e em união com a natureza. A percepção dos membros do corpo (braços, peito, pernas) por meio do toque me permite perceber meu corpo de forma ainda mais consciente e entender a interação de seus membros.

No fim do exercício costumamos tocar a nossa cabeça e o nosso rosto com as pontas dos dedos. Nesse momento eu sempre peço que as pessoas percebam o rosto como imagem de Deus, como olhos por meio dos quais Deus olha para o mundo, como ouvidos que ouvem suas preocupações, suas alegrias e seus problemas, como boca que saboreia e compartilha suas palavras.

Então fazemos uma breve caminhada pela natureza, percebemos o sol na nossa pele ou meditamos sobre um riacho como o rio que nos convida a nos entregarmos para o fluxo da vida.

Esse exercício matinal sempre termina com uma reverência a Deus e sua criação, ao grupo e a nós mesmos. Eu me curvo diante de mim mesmo por ser como sou naquela manhã, com toda a minha história, com a história do meu corpo, da minha alma. É a história de Deus em mim, a história da salvação divina.

Autoaceitação

A autoaceitação, o amor-próprio, foi ignorada por muito tempo nos círculos cristãos. Tudo girava em torno do serviço ao próximo. As necessidades próprias – tanto físicas quanto psíquicas – não importavam e precisavam ficar em segundo plano em prol das necessidades dos outros. Muitas vezes, isso levou as pessoas ao esgotamento e ao sacrifício próprio. Isso ocorria com frequência principalmente nas ordens religiosas. Aceitar a si mesmo significa aceitar-se em dois aspectos: o próprio caráter, a própria biografia e o

próprio corpo.

Nas últimas décadas, minha própria percepção passou por um processo que, a princípio, se concentrou no indivíduo, em suas necessidades, seus dons e talentos, suas habilidades e seus recursos. Mas também no fato de que cada ser humano é uma obra de arte linda. Mesmo que alguém possa achar feia uma outra pessoa, esse juízo é determinado pelos seus próprios padrões de beleza e feiura. Como criatura singular de Deus, cada ser humano é lindo, é portador da face de Deus, e em seus olhos transparece algo de seu amor. É apenas uma questão de ponto de vista.

Prezo imensamente o fato de que a minha abadia dá muito valor ao desenvolvimento do monge individual e que cada monge recebe a ajuda necessária para fazer isso. Há mais de 20 anos, quando eu ainda estava na faculdade, visitei a abadia pela primeira vez e fiquei surpreso ao encontrar aqui tantos monges jovens que pareciam tão vivos, tão em harmonia consigo mesmos.

Para poder estar em harmonia comigo mesmo preciso primeiramente aceitar-me, com todos os meus lados bons e também difíceis. Quando Jesus diz:

Amarás o próximo como a ti mesmo (Mt 22,39).

é exatamente isso que Ele pretende dizer: eu posso me aceitar do jeito que sou – por dentro e por fora. Posso aceitar minha aparência, mesmo quando, por exemplo, preferiria ter um nariz diferente ou um corpo todo malhado. Posso me aceitar como aquele que foi formado por sua biografia pessoal. Muitos têm dificuldades com esses dois aspectos. Principalmente quando a nossa biografia contém muitas mágoas e experiências difíceis, podemos precisar de anos de acompanhamento intenso até conseguirmos nos aceitar.

A autoaceitação não pode simplesmente ser ordenada. Cada ser humano precisa construir voluntariamente um relacionamento consigo mesmo, com sua vida, sua história e também com seu corpo. Ele pode reconhecer também suas limitações quando deseja mudar tudo imediatamente e precisa aprender que alguns processos só avançam a passo de caracol. Cada ser humano precisa seguir seu próprio ritmo, o

passo de sua alma. É justamente nesse ponto em que as histórias sobre os personagens bíblicos no início do livro assumem um significado quase arquetípico. Todos vinham com sua “bagagem” e tinham a tarefa de aprender a viver com ela, de integrá-la em sua vida e de aprender que eram amados e aceitos por Deus, apesar de tudo. Abraão sofria com o fato de não ter filhos, Moisés sofria com o fato de ter assassinado um homem, José sofria com a suposta infidelidade de Maria, Maria sofria com o peso de sua tarefa, Zaqueu sofria com o fato de não ser respeitado e amado. Na língua alemã existe a expressão “Um ai sob cada teto”. Ela expressa que, em cada casa, em cada família, em cada lar, existe algo que pesa, que cada um precisa carregar sua própria bagagem: um golpe do destino, um sofrimento físico, um conflito, desemprego, necessidades financeiras, preocupações com os filhos, netos ou pais. Muitas vezes, essas necessidades representam um estigma social, as pessoas afetadas preferem manter a fachada bonita de sua vida a admitir que estão desempregadas, que seu parceiro se separou delas e de seus filhos ou que estão sofrendo de uma doença fatal. Assim, não só permanecem a sós com seu sofrimento, mas investem muita energia e força para manter seu mundo perfeito. Muitas vezes, não se trata apenas da reflexão: “O que os outros pensarão de mim?”, mas também e sobretudo disto: “O que pensarei sobre mim mesmo? Como conseguirei viver com o fato de ser assim – desempregado, doente, solitário?”

É um passo importante quando um ser humano consegue se aceitar completamente sem ter que esconder algo, nem de si mesmo nem de outros. Um pensamento que considero útil é que Deus permanece no ser humano, que é sua imagem; Deus permanece voltado para o ser humano.

Quando alguém tem dificuldades de aceitar sua própria história, especialmente quando se trata de estigmas sociais, pode ser útil dar outra olhada na Bíblia: a vinda de Deus em Jesus ocorre num estábulo. José, que, por causa da história de Maria e a criança, que não é sua, é ridicularizado em casa, precisa vivenciar que o nascimento ocorre no pior dos lugares. Será que ele se sentiu humilhado? Será que

conseguiu aceitar essa situação com facilidade? E Maria? O que ela sentiu?

A visita dos três reis que trazem presentes preciosos enobrece esse nascimento e mostra: o estábulo é um lugar com dignidade real. Por mais imundo que seja, nenhum lugar é indigno da presença de Deus.

Recentemente li um texto do místico Mestre Eckhart sobre o “esterco”:

O cavalo produz o esterco no estábulo, e mesmo que o esterco seja imundo e tenha mau cheiro, o mesmo cavalo o leva para o campo; e dele nascem o trigo e o vinho nobre, que jamais cresceriam assim sem o esterco. Bem, o teu esterco são suas próprias falhas que não consegues superar nem abandonar. Leva-o para o campo da vontade amorosa de Deus.

O esterco do estábulo que é levado para o campo ou para o jardim ajuda a gerar as mais lindas flores. É um estrume valioso. Não devemos entender isso como um consolo precipitado, mas devemos compreender a profundidade dessa imagem: para Deus, não existe lugar, não existe ser humano que fosse indigno dele. Nenhum ser humano precisa se envergonhar da sua história, do seu caminho, do seu corpo a ponto de perder toda esperança para o futuro. Muitas vezes uma pessoa sente um grande alívio quando ela pode contar toda a história de sua vida sem ser julgada. Nas histórias de cura na Bíblia, Jesus nunca fala do passado, nunca pergunta o que a pessoa fez ou deixou de fazer. Ele interage com a pessoa como ela é naquele momento, Ele a aceita como ela é. Em várias ocasiões Ele pergunta:

Que queres que eu te faça?

Em outras palavras: “O que deve acontecer, quais as perspectivas que devem se abrir? O que você precisa para que possa se curar, para que você possa se aceitar, assim como a vida é neste momento, como você é neste momento?”

Isso também mostra que nem todas as pessoas podem ser tratadas da mesma forma. É por isso que Jesus pergunta: “O que *você* quer que eu lhe faça?” Ele não se aproxima com um método predefinido, Ele não diz aos outros o que eles devem fazer. Muitas vezes nós somos confrontados com este tipo de conselho: “Coma coisas saudáveis, faça

exercícios, não beba demais”. Às vezes, parece que todo mundo sabe o que é melhor para mim – exceto eu mesmo. Mas Jesus olha nos olhos das pessoas e lhes pergunta o que elas desejam, o que elas esperam, o que elas acreditam estar precisando.

Em nossa abadia isso se expressa assim: somos 90 monges, todos em batinas pretas, mas dessas batinas surgem 90 cabeças diferentes. Aqui, o cristianismo nos oferece uma mensagem profunda: O indivíduo é respeitado em sua singularidade, como criatura singular de Deus e como moradia singular de Deus, com desejos e necessidades diferentes. Bento escreveu na regra da Ordem: O que faz bem a alguém pode fazer mal ao outro. O abade tem a tarefa de reconhecer o que cada um necessita para que sua alma e seu corpo possam se curar e desenvolver todo o seu potencial – para o bem de todos. Para Bento, o abade é um médico; e o mosteiro, um espaço em que cada um pode se desenvolver, em que cada um é aceito com suas falhas, em que cada um é visto como “lugar sagrado de Deus”, em que cada um fortalece o outro.

Nesse sentido, o mosteiro é um lugar protegido, que não pode ser projetado sobre o mundo “normal”. Mesmo assim, cada monge é convidado a voltar-se para si mesmo: para o seu corpo, para o seu potencial, para os seus talentos. O objetivo é saber quem eu sou de verdade, onde estão os meus limites, onde preciso mudar o meu pensamento... para então formular o que eu preciso e desejo. Mas é também um convite para se alegrar com a vida e consigo mesmo. Muitas pessoas nos visitam para experimentar isso: encontrar a si mesmas, a sua alma, aceitar sua biografia e descobrir o que ainda é possível.

O ser humano como cocriador

Hoje em dia temos uma responsabilidade especial para com a criação. Quando Deus a terminou – assim nos conta a Bíblia – Ele viu que tudo era bom. A criação não é algo acidental. A vida deve se desdobrar na terra, o ser humano deve proteger e preservar a criação, se multiplicar e se alegrar com ela. Tudo o que vive na terra é

impregnado da força e do espírito vital de Deus. Seu sopro da vida respira não só no corpo do ser humano, mas em tudo o que vive. A criação inteira deseja a vida e seu desenvolvimento.

Creio que nenhum homem o expressou de forma mais impressionante e convincente do que São Francisco de Assis. Ele via toda a criação de Deus como louvor a Ele. Sejam os pássaros com seu canto, a água com sua correnteza de vida, o fogo com seu calor, a terra com sua força vital, o sol com sua luz, a lua e as estrelas com sua clareza na noite – todos eles louvam a Deus. Francisco os chama de “irmã” ou “irmão”. Ele se sente intimamente ligado com todos eles porque são criaturas e criações de Deus – como o ser humano.

No nosso mundo atual, no qual tudo é possível e no qual o ser humano já não depende mais do ritmo da natureza num sentido existencial, esse vínculo e esse respeito à natureza precisa ser reaprendido. É a nossa responsabilidade que, também no futuro, a natureza, a criação sirva a toda vida, a alimente e possibilite sua multiplicação.

Em sua encíclica *Laudato Si'* o Papa Francisco ressaltou essa responsabilidade do ser humano. Justamente por não ser aleatória, mas por ser uma criação de Deus, a criação possui uma dignidade divina que precisa ser preservada a qualquer custo. Como lugar da presença de Deus, como lugar no qual reside e respira o Espírito de Deus, o ser humano compartilha desse Espírito criativo de Deus. O Espírito que nele habita é o mesmo que trouxe tudo à vida e que pairava sobre o caos no início da criação. Podemos falar aqui do ser humano como cocriador, como alguém que recebeu de Deus a missão de dar forma à força vital divina que ele carrega dentro de si. Por meio dele, Deus deseja ser experimentado e percebido como alguém que deseja e que serve à vida. Essa força criativa que o ser humano carrega dentro de si pode ser o lugar em que ele encontra Deus em si mesmo.

Quando Jesus soprou sobre os discípulos e lhes deu o Espírito de Deus, era exatamente isto que Ele pretendia: enchê-los com o Espírito vital de Deus para que eles saíssem pelo mundo e dessem uma forma à força divina no mundo, para que continuassem sua missão e

edificassem aquilo que Ele chamou de “Reino de Deus”.

Cabe, portanto, a cada ser humano participar na formação do mundo e de uma sociedade mais justa. Ninguém vive por si só e está sozinho nesta terra. Cada um é responsável pela sobrevivência da criação e da vida na terra e pelo convívio justo e pacífico dos seres humanos. Se cada ser humano é uma imagem de Deus, então cada ser humano é responsável pelos outros e por si mesmo.

Uma antiga oração cristã diz:

Cristo não tem mãos, apenas as nossas mãos, para fazer o seu trabalho hoje. Ele não tem pés, apenas os nossos pés, para guiar as pessoas em seu caminho. Cristo não tem lábios, apenas os nossos lábios, para contar dele às pessoas. Ele não tem ajuda, apenas a nossa ajuda, para levar pessoas para o seu lado.

E isso é o importante: Devemos usar as nossas mãos, os nossos pés, os nossos lábios e as nossas possibilidades para construir um mundo mais justo com a força criativa de Deus.

O poeta Angelus Silesius escreveu:

E se Cristo tivesse nascido mil vezes em Belém, mas não em ti, tu estarias perdido para sempre (Cherubinischer Wandersmann, I, 61).

E esse nascimento é o decisivo. Já Francisco tinha perguntado: “Deus, o que queres que eu faça?” Como Cristo pode se tornar homem por meio de mim, como Ele pode se tornar visível e nascer neste mundo? Trata-se de uma postura criativa fundamental. Trata-se da percepção e do reconhecimento da força divina que habita no ser humano e que deseja assumir uma forma concreta neste mundo.

Encontrar Deus no outro

Até agora as minhas reflexões se concentraram no fato de que podemos encontrar Deus em nós mesmos. Mas se Ele está presente em cada ser humano, Ele pode ser encontrado, descoberto e visto também no outro. É disso que tratarei agora.

O encontro com o outro

Desde o início o Deus da Bíblia se revela como um Deus do diálogo, como alguém que busca o contato com o ser humano e deseja se comunicar com ele. Às vezes, Deus faz isso diretamente; outras vezes envia um anjo como seu mensageiro que traz uma mensagem para o ser humano. Mas a novidade e, talvez, também o revolucionário no Novo Testamento

é que o próprio Deus vem na forma de um homem – Jesus – à terra para se aproximar o máximo possível dos seres humanos. Ele não lhes traz novos mandamentos ou uma nova mensagem. Em Jesus, Ele nos mostra de forma bem concreta o que quis dizer com suas palavras, o que significa viver segundo seus mandamentos.

Se eu quiser encontrar Deus no outro, o “mapa do tesouro”, que me leva até Ele, são a conduta e as palavras de Jesus. Como ser humano, Ele viveu, como todos os outros, entre os seres humanos. Ele amou, sofreu, brigou como todos nós fazemos. Mas fez algumas coisas de modo tão diferente do que as pessoas estavam acostumadas a fazer na época, que Ele não só surpreendeu, mas também chocou aquelas que conviviam com Ele. Mas isso também significa encontrar Deus, e às vezes pode ser incômodo. Nem sempre seu objetivo é fortalecer o *status quo*, mas sim mudar o mundo – para melhor.

No que segue, quero me concentrar sobretudo na maneira como Jesus agiu no nosso mundo e o que isso pode significar para nós nos dias de hoje quando desejamos encontrar Deus no outro. Primeiro, porém, quero falar sobre uma das passagens mais impressionantes no Antigo Testamento, na qual Deus se envolve num diálogo com o ser humano: a negociação de Abraão com Deus sobre Sodoma e Gomorra. Esses nomes representam uma moralidade depravada, desordem e caos. Em seu diálogo, Abraão pergunta a Deus se Ele destruiria a cidade também se nela existissem 50 justos. Deus responde que, nesse caso, Ele pouparia a cidade. Mas Abraão continua a negociar, e, no fim, bastariam dez justos para salvar a cidade. Deus se comove e se revela como o misericordioso. Abraão ousa o diálogo, a negociação. Isso pode ser um encorajamento. O ser humano pode entrar em diálogo com Deus, pode se dirigir e se comunicar com Ele. Todos os 150 salmos são orações nas quais Deus é acusado, louvado ou nas

quais o homem lhe agradece – sempre ciente de sua dependência a Ele. No fim das contas, Deus é Senhor sobre a vida e a morte. Mas nós podemos dirigir a palavra a Ele, podemos encontrá-lo no diálogo, e Ele mesmo dirige a palavra ao ser humano.

Jesus acata isso mais tarde e se revela profundamente como aquele que entra em diálogo com os seres humanos, que dirige a palavra a eles, que discute com eles, que responde às suas perguntas e que lhes diz palavras de edificação e cura. Quando Ele celebrava um banquete com seus amigos, quando era convidado, entrava num relacionamento, num diálogo e numa comunicação com as pessoas. Com isso Ele sinalizou a elas: “Você é importante para mim” – e esse é o início da cura.

Uma pessoa pode ser sã e saudável quando confia nas pessoas e nos médicos que a tratam. Jesus sempre curou no diálogo. Às vezes, perguntava às pessoas o que desejavam que Ele fizesse, e bastou isso para que as curasse com palavras claras e determinadas. Ele também dialogou com as forças doentias nas pessoas que, na visão do mundo bíblica, são chamadas “demônios”.

Muitas vezes, porém, Ele também curou por meio de uma comunicação não verbal, do toque e contato físico. Hoje sabemos da importância do contato físico para a cura, quando proximidade, amor e atenção são expressados não só mediante palavras, mas também através do corpo. O corpo não mente. A linguagem dele é mais autêntica, mais honesta do que as palavras, do que a comunicação verbal.

Fazem parte desse tipo de comunicação não verbal também os chamados sinais ou símbolos que encontramos, por exemplo, na Eucaristia: um banquete no qual o pão e o vinho são compartilhados de forma sensual, e não verbal. Quando as pessoas se reúnem em nome de Jesus e compartilham uma refeição, isso é uma experiência sensual que transcende o paladar, o toque e o olfato. E também aqui ocorre comunicação entre os participantes quando compartilham entre si a comida e a bebida.

Os cristãos partem um mesmo pão e bebem do mesmo cálice. Nesse ritual eles expressam a sua fé mais profunda: o

compartilhamento daquilo que as pessoas precisam para viver é fundamento e centro de sua fé. Isso se refere não só ao alimento, mas também a uma palavra de consolo, a um toque ou um abraço. Nós precisamos de tudo isso para viver, e em tudo isso Deus está presente. Ele está no nosso meio.

Nenhuma narrativa nas Escrituras Sagradas dos cristãos expressa isso com tanta clareza quanto a narrativa de Emaús. Após a morte violenta de Jesus, dois de seus discípulos estavam a caminho de Emaús; tristes, deprimidos e abalados. Eles tinham depositado toda a sua esperança em Jesus, que falava de forma tão amorosa e íntima de Deus, tão diferente dos mestres e escribas. No meio de seu caminho, Jesus se junta a eles sem que o reconheçam. Ele lhes explica por que Ele teve de morrer, por que aconteceram todas aquelas coisas que eles vivenciaram em Jerusalém. Quando alcançaram a próxima aldeia, os dois discípulos pediram para que permanecesse com eles. Quando Jesus se senta à mesa com eles, toma o pão, faz a oração e parte o pão (como havia feito tantas vezes), eles o reconhecem e sabem que Ele vive.

Esse compartilhamento do pão é tão típico, tão inconfundível – esse homem só pode ser Jesus. É a experiência: no meio de dois Ele está presente, ocorre o encontro com o divino, no qual as pessoas compartilham a vida umas com as outras. A narrativa da Páscoa gira em torno da experiência de que, no meio das pessoas, é possível vivenciar uma força, um amor, um fortalecimento que precisamos chamar de divino; pois afasta o medo, cura os enfermos e devolve a vida às pessoas para proclamar a sua mensagem – até hoje. No diálogo verbal e não verbal, Deus pode ser experimentado no outro; no diálogo que aquece, fortalece, cura, edifica e que não julga nem condena.

A teologia cristã conhece a doutrina da Trindade. Esta parte de três pessoas divinas: Pai, Filho e Espírito Santo. É complicado explicá-la em detalhe, mas sua essência é: Deus é relacionamento. O ser humano é incluído nessa unidade de comunicação divina bem-sucedida. A Bíblia diz que Jesus falava com poder divino. O ser humano que se sente conectado com Deus e a força divina igualmente

pode perceber que Ele pode vir ao seu encontro através de outra pessoa.

Amar o outro

Uma das afirmações centrais de Jesus no Novo Testamento é, provavelmente, sua resposta à pergunta sobre o mandamento mais importante. O Evangelho de Mateus relata o seguinte:

Quando os fariseus souberam que Jesus fizera calar os saduceus, juntaram-se em bloco. E um deles, doutor da Lei, perguntou, para testá-lo: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Jesus lhe respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, com toda a alma e com toda a mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. Mas o segundo é semelhante a este: Amarás o próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas (Mt 22,34-40).

Aqui Jesus cita o mandamento de amar Deus e ao próximo no mesmo contexto imediato. Ambos estão interligados. Deus criou o ser humano. Ele é sua imagem e sua morada. Aquele que adora a Deus, que o reconhece como criador da vida humana, precisa também respeitar suas criaturas e reconhecer Deus nelas. Por isso, Jesus coloca os dois mandamentos no mesmo nível.

Assim, porém, esse mandamento de amar se refere não só a Deus e a mim, e não só ao meu parceiro/a, mas a todos os seres humanos. A princípio, considero problemático ordenar que o ser humano ame “por decreto”, principalmente se for um amor emocional. O que está claro é que não podemos ter simpatia por todos, muito menos sentir afeto por eles. Mas o que podemos fazer é: reconhecer o outro como criatura de Deus, que tem o direito de viver neste planeta e cuja vida precisa ser protegida – como diz a lei fundamental alemã.

Jesus expressa isso claramente na Parábola do Bom Samaritano. Essa história é muito famosa e, por isso, a provocação contida nela é ignorada frequentemente – talvez também porque os ouvintes de Jesus conheciam muito melhor do que nós o pano de fundo e o contexto social original. Nessa história, um homem que está fazendo uma viagem de negócios é assaltado, atacado, ferido e abandonado na estrada. Os dois primeiros que passam por ele – um sacerdote e um

levita – não têm tempo para cuidar dele. O terceiro – um samaritano – lhe ajuda, leva-o até uma hospedaria, paga por seus cuidados e avisa o dono da hospedaria que, quando voltar, lhe pagará qualquer quantia que este gastaria a mais para cuidar do ferido. A provocação dessa história transparece em dois pontos:

Tanto o sacerdote quanto o levita sabiam o que deveriam fazer. Como estudiosos judeus, eles conheciam a lei e o mandamento do amor ao próximo. Talvez – assim podemos imaginar – eles não consideravam o homem largado no chão um próximo deles, pois ele não pertencia à sua tribo. Era assim que a palavra “próximo” era entendida na época: ela se aplicava apenas àqueles que eram “iguais a mim”. Aos olhos dos judeus, porém, o samaritano era um incrédulo, um pagão. Este, porém, faz simplesmente o que a lei exige: ele ajuda – sem levar em conta a posição, a religião ou a nacionalidade da pessoa necessitada.

Aqui Jesus critica claramente os estudiosos judeus e lhes apresenta um incrédulo como o crente verdadeiro, que realmente entendia e agia segundo a lei, cuja observância era tão prezada pelos estudiosos bíblicos.

O segundo ponto: no final dessa narrativa, Jesus pergunta àquele que tinha lhe feito a pergunta sobre o mandamento mais importante:

Na tua opinião, quem destes três se tornou o próximo daquele que caiu nas mãos dos assaltantes? (Lc 10,36).

O doutor da Lei responde:

Aquele que teve pena dele (Lc 10,37).

A ênfase não está mais na pergunta: “Quem é o meu próximo?” Na tentativa de fugir da responsabilidade, podemos alegar que os nossos próximos são apenas os membros da nossa família. Agora, a pergunta é: “Como é que eu me torno o próximo do outro?” Quando eu reconheço que o outro precisa de ajuda e eu estou disposto a lhe dar essa ajuda, eu reconheço o próximo no outro, e ele se torna o meu próximo. E é imperativo que eu lhe ajude. Isso nos mostra outro aspecto: no sentido psicológico, o outro é também sempre meu

espelho, minha conduta em relação a ele sempre revela também algo sobre a minha conduta em relação a mim mesmo. Quando alguém nega ajuda ao outro, o que isso diz sobre sua própria necessidade de ajuda? Eu aceito a ajuda que eu mesmo necessito? Eu tento obter essa ajuda para mim mesmo?

Trata-se aqui de uma postura solidária – em relação aos outros e a mim mesmo. É exatamente isso que se expressa nas palavras de Jesus:

Mas o segundo é semelhante a este: Amarás o próximo como a ti mesmo (Mt 22,39).

Eu posso ser solidário em relação a mim mesmo. Isso também é um processo de aprendizagem: quando sou solidário comigo mesmo posso ser solidário também com os outros. Quando conheço minhas próprias necessidades posso estar atento também à necessidade do outro. Nós não podemos resolver e alcançar tudo sozinhos. Nem todos têm todos os dons e habilidades, e quando eu alcanço meus limites preciso da ajuda do outro. A Igreja primitiva cunhou uma expressão que eu considero valiosa: “*Um cristão é nenhum cristão*”. Isso não pretende minimizar o indivíduo, mas deixa claro que só podemos ser cristãos na companhia de outros. Jesus diz:

Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei ali no meio deles (Mt 18,20).

Quando Jesus envia os discípulos, Ele o faz aos pares. As pessoas podem fortalecer, edificar, encorajar e completar umas às outras.

Mas existem também pessoas que têm dificuldades de aceitar ajuda e admitir suas próprias fraquezas. Elas acreditam que fracassaram, que não valem nada ou que sempre repetem o mesmo erro. Às vezes, uma pessoa só percebe seus limites, sua própria carência, sua dependência de ajuda e fortalecimento quando o corpo “entra em greve”, quando entra em colapso ou se esgota completamente. Então percebemos: não posso continuar assim. Durante muito tempo, a Igreja impunha fardos às pessoas, exigia que elas precisavam se aperfeiçoar cada vez mais moralmente, pregava que precisavam se esforçar para subir a escada por meio de exercícios

ascéticos. Mas Deus vem ao nosso encontro nesse caminho; Ele nos aceita em nossa carência e fraqueza, com nossos limites e nossas falhas.

Talvez isso se expresse da forma mais clara nas palavras de Jesus. Ele também fala dos fardos que os mestres da lei impunham às pessoas, fardos que elas não conseguem suportar. Ele diz que esses mestres pregam água e bebem vinho. Em outro lugar, Jesus diz que, no sábado, esses mestres levam seus jumentos e bois até a água, mas que pregam que é proibido curar no sábado (cf. Lc 13,15). Mas isso não o impede de curar no sábado. Os mestres da lei veem nisso uma clara violação do mandamento do descanso no sábado. Jesus responde a essa acusação com uma palavra clara:

O sábado foi feito para as pessoas e não as pessoas para o sábado (Mc 2,27).

Para Ele, a cura de uma pessoa é culto a Deus e santificação do sábado, pois Deus não quer que as pessoas lhe façam sacrifícios e guardem as leis como fim em si mesmo. Ele deseja sua cura, quer que elas tenham um corpo e uma alma saudáveis.

Já no Antigo Testamento encontramos imagens fantásticas e comoventes que evidenciam o afeto de Deus e que falam de sua atenção incondicional. Essa “conduta” de Deus, seu modo de se comportar em relação ao ser humano, nos mostra como podemos tratar uns aos outros de maneira “santa”, como podemos demonstrar o amor que Deus demonstra às suas criaturas também no convívio com outros. O livro do Profeta Isaías, por exemplo, diz sobre o mensageiro de Deus que Ele enviará para o mundo:

Não quebrará o caniço já rachado (Is 42,3).

O que se evidencia aqui é: Deus deseja curar, edificar, ir ao encontro do ser humano. Uma pessoa que está deitada no chão, que foi maltratada pelo destino, que está desesperada, que tem um coração rachado – Deus quer levantar essa pessoa e lhe dar uma nova esperança. Esta deveria ser também a postura fundamental do cristão: levantar aquele que está no chão, encorajar aquele que perdeu a

esperança.

Outro exemplo: O Profeta Elias teve de fugir porque seu Deus tinha se revelado como mais forte do que os deuses de Baal. Quando ele chega ao fim de suas forças, senta-se sob um arbusto, cai em uma depressão e deseja morrer. Ele adormece. Quando acorda, há pão e água fresca ao seu lado. Um anjo aparece e lhe diz:

Levanta-te e come, pois a caminhada será longa demais para ti (1Rs 19,5s.).

O anjo de Deus não o acusa nem lhe faz um sermão, não lhe diz que deve deixar de ser um mimado e continuar a andar. Ele vê que Elias precisa de um fortalecimento e lhe dá comida e bebida. Todos que já fizeram uma longa caminhada nas montanhas sabem como um gole de água fresca pode ser refrescante. E como o cheiro e o gosto de um pão fresco podem ser vivificantes. Água e pão despertam as forças vitais e fortalecem o ser humano. Deus ajuda a levantar e vê o que o ser humano precisa para poder continuar a sua caminhada.

Outro exemplo: O Profeta Jonas é enviado por Deus para anunciar o juízo divino à cidade de Nínive se ela não se converter. Quando Jonas aceita a missão, a cidade se converte. Jonas está irritado e magoado porque Deus poupou as pessoas e foi misericordioso com elas. No fim, ele também está sentado sob um arbusto; esgotado e deprimido. Foi Deus quem fizera o arbusto crescer para que ele fornecesse sombra e proteção do sol para Jonas. Mas no dia seguinte o arbusto murchou. Jonas se queixa e reclama a Deus. Este lhe responde que não consegue entendê-lo: Jonas lamenta a perda do arbusto, mas não lamentaria a perda dos cidadãos de Nínive e de todo o seu gado? Deus é misericordioso não só com as pessoas; Ele se preocupa também com os animais. Estes também possuem uma dignidade, como criaturas; eles também

têm direitos, e os seres humanos têm obrigações para com eles. O que importa a Deus nunca é o juízo. Sua maior preocupação não é castigar as pessoas. Ele é misericordioso! Seu modo de agir e de pensar, de interagir com as pessoas é diferente do modo de Jonas. Deus deseja edificar e encorajar.

É dessa maneira que as pessoas devem e podem se encontrar. O outro deve ser edificado, encorajado e fortalecido. Em sua regra, São Bento escreve sobre o administrador do mosteiro que, quando ele precisar negar um pedido a um confrade, quando este quiser comprar ou adquirir algo, ele deve lhe explicar a razão da recusa e ter uma palavra gentil para com ele. Isso não deve ser um consolo barato. Como é importante uma palavra de gentileza! Seja um “Bom dia!” alegre, um telefonema inesperado, uma saudação breve de uma pessoa amada – todos sabem como isso faz bem.

Algo semelhante acontece com o consolo verdadeiro. Nem sempre precisa ser um gesto grande ou muitas palavras. Pode ser simplesmente a minha presença junto a uma pessoa que está precisando de consolo para que ela sinta que não está sozinha. Quando faço acompanhamentos, costumo perguntar se existe algum melhor amigo que possa ser chamado a qualquer hora do dia e da noite. Como é valioso saber que existe alguém que suporta qualquer situação comigo. Não importa o que acontecer: quando o chamo e preciso dele, ele está do meu lado. No aconselhamento, em situações de emergência, vivencio isso muitas e muitas vezes: as pessoas sempre se sentem agradecidas pelo fato de eu estar ali. Nos primeiros minutos e horas após um evento inesperado – na maioria das vezes, a morte repentina de um ente querido por causa de um acidente, infarto ou suicídio – os parentes e amigos

se sentem desamparados. Eles se sentem gratos pelo fato de alguém estar ali do seu lado e lhes transmitir a certeza de que não estão sozinhos. Para mim, como conselheiro, isso é sempre também expressão da promessa: “Deus não abandona você. Ele está com você nesse sofrimento”. E essa ajuda vale para todas as pessoas. Eu não pergunto de qual religião, confissão ou nacionalidade alguém é. Também temos contato com conselheiros de outras religiões e comunidades, que podemos chamar. E também aqui vale este critério: não importa se a pessoa que está passando por necessidades é simpática ou não, ela é imagem de Deus e possui uma dignidade inalienável. Por meio dela, Deus está pedindo minha ajuda. E na ajuda que eu lhe concedo, ela pode experimentar a atenção e o carinho de

Deus. Neste mundo, Deus só tem as nossas mãos e os nossos braços para ajudar as pessoas.

Comunhão na Igreja

A Igreja como proclamadora e serva de Deus deveria ser o primeiro lugar em que as pessoas têm um encontro com Deus e, no encontro umas com as outras, reconhecem Deus. Hoje, porém, muitas vezes tenho a impressão de que a Igreja Católica (e só posso falar por ela) se preocupa principalmente com a administração em si, com a preservação de seu *status quo*. E em seus sacerdotes, por exemplo, observo um narcisismo clerical. Não é à toa que dizem que a Igreja é uma *Ecclesia semper reformanda*: uma Igreja que precisa se reformar e renovar constantemente. Ela precisa sempre voltar para a sua origem, para a sua forma original. Ela é chamada a se lembrar daquilo que é e o que deve comunicar como lugar da presença de Deus. O conceito de igreja, que provém da palavra grega *ekklesia*, significa nada mais nada menos do que a comunhão daqueles que se reúnem em torno de Deus. Partindo do conceito do povo de Deus no Antigo Testamento, que pertence a Deus e ao qual Ele acompanha em seu caminho, desenvolveu-se aos poucos o novo povo de Deus. Jesus queria renovar o povo de Deus, ao qual Ele pertencia como judeu, mas não queria fundar uma nova Igreja. Desde o início, a refeição passou a ser a celebração principal dos seguidores de Jesus, que eram chamados “cristãos”. Os cristãos se reuniam em pequenos grupos em suas casas e com suas famílias e faziam o que Jesus fez: comiam juntos, partiam o pão, bebiam o vinho.

Um dos distintivos de Jesus era sua prática de compartilhar o pão e o vinho, como já vimos acima na história de Emaús. E Ele o fazia principalmente com aqueles que eram marginalizados, que não eram dignos aos olhos dos mestres da lei, que supostamente tinham sido banidos por Deus. Jesus era uma provocação; Ele ousava falar de Deus, Ele ousava se apresentar em seu nome e agir com seu poder – tudo isso era um tabu para os judeus. Na época, era inimaginável que Deus se tornasse homem e se manifestasse num homem; que, como

homem, fosse ao encontro dos homens, se comunicasse com eles e lhes oferecesse sua solidariedade incondicional.

A isso se junta a autocomunicação numa refeição, ou seja, a palavra de Jesus de se oferecer a outros como comida:

Isto é o meu corpo, que é dado por vós (Lc 22,19).

Em aramaico, a língua de Jesus, a palavra “corpo” designa o ser humano completo; ou seja, o corpo com seus sentimentos, pensamentos e ações. Jesus doa ao ser humano seu amor, sua misericórdia, sua proximidade e sua solidariedade. Ele deixa claro: assim como o ser humano precisa de pão como alimento, ele precisa dessa refeição, dessa autocomunicação divina como alimento para a alma e como fortalecimento para o seu caminho. A ceia é expressão do vínculo íntimo com Jesus, com Deus – mesmo que, depois de sua morte e ascensão, Ele não tenha sido mais visível para os seres humanos. Trata-se da experiência de Emaús, que não pode ser descrita por palavras exatas. Uma terceira pessoa está a caminho com as pessoas. Quando elas se lembram de Jesus e falam sobre seus atos e suas palavras, Ele está presente. Isso era e é fortalecimento. Disso resultou também uma solidariedade no dia a dia, a obrigação de seguir Jesus e de viver a comunhão experimentada durante a ceia. As pessoas que compartilhavam um pão se sentiam vinculadas, se sentiam como um só corpo ou, como lemos nos Atos dos Apóstolos:

A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma (At 4,32).

Os primeiros cristãos tinham esse vínculo não só entre si, mas também com todas as outras pessoas.

Jesus tinha ampliado o mandamento do amor – e ordenado aos seus seguidores também o amor ao inimigo. Ele tinha lhes dito que tudo o que fizessem para um outro e sobretudo para um necessitado, eles o fariam para Ele, deixando claro: Eu encontro vocês no outro. Que solidariedade radical! E que imagem de Deus tão diferente do que a dos judeus daquele tempo, que viam Deus como entronizado no céu, inalcançável para o ser humano e cujo nome nem podiam professar.

Jesus, por sua vez, disse: Deus transparece em cada ser humano. Em cada ser humano, brilha o rosto de Deus. O outro é irmão, é irmã. Essa é a boa-nova!

Esse Deus não pode ser coagido ou limitado. Nenhuma Igreja pode confiná-lo em seu interior. Um hino diz: “Cada parte desta terra é sagrado povo de Deus”. Deus respira em cada lugar, em cada pessoa, em cada planta. O Espírito de Deus sopra onde quer.

Tenho certeza de que a Igreja, que se chama Igreja e povo de Deus, precisa se abrir e estar ciente de que Deus está presente em cada ser humano. Mas posso formular isso também de outra forma: a Igreja não é apenas explicitamente a comunidade de pessoas que creem em Deus, que creem em Jesus como Filho de Deus. A Igreja acontece onde pessoas se reúnem, onde elas se reúnem como aqueles que buscam a Deus, onde as pessoas não conseguem definir Deus com exatidão, mas onde elas acreditam naquilo que é comum a todas as religiões: o amor.

Onde quer que pessoas estejam seguindo os rastros de Deus e de seu amor, isso é Igreja. O que importa é que, mesmo que as opiniões divirjam nos detalhes, a mensagem fundamental de Deus permanece sendo: Ele está presente, Ele sustenta, Ele acompanha, Ele fortalece, Ele encoraja.

*Quem quiser encontrar Deus precisa procurar
o ser humano*

Eu me lembro de uma romaria que acompanhei. Eu estava percorrendo o Caminho de Santiago com alunos e seus pais. No mosteiro em que passamos uma noite, pediram que eu celebrasse a missa noturna. Eu precisava também fazer uma homilia. Já que eu não tinha muito tempo para me preparar, improvisei. E enquanto eu falava, formou-se dentro de mim a seguinte afirmação: “O Deus em mim encontra o Deus no outro”. A Bíblia nos conta uma história profunda que formula exatamente a mesma coisa. Após engravidar, Maria foi visitar sua prima Isabel, que estava grávida de João Batista, o precursor de Jesus. Mais tarde, João Batista anunciaria Jesus como Salvador e Messias.

Visto que Isabel está prestes a dar à luz, enquanto a gravidez de Maria ainda está no início, Maria deseja ajudar a sua prima. Isabel diz a Maria:

Quando soou em meus ouvidos a voz de tua saudação, a criança saltou de alegria em meu ventre (Lc 1,44).

Uma expressão de alegria. Era como se João tivesse percebido no ventre materno quem estava visitando sua mãe. Quando vejo as duas crianças como crianças divinas, posso dizer que Deus em Maria encontra o Deus em Isabel. Podemos dizer que todas as pessoas carregam Deus dentro de si, porque Ele está nelas, porque são a imagem de Deus, porque elas têm uma missão divina: descobrir Deus dentro de si mesmas, dar à luz esse Deus, tornar visível esse Deus neste mundo – para as pessoas.

Em nossa casa de retiros Recollectio, onde também oferecemos cursos de longo prazo a religiosos com crise vocacional ou que precisam fazer uma pausa, cada hóspede recebe um acompanhamento terapêutico e espiritual. No início de um curso surge muitas vezes a pergunta: Qual é a diferença entre um acompanhamento terapêutico e um espiritual? Nas conversas costumo começar a trabalhar com aquilo que o hóspede tem a oferecer. Nesses casos, uma conversa também pode ter um caráter terapêutico. Da mesma forma, uma conversa terapêutica pode conter elementos espirituais. Todos os hóspedes vêm de um contexto cristão e espiritual, eles trabalham na Igreja ou para ela; por isso, Deus ocupa uma função importante em sua vida. Uma conversa se torna explicitamente “espiritual” quando introduzo a perspectiva de Deus, quando pergunto em que ponto Deus se manifesta nesse processo, onde o hóspede o percebe e sente, onde e como ele o encontra dentro de si mesmo, onde Deus lhe dá forças – também para processos difíceis – e ele recebe impulsos para tomar decisões, ou quando experimenta que Deus sempre o acompanha e está presente e jamais o abandona. Mas a minha tarefa como conselheiro espiritual é também servir como parteira para o outro: como ajudante para alcançar uma dimensão até então desconhecida de seu caminho, de seu ser ou para obter uma nova consciência de

Deus; para descobri-lo de forma nova ou diferente. Mas como na vida real, uma parteira precisa ser muito cautelosa e trazer a “criança” para o mundo com cuidado e atenção.

Lembro-me de retiros cristãos dos quais participei em minha juventude. Toda noite discutíamos sobre um tema relacionado à fé. Tínhamos muito tempo livre, mas fazíamos também excursões em grupo. Aos poucos, porém, entendi que esses retiros eram programados de tal forma para que os participantes se convertessem a Jesus Cristo. Sempre havia uma noite em que a morte e o sofrimento de Jesus pelo ser humano eram descritos minuciosa e dramaticamente. O objetivo era mostrar a cada um a sua pecaminosidade e convencê-lo da necessidade de salvação para que ele se convertesse e aceitasse Jesus Cristo como seu Salvador naquele mesmo instante. Evidentemente, diziam que aquele que não se convertesse estaria perdido e iria para o inferno.

Mas Deus acompanha o ser humano; Ele está dentro dele e se revela a ele de tal forma, que consegue reconhecer e entender a sua missão. Ele não quer que nós tenhamos medo do inferno, mas quer que nós descubramos que Ele nos ama, nos acompanha e que pode ser um fundamento sólido para a nossa vida. Ele segue o ser humano e o encontra, dirige a palavra a ele. Deus pode ser bastante teimoso e se manifestar repetidas vezes, até o ser humano descobrir a sua presença em sua vida e responder a Ele. Foi o que aconteceu com o jovem Samuel numa história do Antigo Testamento. Sua mãe, Ana, o tinha dedicado a Deus e o levado para o templo para que ali cumprisse o seu serviço. De noite, em seu leito, ele ouviu uma voz que o chamou. Samuel foi até o sacerdote Eli, seu mentor e conselheiro. Mas este lhe disse que não o chamou. Isso aconteceu três vezes. Então Eli reconheceu que era Deus quem estava chamando Samuel e lhe disse que da próxima vez ele deveria responder: “Senhor, fala, que teu servo escuta”. Samuel seguiu as instruções de Eli, e Deus o chamou para ser profeta. Aqui Deus se manifestou com insistência, até Samuel entender com a ajuda de Eli quem o estava chamando para que tipo de serviço (1Sm 3,1-21).

A meu ver, a maneira como a fé era transmitida na minha

juventude não é ser parteira ou ver Deus no outro. Tratava-se mais de um tipo de enganação: tentavam me conquistar com atividades e entretenimento. E talvez tentaram até provocar uma consciência pesada em mim porque eu teria parecido ingrato se, após desfrutar de todas as diversões, tivesse recusado a “conversão”. Esse tipo de transmitir a fé me parecia mais com uma tentativa de impor uma piedade que não era minha como se o fosse.

Ser uma parteira para outra pessoa significa, porém, caminhar com ela, acompanhá-la em seu ritmo e sua velocidade. Perceber Deus no outro e este outro estar ciente disso é diferente de quando ele não está ciente disso ou está começando a descobrir isso. Trata-se de ajudar a trazer à luz o seu “bebê”, aquilo que deseja se desenvolver e expressar no outro, não aquilo que eu imagino ou desejo transmitir.

Não importa se a pessoa que eu encontro é ateia, uma pessoa profundamente religiosa, ou alguém que procura, pergunta ou duvida: todas *são lugar* da presença de Deus, são imagens de Deus; ou, em outras palavras: o outro é sarça ardente. Junto à sarça ardente, Deus revela seu nome a Moisés: Javé – “Eu Estou Aqui”. Este “Eu Estou Aqui” é a promessa de Deus a todos. Justamente onde outra pessoa “arde” por algo, onde ela se entusiasma e investe sua paixão, Deus se revela, e sua paixão pela vida mostra, expressa o que já existe dentro do ser humano.

Essa visão pode facilmente ser interpretada como imposição. Como posso atribuir a alguém uma “qualidade” que talvez ele não deseja ter, que nunca concordou em ter e que simplesmente é pressuposta como estado de ser?

Evidentemente, é uma questão de fé e da visão do mundo de cada um. Quando preparo os pais para o batismo de seu filho, às vezes ouço a opinião de que, por meio do batismo, um ser humano se transforma em filho de Deus, que, por meio do batismo, Deus adota essa pequena pessoa como seu próprio filho. No batismo, essa criança é acolhida na comunidade dos crentes. Mas ela é um filho de Deus *desde o seu nascimento*, e não *desde que Deus começou a imaginar essa pessoa*. Essa visão seria uma imposição se ela privasse o ser humano de sua liberdade, se ela o transformasse em um prisioneiro de um sistema de

moralidade, dogmas e regras. Se ela fosse obrigada a crer em Deus e a obedecer às regras da fé.

Mas Deus é um Deus de liberdade. Ainda hoje na Igreja Católica o Sacramento do Matrimônio, por exemplo, é considerado nulo quando recebido sob coerção. O ser humano precisa ter a possibilidade de se decidir livremente. Na Igreja Católica, a consciência é o bem supremo e a última instância.

Quando vejo o outro como lugar da presença de Deus, quando reconheço em seu rosto uma face única de Deus, também reconheço sua dignidade e liberdade. Ele deve moldar a sua vida em liberdade, deve dizer sim e não, e decidir como deseja usar seus talentos e suas habilidades.

No acompanhamento posso lhe oferecer essa visão como um caminho. E meu interlocutor pode partir para descobri-lo do seu jeito. Isso pode ser um alívio, pois ele sente que pode seguir seu caminho, em seu ritmo, com seus sentimentos e pensamentos. E pode ser um alívio também porque o destino desse caminho não está definido, porque eu não lhe digo qual deve ser o resultado desse caminho, porque eu não exijo que ele encontre Deus.

Às vezes, penso: Como seria libertador se a Igreja finalmente começasse a ajudar as pessoas a se tornarem livres e fortes. Cada uma como uma criatura e imagem singular de Deus que segue seu caminho na força dele. Mas sinto que ainda tentamos não dar espaço demais às pessoas, não dar autoconfiança, força demais, pois elas poderiam acreditar que são importantes – importantes demais, mais importantes do que os outros. Principalmente no pensamento hierárquico da Igreja isso exerce um papel que não deve ser subestimado.

Vivencio isso de outra forma também nas ordens religiosas, principalmente quando rezamos e cantamos. Quando 20 ou 30 pessoas que decidiram dedicar toda a sua vida a Deus e à sua boa-nova, muitas vezes quando se reúnem para louvá-lo parecem estar num funeral. Onde está o louvor? Onde está a força de agradecer a Deus? Se Deus é o fundamento da nossa via, onde está o louvor forte, a gratidão, a alegria que se eleva para os céus?

Em sua introdução à missa diária, um confrade falou sobre a

declaração de Deus “Eu estou aqui”. Ele explicou que nós confirmamos isso três vezes durante a missa: no início, no Evangelho e na bênção. Nesses momentos, o padre diz às pessoas: “O Senhor esteja convosco” (na verdade, ele deveria dizer “O Senhor *está* convosco – e também aqui vejo uma hesitação por parte da Igreja. Pois poderia existir alguém com o qual Deus não *está*). E as pessoas respondem: “Ele *está* no meio de nós – o que quer dizer: “Sim, e o Senhor esteja [*está*] conosco”. Quando o confrade iniciou a missa com essa declaração, todo o mosteiro respondeu com relutância. Então o confrade disse: “Isso foi um tanto fraco – mais uma vez!”, e repetiu a saudação. Então a resposta foi mais forte. O Deus vivo e vigoroso deseja se expressar de modo vigoroso, para que o outro perceba e sinta: Deus *está* presente aqui.

Às vezes encontro pessoas que temem que, quando encontrarem sua força divina, quando descobrirem e permitirem a chama e a paixão de Deus em si mesmas, quando adquirirem força e direção, isso seja interpretado como egoísmo, individualismo ou exibicionismo. Elas nutrem uma imagem segundo a qual o cristão deve servir e não dar muita atenção a si mesmo. Mas, como seres humanos, podemos cuidar de nós mesmos e perceber que Deus *está* conosco – que Ele é paixão ardente dentro de nós. E que também Ele é o mesmo no outro.

Um texto de Marianne Williamson, que Nelson Mandela citou em seu discurso de posse como presidente, expressa isso muito bem. Ela diz: “O nosso medo mais profundo não é sermos insuficientes. Nosso medo mais profundo é sermos imensuravelmente poderosos”. Ela continua dizendo que o que tememos é nossa luz, não a nossa escuridão. É um pensamento fascinante: nós não temos medo de sermos pequenos demais aos olhos dos outros. O que tememos é mostrar nossa grandeza real, aceitar que somos talentosos e até mesmo brilhantes em algumas coisas, que somos capazes de algo, que temos uma luz dentro de nós que ilumina uma parte deste mundo.

Ela continua: “Você é um filho de Deus. Você não presta nenhum serviço ao mundo quando se menospreza. Menosprezar-se apenas para que as pessoas em sua volta não se sintam inseguras nada tem a ver com iluminação”. Esconder sua luz não é, portanto, uma virtude,

como a tradição cristã costumava afirmar com frequência, mas um crime contra o mundo e o próximo.

“Nascemos para realizar a glória de Deus que vive em nós”, ela afirma. E “Ele não está apenas em alguns de nós”, mas “em cada um”.

Quando nos permitimos mostrar nossa luz, mostrar-nos ao mundo em toda a nossa grandeza, “concedemos aos outros a permissão de fazer o mesmo”. Quando nos livramos de nosso medo de mostrar e viver nosso poder e nossa grandeza, “nossa presença liberta automaticamente os outros”.

Esse texto nos encoraja a confiar em nossa própria grandeza, porque Deus brilha em nós. Jesus ressalta:

Vós sois a luz do mundo (Mt 5,14).

Isso é uma *afirmação*, não um convite: “Tornem-se uma luz, tentem ser uma luz, a despeito de sua fraqueza”. O ser humano é local da presença de Deus! Ele é a luz do mundo! A pergunta é, então, se nós conseguimos aceitar essa grandeza e como nós vemos a nós mesmos. Deus não quer que pensemos mal de nós mesmos. Ele tem pensamentos grandes para nós e quer realizar coisas grandes em nós. Essa visão pode nos libertar, pois quando nos conscientizarmos desse presente poderemos reconhecer igualmente a grandeza do outro. A grandeza de Deus no ser humano jamais ocorre a custo do outro. Ninguém goza de uma reputação maior ou menor aos olhos de Deus; ninguém é privilegiado por Ele. Deus deseja brilhar em cada um e por meio de cada um neste mundo.

Conheço muitas pessoas que se comparam com os outros e se veem como inferiores, porque os outros têm mais talentos, são mais populares, recebem mais reconhecimento. Não precisamos nos comparar, mas devemos nos alegrar uns com os outros, pois Deus faz brilhar a sua luz por meio de nós. Podemos nos permitir isso e aceitar essa grandeza. Quando temos esse tipo de atitude os outros também podem encontrar a coragem para fazer o mesmo.

*O que fizestes a um desses meus irmãos menores,
a mim o fizestes*

Quando o Papa Francisco foi eleito em 2013, ele iniciou seu primeiro discurso na Basílica de São Pedro contando que os cardeais o tinham chamado do fim do mundo. Não sabemos se, naquele momento, ele pensava que vinha da beira do mundo. Mas logo após a sua eleição ele transformou o tema das margens em seu tema principal. Ele comparou a Igreja a uma “ambulância”, cuja missão é cuidar e curar feridas. Ele disse que os pastores dos rebanhos de Deus precisavam adquirir o cheiro das ovelhas. Com essas imagens, Francisco expressou que a Igreja é real para ele quando ela vai até as pessoas que vivem às margens, que não têm lugar na nossa sociedade de desempenho com sua obstinação pela perfeição, quando ela vai até aqueles que não têm voz e por isso são ignorados.

Como foi grande o alvoroço ou até mesmo escândalo quando o Papa Francisco, na Quinta-feira Santa de 2014, visitou uma prisão e fez a cerimônia do lava-pés tradicional não só com pessoas de fé cristã, mas também com homens e mulheres de fé muçulmana.

Desde sempre, o gesto do lava-pés tem uma simbologia profunda – no tempo de Jesus talvez ainda mais do que hoje. Naquela época a maioria das pessoas andava descalça, talvez de sandálias; por isso, os pés estavam sempre empoeirados e sujos. Lavar os pés significava não só lavar a sujeira, mas também tocar a pessoa em seu lugar mais baixo, no lugar para o qual não gostamos de olhar. Mas na lavagem dos pés toda sujeira – também no sentido psíquico – é lavada. Jesus lavou os pés das pessoas repetidas vezes. Assim, Ele dá a entender que aceita a pessoa com o seu ser mais profundo, com seus lados “sujos” e “impuros”, e lhes presta o serviço da lavagem, do afeto e do amor.

Por isso, o ato simbólico do papa foi muito profundo. Até então era costume fazer essa cerimônia na Catedral de São Pedro e lavar os pés dos padres. Agora, porém, ele foi para a prisão e lavou os pés de prisioneiros, e não de padres. Com isso, o papa deixou claro o que significa para ele seguir Jesus: ir para as pessoas “reais” às margens da sociedade – independentemente daquilo que tenham feito ou não –, para lhes devolver sua dignidade. Por isso, uma Igreja que segue Jesus é uma Igreja que vai até as pessoas que vivem às margens – não é a Igreja na Catedral de São Pedro.

Se olharmos para o Novo Testamento veremos que o papa segue radicalmente a prática de Jesus. Pois ele foi o primeiro a ultrapassar as “margens” e as “linhas vermelhas”, avançando territórios nos quais ninguém pisava, mostrando às pessoas que, independentemente das margens para as quais a vida nos leva, Deus nos acompanha em sua solidariedade.

Pessoas que foram marcadas como condenadas e banidas por Deus e, por isso, tinham nascido doentes aos olhos da sociedade, são transformadas em amigas de Jesus, privilegiadas por Ele, como pessoas que ocupam a primeira posição aos olhos de Deus. O chamado juízo de Jesus (Mt 25,31-46) deixa isso muito claro. Muitas pessoas associam juízo a uma sentença, uma condenação. Na verdade, significa “fazer justo”, “reerguer”. O ser humano é reinserido na ordem correta, a ordem é devolvida ao mundo. Quando Jesus anuncia que, no juízo, os bons serão separados dos maus, Ele quer dizer: a visão de Deus, a visão boa e justa prevalecerá. Todos aqueles que foram injustiçados receberão justiça. E todos os que agiram de forma injusta reconhecerão sua injustiça. Jesus cita nesse discurso algumas pessoas que, ainda hoje, são marginalizadas:

Porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, fui peregrino e me acolhestes, estive nu e me vestistes, enfermo e me visitastes, estava na cadeia e viestes ver-me (Mt 25,35-36).

Ao longo do tempo esse discurso serviu como base para as chamadas obras de misericórdia. Misericórdia é a palavra que descreve de modo essencial o agir de Jesus e, portanto, o agir de Deus. A palavra hebraica para misericórdia é “*Rachamim*” e é parente da palavra utilizada para “útero”. Portanto, a misericórdia designa as qualidades de uma mãe aplicadas ao bebê que está em seu ventre: calor, abrigo, proteção, cuidado. Misericórdia significa, portanto, a atenção e o cuidado incondicionais de Deus em relação ao ser humano.

Aprendi a valorizar muito o fato de que em nosso mosteiro – seja no aconselhamento, em conversas individuais, em cursos na casa de hóspedes, no trabalho com os jovens ou na Casa Recollectio – o ser

humano nunca é julgado. Damos a àquele/a que nos visita como hóspede toda atenção e cuidado incondicionais. Sua biografia é o que é. Foi com ela que ele/a veio, recebendo nossa atenção e cuidado. A pergunta determinante em relação ao nosso aconselhamento é: Como a pessoa que nos procura consegue (re)encontrar uma vida que a preenche, que a satisfaz, que lhe permite descobrir o fundamento mais profundo de sua vida?

Essa é uma experiência que vem desde os tempos bíblicos: Deus se revela, Deus encontra o ser humano, não importa se ele é um assassino ou um santo. E é justamente naquelas pessoas que precisam de atenção misericordiosa que Ele se revela: nos famintos, sedentos, estranhos, nus, enfermos, presos.

No final de seu discurso Jesus diz:

Todas as vezes que fizestes isso a um desses meus irmãos menores, a mim o fizestes (Mt 25,40).

A seguir, quero examinar esses grupos de pessoas e as obras de misericórdia um pouco mais de perto e relacioná-los à nossa vida, pois a atenção misericordiosa ao outro sempre começa comigo mesmo. Aquele que não consegue ser misericordioso consigo mesmo, quem não pode dar uma atenção amorosa a si mesmo, dificilmente conseguirá fazer isso com os outros.

“Tive fome e me destes de comer”

Uma em cada nove pessoas no mundo tem fome; na Alemanha, um número cada vez maior de pessoas, especialmente crianças e jovens, é ameaçado pela pobreza. Eu me assustei quando imaginei quão rapidamente uma pessoa, até então com uma existência garantida, pode parar na rua por causa de um divórcio ou desemprego, sendo obrigada a mendigar seu pão de cada dia. A fome é, provavelmente, um dos maiores problemas da humanidade. A terra possui recursos suficientes para alimentar todos os seres humanos, mas o problema é a distribuição dos bens. Na Alemanha, os supermercados transbordam, mas as pessoas na Tanzânia recebem, no melhor dos casos, uma refeição quente por dia – sempre com os mesmos ingredientes: um

mingau de milho com um pouco de legumes. Que injustiça! A ordem de Jesus de alimentar os famintos e assim prestar um serviço a Deus não significa que você sozinho tenha de resolver o problema de alimentação deste mundo. Cada um é chamado a fazer o que estiver dentro de suas possibilidades. Em relação à questão da fome, isso pode significar: Eu me pergunto o quanto eu como, o que eu como, se eu me alimento de modo saudável e dou ao meu corpo o que ele necessita – nem mais nem menos. Mas significa também: Quais empresas e qual política eu apoio com minhas compras e o que eu posso doar – seja em forma de dinheiro ou em forma de alimentos que são distribuídos aos necessitados? Recentemente li na internet que uma norte-americana tinha cancelado seu casamento, e já que era tarde demais para cancelar a comida encomendada, ela, juntamente com seu ex-noivo, convidou pessoas destituídas para o restaurante chique e lhes ofereceu sua ceia nupcial.

Fome é, evidentemente, também uma pergunta que se refere ao nível psíquico. O que a nossa alma deseja “comer” hoje? Do que ela necessita? A julgar pelas pessoas que visitam nossa abadia, a fome é grande nas almas das pessoas – a fome de uma conversa espiritual na qual elas possam esvaziar seu coração e na qual esperam encontrar orientação. Mesmo que a Igreja pareça desaparecer cada vez mais da sociedade, isso não significa que as pessoas não têm mais necessidades espirituais. Pelo contrário! Mas talvez isso revele também que elas não acreditam que a Igreja oficial seja capaz de responder às perguntas que as preocupam, porque experimentam a Igreja muitas vezes como alheia à vida. Eu acredito que as pessoas confiam nos mosteiros de maneira diferente, que elas os percebem como um “outro lugar”. Talvez porque tenham a impressão de que os religiosos vivem de forma mais autêntica aquilo que acreditam. Ou porque podem ir aos mosteiros do jeito que são, sem que ninguém lhes faça exigências morais.

E para a minha própria vida eu posso perguntar: Onde eu mesmo estou às margens? Onde eu mesmo me abandono às margens? Onde eu não percebo as minhas necessidades? Onde eu cedo às necessidades dos outros? E, também: Como eu me alimento? Que alimento a minha

alma precisa? Como eu posso dar atenção a mim mesmo e me alimentar? Quanto amor e atenção eu dou a mim mesmo?

Em nossa Casa Recollectio temos como uma das nossas tarefas ajudar os nossos hóspedes a desenvolver um cuidado suficiente consigo mesmo. Ou seja, reconhecerem suas necessidades e procurarem possibilidades de assumir pessoalmente essa responsabilidade. Isso não pode ser delegado a outros. Para as pessoas que escolheram ser celibatárias dentro da Igreja, isso é um grande desafio. O que mantém minha alma viva e meu corpo saudável? Como eu me revigoro e descubro o prazer na vida? Essas perguntas não podem ser espiritualizadas precipitadamente. Se Deus criou o ser humano, Ele quer que ele seja vivo, que ele tenha prazer na vida. Assim, tudo o que dá prazer ao ser humano, tudo aquilo que o alegra são eventos profundamente piedosos e espirituais.

O que sacia a nossa alma? Essa é a pergunta que cada um de nós precisa responder para si mesmo.

“Tive sede e me destes de beber”

Pesquisadores predizem que as próximas lutas e guerras serão travadas pela água. Quando os recursos de água diminuírem, quando as secas perdurarem, cada um lutará para ter água para beber. Talvez essa sede provocará novas migrações de pessoas à procura de países onde ainda existe água. Tenho a impressão de que o mundo está ignorando esse tema. Quando leio que os Estados Unidos constroem um navio de guerra de 13 bilhões de dólares e que a Alemanha pretende aumentar seus gastos militares nos próximos anos, eu me pergunto se essas quantias exorbitantes não poderiam ser investidas na solução desse problema. Para nós, que vivemos num país em que *ainda* existe água suficiente e que sai das torneiras quando as abrimos, a nossa responsabilidade é usar o recurso da água de forma consciente e responsável.

Mas também aqui precisamos perguntar: Você tem sede de quê? Eu conheço a necessidade, o sofrimento, a sede do meu vizinho? Qual é a sede da alma da pessoa? Como posso ajudar? Quais são as fontes cristalinas que regam sua vida, que a tornam fértil? Como o rio de sua

vida pode voltar a fluir para regar, banhar o solo da sua alma? Como a corrente de vida divina pode voltar a ser percebida por ela?

Isso vale também para a minha vida. Eu posso fazer as mesmas perguntas a mim mesmo. Lembro-me de um cântico que, na minha juventude, era muito utilizado em nosso trabalho com os jovens e que, às vezes, ainda é cantado em nossos cursos para essa faixa etária. O refrão diz: “Tenho sede, ainda tenho sonhos, não quero me contentar tão cedo”. Creio que seja um grande presente quando uma pessoa pode estar satisfeita consigo mesma e com sua vida. Ao mesmo tempo, é importante que isso não resulte em rotina.

É importante preservar a sede de vida, de vivacidade, de crescimento da própria personalidade. Às vezes eu me assusto quando vejo pessoas mais idosas e tenho a impressão de que o mais importante para elas é que o dia a dia funcione, que tudo siga em ritmo costumeiro. Também nós, os beneditinos de Münsterschwarzach, seguimos o mesmo ritmo todos os dias, dependemos dos mesmos processos e das mesmas orações. Essa rotina tem seu sentido na estabilidade e na confiabilidade que ela dá. Mas o decisivo é o anseio interior, a sede interior de vida e de Deus, de confrontar sempre com a pergunta: Qual é o meu sonho, qual é o sonho de Deus para mim?

“Fui peregrino e me acolhestes”

O “ser estranho e estrangeiro” é a experiência primordial do povo de Israel. Durante vários séculos ele viveu no exterior, no Egito. Aqui, Deus se revela pela primeira vez como o Deus que liberta, que leva seu povo para casa, mesmo que tenha de vagar pelo deserto por 40 anos. A imagem cristã atual do Deus que acompanha o ser humano em seu caminho se fundamenta nesse período de caminhada pelo deserto. O povo de Israel sabe o que significa ser estranho em algum lugar. E todos os que já passaram as férias no exterior ou que foram para um lugar estranho sabem como é bom ser acolhido com amabilidade, calor e encontrar um abrigo. Mas os peregrinos não fazem reservas antecipadas, eles procuram um abrigo no local em que chegam à noite, e se alegram quando sentem que são bem-vindos.

O mesmo vale de forma ainda muito mais existencial para os desabrigados. Como faz bem ao seu corpo, à sua alma quando podem procurar um abrigo numa cidade, quando recebem tratamento médico gratuito, quando eles – os estranhos no nosso meio – recebem atenção e carinho.

Eu também me pergunto: Como eu posso ajudar? Existe um conto de Rainer Maria Rilke bastante ilustrativo. Como estudante, ele passeava por Paris com um amigo; todos os dias eles percorriam o mesmo caminho. Certo dia, Rilke deu uma rosa a um desabrigado que mendigava todos os dias no mesmo lugar. Depois disso, ele desapareceu daquele local durante uma semana. Quando ele voltou para o seu lugar, aquele amigo de Rilke disse: “Como ele sobreviveu durante essa semana?” Rilke respondeu: “Com a ajuda da rosa”. Isso significa que o desabrigado se alimentou da atenção expressada pela rosa, do sentimento de ter sido percebido e visto, não só em suas necessidades físicas imediatas, mas também em suas necessidades emocionais. Uma pessoa que também carecia de um abrigo emocional foi alimentada emocionalmente.

Quando me conscientizo da presença de um desabrigado, eu lhe compro algo para comer. Normalmente isso resulta em boas conversas. Talvez isso seja apenas uma gotinha para a alma sedenta da pessoa, mas a pessoa que está no chão e sem lar experimenta alguns momentos de alimento emocional e físico. Cada um de nós precisa desse tipo de atenção. Mas também aqui vale o equilíbrio: Devo fazer o que está dentro das minhas possibilidades, mas não posso alimentar e salvar todos os desabrigados do mundo. Jesus sempre ajudou indivíduos e lhes perguntou o que queriam que Ele lhes fizesse. Ele nunca usou chavões, fórmulas vazias ou deu instruções gerais. Essa postura de Jesus retira certo peso de nós. Não preciso nem devo socorrer a todos neste mundo, mas apenas aquele que cruza meu caminho quando saio de casa.

Para mim, a pergunta pode ser: Onde estou desabrigado? Quais partes em mim precisam de abrigo, de atenção, de cuidado? Quais partes da minha pessoa eu tento negar? Onde encontro meu lar, meu calor emocional? Quando recebo atenção e carinho? Eu mesmo posso

dar essa atenção a mim?

Nenhum tema comoveu o mundo tanto quanto a crise dos migrantes no outono de 2015. E nenhum tema dividiu tanto a sociedade alemã. Inesquecível é a declaração da chanceler alemã: “Nós conseguiremos!” Na época falava-se muito em “cultura de boas-vindas”. E enquanto alguns lutavam com todas as forças contra os migrantes e exigiam um limite para o número de migrantes, outros puseram mãos às obras. Vivenciamos uma onda inédita de solidariedade. Na vizinhança da abadia muitos ajudaram com doações materiais, e muitos se empenharam dando aulas de alemão, ajudando os migrantes junto às autoridades e na procura de abrigo e emprego. O tema já desapareceu dos noticiários, mas isso não significa que não existem mais refugiados. Desde que a rota dos Bálcãs foi fechada e a Alemanha fechou um acordo com a Turquia, o número de migrantes diminuiu. Mas muitas pessoas continuam a entrar na Alemanha.

A pergunta é naturalmente: Quanta ajuda e solidariedade é possível? Acredito que é possível mais do que muitos imaginam. Nós vimos isso em 2015. Eu me comovi quando vi a rapidez com que a nossa abadia decidiu ajudar e a naturalidade com que acolhemos pessoas sem nos importar com sua nacionalidade, sua religião ou sua cultura. Jesus, Maria e José vivenciaram o oposto disso. José tinha partido, com Maria grávida, para Belém, porque os romanos estavam realizando um censo e todos precisavam se registrar em sua cidade natal. Segundo a narrativa bíblica, José vinha de Belém e por isso ele partiu para aquela cidade. Mas ele não encontrou abrigo para sua noiva Maria e teve de se contentar com um estábulo. Lá, Maria deu à luz o seu filho. Ela vivenciou na própria pele como é ser rejeitado e não encontrar abrigo. Maria e José nos mostram que nos olhos de uma pessoa que procura um lugar seguro para descansar, os olhos de Deus nos pedem abrigo, ajuda e acolhimento, calor para o corpo e a alma.

Para os meus confrades da abadia que cuidam dos refugiados, sentir a gratidão dessas pessoas lhes dá uma satisfação profunda: num olhar, numa palavra, num gesto. Jamais me esquecerei das imagens dos refugiados que acolhemos em nossa abadia. Muitos vieram somente com um saco plástico contendo alguns pertences; outros só

vieram com a roupa que vestiam, e nada mais. Como ficaram aliviados quando, após semanas e meses de fuga, após passarem por prisões, insegurança e medo pela vida, encontraram um lugar seguro, encontrando uma cama, roupa limpa e alimento.

Mas por que o tema dos refugiados desperta dentro de nós também medo e tanta resistência? Por que uma parcela da população alemã teme os estrangeiros, que a Europa possa se transformar em uma região muçulmana? Creio que existem várias razões. Ainda na minha juventude, a vida era fortemente marcada pela Igreja. As pessoas iam à missa, as crianças serviam como coroinhas, participavam de procissões, romarias.

Na faculdade, vivenciei uma postura muito crítica em relação à Igreja; dentro dela muitos exigiam reformas. A globalização abriu a sociedade, abriu estruturas enrijecidas e ampliou a visão; viagens e a descoberta de outras culturas se tornaram possíveis. E isso abalou as nossas convicções, pois elas deixaram de ser as únicas que conhecíamos e porque entramos em contato com outras pessoas, que tinham novas crenças, num outro Deus, mas que também eram pessoas amáveis e que se tratavam com respeito. Anteriormente, ninguém teria imaginado que isso fosse possível.

O estranho com o qual somos confrontados sempre questiona o que é nosso. E diferentemente de quando estamos em férias, quando as outras culturas são percebidas como algo que amplia nossos horizontes, a cultura estranha é percebida como ameaça quando é vivenciada em nosso próprio país. Nas férias, a outra cultura é um momento vivenciado, e voltamos para a nossa própria cultura quando as férias terminam. Mas em casa não temos como evitar o contato com o estrangeiro. Nós o encontramos na rua, no supermercado, nas praças. Precisamos formar uma opinião, precisamos nos ocupar com ele, assumir uma posição. Pessoas que vêm de outra cultura, que pertencem a outra religião, que têm outros costumes nos perguntam se a nossa fé ainda faz sentido, se ela é “correta”. Muitas pessoas simplesmente adotaram a fé de seus pais, porque eles a viveram e sempre a proclamaram como a única fé correta e verdadeira.

O contato com estranhos nos confronta também com tudo o que

nos é estranho – também com aquilo dentro de nós que nos é estranho. Às vezes as pessoas dizem que não conseguiram se reconhecer em determinadas situações e contam como se comportaram. Outras nos dizem: Eu não te conheci assim. O que aconteceu contigo? Em relação ao contato conosco mesmos, quais de nossos aspectos nos são estranhos ou incômodos?

Quero falar sobre meu tempo na Tanzânia. Lá pude perceber, pela primeira vez, minha dificuldade em relação à adaptação e socialização. Não existiam estradas asfaltadas, as pessoas andavam descalças, raramente via alguém com sandálias. Muitas pessoas viviam em casas feitas de barro, alumínio ou coisa do gênero. As mulheres carregavam fardos pesados, ocupavam uma posição completamente diferente do que da que presenciávamos na sociedade europeia. E eu me via constantemente confrontado com forças realmente primordiais: o florescimento da natureza dentro de segundos após uma chuva, animais selvagens que eu podia observar na natureza e não apenas num zoológico. Vivenciei ritos arcaicos; por exemplo, um grupo de homens jovens que, antes de um jogo de futebol, batiam os tambores durante horas até caírem em transe, ou mulheres que preparavam a ceia fúnebre defronte à casa de um falecido, chorando horas a fio. Era como se os ritos e forças arcaicas, primordiais e talvez até “selvagens”, que se escondem sob a minha “fachada ocidental”, agitassem meu interior.

Além disso, muitas das pessoas que vêm para a Alemanha das regiões árabes cresceram numa cultura patriarcal, ou seja, em uma sociedade dominada pelos homens, que – pelo menos do ponto de vista ocidental – oprimem a mulher. A nossa sociedade rejeita isso, acredita ser mais desenvolvida, mais avançada, mais sábia, talvez até ser composta de pessoas melhores. Mas também na nossa sociedade o tema da emancipação ainda precisa ser discutido. Como o homem de hoje integra sua masculinidade, sua força masculina? Onde e como as mulheres de hoje vivem sua feminilidade?

Conheço homens que são bons e bem-sucedidos em seu trabalho, mas que têm dificuldades enormes de assumir uma postura clara em seu casamento, de assumir um relacionamento e de cultivar um

diálogo real com sua parceira. Também aqui o confronto com uma outra ordem social pode significar um questionamento da nossa própria ordem; levanta a pergunta se aquilo que nós consideramos e propagamos como “certo” realmente é tão certo como sempre afirmamos. Estamos realmente convencidos disso? Muitas vezes, aquilo que proclamamos de boca cheia nem sempre se concretiza no dia a dia, e outras vezes precisamos reconhecer que ainda falta muito para a emancipação da mulher na Alemanha, por exemplo.

Além disso, os países árabes e africanos ainda condenam e castigam a homossexualidade. E também isso deve ser uma pergunta para nós: Como nós lidamos com ela? Somos realmente tão tolerantes quanto gostamos de alegar? E também: Quais dos nossos lados nos são estranhos. Quais dos nossos lados ainda não reconhecemos? Quais deles nos assustam? Qual é a imagem que eu tenho de mim mesmo, e onde eu não correspondo a ela? Como acho que devo ser porque os outros o exigem de mim, mas no fundo sou totalmente diferente? Onde eu me obrigo a corresponder a um papel social, a satisfazer exigências externas? Onde eu me vivencio como alienado porque perdi o contato comigo mesmo? Onde eu fujo de mim mesmo? Onde eu me tornei estranho a mim mesmo por estar longe daquilo que sonho para mim e para a minha vida?

Encontrar um novo lar, um novo abrigo significa, então, encontrar o caminho de volta para mim mesmo e para Deus, porque Ele me aceita e acolhe.

“Estive nu e me vestistes”

Em 2015, quando acolhemos os primeiros refugiados, houve uma grande onda de solidariedade. As pessoas doaram muitas coisas que não precisavam mais, mas que tinham grande valor para os refugiados: roupas, móveis, bicicletas. Ainda há muitos locais nos quais as pessoas necessitadas podem encontrar roupas e utilidades para o seu dia a dia.

Cada um de nós pode reconhecer nisso um convite para “limpar” o seu armário, para se livrar das roupas supérfluas. Cada um pode perguntar a si mesmo: Eu ainda preciso dessa peça de roupa?

Encontramos um desafio também na pergunta sobre o modo como as roupas são produzidas. Quais são as condições em que as pessoas trabalham para produzir as nossas roupas? Para nós, compradores, é praticamente impossível pesquisar as condições de trabalho dessas pessoas, como também adquirir apenas roupas produzidas de forma justa. Além disso, muitas pessoas precisam comprar roupas baratas porque não têm muito dinheiro. Isso também faz parte da existência humana dos dias de hoje: fazemos parte de processos de produção e comércio, que não podemos influenciar, apesar de serem injustos e exploradores. Dependemos de produtos produzidos por grandes empresas e precisamos admitir que fazemos parte de sistemas injustos. Mesmo assim, podemos tentar influenciar aquilo que está dentro do nosso alcance.

A instrução de Jesus de vestirmos os despidos é, também, uma instrução psíquica. Muitas pessoas são “despidas”, privadas de sua proteção, expostas publicamente. Muitos conhecem a sensação de serem expostos publicamente, talvez por meio de uma brincadeira de mau gosto na escola ou por meio de fotos particulares compartilhadas online. Os jornais lutam pelas melhores manchetes sobre a vida particular dos famosos, belos e ricos. A vida das pessoas é invadida e exposta sem quaisquer escrúpulos.

Igualmente há pessoas que se apresentam voluntariamente em programas de TV e se despem psiquicamente. A título de exemplo, no *Big Brother* ou no *The Voice*, jovens são avaliados por especialistas que, às vezes com uma única sentença, destroem toda a sua autoestima. Por que as pessoas se submetem voluntariamente a essas coisas? Talvez seja o desejo de fazer parte, de ter os holofotes virados para a sua biografia, de ser ouvidas ou de chamar a atenção para a própria vida. Mas, talvez, podemos entender isso também como o grito de socorro de um “despido”, para que alguém lhe ajude a vestir sua alma e a protegê-la. Muitas dessas pessoas passam a impressão de não terem amigos de verdade, ninguém que lhes queira bem; todos parecem querer se aproveitar delas. Vestir os nus significaria então ser um amigo honesto dessas pessoas. E isso pode ser uma cura, mostrar-lhe o que lhe faz bem e o que lhe faz mal.

Já os programas de entrevista passam a impressão de que o objetivo não é transmitir informações objetivas sobre determinados temas e avaliá-las sob diferentes pontos de vista, mas descobrir quem consegue gritar mais alto e se impor. Cada um afirma estar certo, ninguém consegue se distanciar de sua própria opinião e é obrigado a defendê-la até o fim. Esse tipo de comportamento revela muito sobre o respeito mútuo. Menosprezar o outro, não permitir que ele termine sua frase, ridicularizá-lo publicamente, xingá-lo são formas de expor o outro; de tirar sua roupa em sentido figurado.

Em situações como essas as pessoas cuja alma foi ferida precisam de palavras e gestos que servem como roupas para sua alma, que esquentam, curam e estabilizam. São Bento afirma, como já vimos acima, que o abade, como dirigente de um mosteiro, precisa ser como um bom médico que sabe tratar de uma ferida. Ele deve contribuir para que seus monges se tornem íntegros e sãos, para que suas feridas saiem e cicatrizem e para que encontrem novas forças e esperança. Certo dia me deparei com um cartaz afixado na porta do quarto do meu superior convidando para um congresso psicoterápico. Hoje esse cartaz decora a parede do meu escritório, pois expressa de forma maravilhosa como eu me entendo como conselheiro. O cartaz diz:

Emitir sorrisos
Despertar esperanças
Retirar temores
Vencer dúvidas
Sentir alegria
Inspirar confiança
Doar amor
Investir forças
Dividir a sorte.

Quando conseguimos doar um sorriso, despertar esperança e confiança no caminho das pessoas e em Deus, isso funciona como um manto que colocamos em volta da ferida e da nudez delas, como um manto que aquece. Um exemplo impressionante é a cura de um homem na sinagoga no sábado. Sua mão estava paralisada. Jesus lhe disse:

e o curou. Jesus o chamou das margens para si. Ele lhe devolveu respeito e lhe deu atenção, revestindo-o de calor emocional. Quem sabe há quanto tempo aquele homem estava isolado socialmente e se sentindo banido por Deus. Jesus o vestiu com o manto da atenção, proximidade e cura. Como é bom as pessoas saírem de uma conversa com mais esperança, mais confiança, mais consolo.

Eu me pergunto: Conheço pessoas que foram expostas? Quem em minha esfera precisa de atenção, de uma experiência que cura? Como eu falo com as pessoas? Em que ocasiões utilizo palavras que machucam, ferem, magoam e “despem” outras pessoas? Segundo a regra dos beneditinos, o mosteiro deve respeitar as peculiaridades de cada um, e isso inclui: reconhecer, perceber como eu me comunico com os outros, como eu critico, como eu digo a eles coisas difíceis de modo que consigam aceitar e reconhecer o fato em questão?

Em meu papel como conselheiro, as pessoas me falam, por exemplo, da falta de sensibilidade com que um médico ou um policial comunicou uma notícia de importância existencial, virando sua vida de ponta-cabeça. Como aquilo foi impiedoso e frio, uma comunicação apressada para poder sair dali o mais rápido possível. As pessoas envolvidas se sentem abandonadas, “nuas” e desprotegidas.

Isso também inclui o modo como falamos sobre outras pessoas. Penso aqui na famosa fofoca, quando falamos negativamente sobre alguém, sem que ele o perceba. Difamamos, menosprezamos e expomos alguém quando ele nos conta algo confidencial e nós espalhamos o ocorrido.

Sempre importa proteger a dignidade das pessoas e usar de sensibilidade quando estão feridas, levando em conta nossa diferença em relação à percepção dos fatos.

Outra pergunta é: Onde e como eu me “visto”, me protejo, não permitindo que as coisas que me machucam me toquem? E como cuido de mim quando sou ferido? Quando sinto que palavras ou eventos me atingiram é importante que eu dê atenção e respeite a mim mesmo. Às vezes, as palavras que me atingiram continuam agindo dentro de mim de forma autônoma. Então penso: “Sim, eu sou realmente um inútil, e o outro está certo, ontem mesmo isso aconteceu

de novo”. Nesse caso pode ajudar eu dizer a mim mesmo que não permito que isso me alcance. Não permito que as palavras, os pensamentos invadam minha alma. Imagino uma placa PARE! impedindo que esse tipo de pensamento ou palavra se apodere de mim. Talvez eu consiga dizer àquele que disse aquelas palavras ou espalhou aquela notícia o quanto isso me machucou. Às vezes descobrimos que essa não foi a intenção daquela pessoa e que ela percebeu somente quando conversamos com ela o quanto seu comportamento nos feriu.

“Estive enfermo e me visitastes”

Visitar pessoas enfermas era, desde o início, uma tarefa e um distintivo cristãos, sempre vinculados à convicção de que o próprio Deus ou Cristo sofre nelas. No Credo, afirmamos que Deus é onipotente, poderoso, forte... sendo capaz de influenciar e dirigir o curso do mundo. No Antigo Testamento Deus se coloca frequentemente também do lado daqueles que vencem. Uma vitória sobre os inimigos é sempre um sinal de que Deus está com as pessoas vitoriosas. Acredito que isso expressa mais uma imagem de Deus do que Ele mesmo. Até a aparição de Jesus, um Deus que pode ser fraco, doente, vulnerável, um Deus que sofre, era inimaginável, mais ainda que Ele poderia morrer na cruz em seu Filho. Deus sabe o que significa fraqueza, pois Ele mesmo vivenciou isso na vulnerabilidade e impotência de Jesus – e justamente por isso Ele é próximo das pessoas que sofrem.

Eu encontro Deus nessas pessoas, mas também quando aceito minha própria fraqueza e vulnerabilidade. Talvez essa aceitação seja até a condição para que eu possa aceitá-la no outro e, assim, descobrir Deus. Sempre encontro pessoas que têm dificuldades de admitir que elas são fracas, que foram feridas. A aceitação desses ferimentos é o início da cura e da transformação, permitindo serem como elas realmente são.

Paulo disse aos coríntios:

Quando me sinto fraco, então é que sou forte (2Cor 12,10),

pois é justamente nessa ocasião que a força de Deus pode agir, erguer e fortalecer as pessoas. Isso parece paradoxal, mas não é: Deus é fraco e forte, Ele é aquele que sofre e morre em Jesus e que, ao mesmo tempo, tem o poder de tirá-lo da morte e lhe dar vida nova.

Onde encontro os “enfermos” em minha própria vida, mesmo quando sinto estar com saúde perfeita? Sempre quando visito minha vulnerabilidade. Visita significa dialogar, entrar em contato com aquele que se visita. Quando visito minha vulnerabilidade posso perguntar o que me feriu, o que sempre volta a me ferir, quais feridas desejo que sejam finalmente curadas, quais feridas, quais “fermentos” precisam ser vistos e percebidos. Trata-se de dar atenção aos meus próprios ferimentos. O lado paterno, materno pode consolar a pessoa fraca que eu também sou, pode abraçá-la, sentir algo do carinho de Deus e perceber que é exatamente assim que Deus cuida das pessoas, que não preciso esconder meus ferimentos dele.

“Estive preso e viestes ver-me”

Segundo dados estatísticos a Alemanha contava com 62.865 presos em 2016. Lembro-me de quando cursava faculdade em Münster. Na época, eu vivia no seminário, e lá vivia também um padre que era conselheiro da prisão em Münster. Ele me falava a respeito das pessoas presas, de suas experiências com elas e com sua ressocialização. Acho isso um objetivo notável do sistema penal alemão: reintegrar as pessoas à sociedade; mostrar para elas que, na justiça terrena, seus atos têm consequências e são castigados, mas também que, após pagarem sua pena, elas têm a possibilidade de retornarem à sociedade. Isso não ocorre nos países em que existe a pena de morte. Para mim, nenhum ser humano tem o direito de negar a outro o direito à vida, e, nesses casos, torna-se impossível que o condenado à pena capital seja reabilitado. Parece-me que essas sociedades tentam banir a criminalidade com todo o seu poderio de violência. Mas não é assim que funciona. A pergunta seria: O que a criminalidade nos diz sobre a sociedade, quais são suas causas?

Depois da faculdade, passei um ano trabalhando em uma instituição para jovens problemáticos. Lá havia uma ala que abrigava

aqueles que tinham decidido aceitar essa possibilidade em lugar de pena na prisão. Era, na verdade, uma “ala fechada”: à noite, as crianças e os jovens eram trancados em seus quartos. Eles só podiam deixar a instituição na companhia de um educador. Na época, fiquei chocado ao saber das “carreiras criminosas” desses jovens – um deles tinha 12 ou 13 anos e já havia sido chefe de um desmanche de carros. Também fiquei chocado ao ver como eles eram socialmente isolados. Havia jovens cujos pais não queriam saber deles, que não os visitavam nem no Natal e não recebiam cartas nem presentes. Jamais me esquecerei como um desses jovens estava sentado na frente da TV no dia de Natal assistindo a algum filme romântico. Naquele momento não vi diante de mim um criminoso, mas um jovem que clamava por amor e atenção. Entendi o quanto essas pessoas, que se tornaram criminosas também por causa das difíceis condições familiares em que cresceram, ansiavam por amor, família e aceitação. O criminoso nelas é um lado, *apenas* um dos lados. Cada uma dessas crianças e cada um desses jovens é um ser humano e merece ter chance. Por isso, ainda me impressiono com o fato de que um dos temas principais do cristianismo é o perdão. Quando perguntaram a Jesus quantas vezes devemos perdoar uma pessoa, Ele respondeu: 7 vezes 77 vezes – ou seja, infinitas vezes. Mesmo assim, nós nos perguntamos com certa constância: Quantas chances ainda devo dar ao outro, quantas vezes devo permitir que ele se aproveite de mim sem que isso me destrua?

Quando a mídia noticia casos de estupro ou abuso, algo que sempre representa também um gravíssimo ferimento psíquico, do qual as vítimas sofrem muitas vezes pela vida inteira, sempre ouvimos algumas vozes que exigem vingança. Às vezes, exigem a (re-)introdução da pena de morte. A fé cristã, porém, exige que também aqueles que cometeram um crime muito grave recebam uma chance. E é um desafio, também para que aquele que cometeu o crime, voltar a encontrar a paz consigo mesmo, conseguir se perdoar e decidir seguir um novo caminho, para romper o ciclo vicioso da criminalidade. Perdoar a si mesmo não significa varrer tudo sob o tapete e simplesmente esquecer, mas assumir a responsabilidade, admitir a própria ação e suas causas, aceitar as consequências penais e

voltar o olhar para o futuro.

Alguns anos atrás li num livro sobre conselheiros que relatavam suas experiências em situações-limite. Um dos conselheiros falou sobre um prisioneiro, descrevendo de modo impressionante que esse jovem decidiu na prisão estudar teologia e tornar-se padre. Como ele se alegrou quando o bispo responsável lhe deu sua permissão. O conselheiro acolheu o homem em sua casa e lhe deu atenção nos fins de semana, quando podia sair da prisão. Ele lhe deu a chave de sua casa, e não se decepcionou. Sempre que esse jovem celebrava missa, o conselheiro imaginava como, durante a Eucaristia, Cristo se colocava em suas mãos. Certa vez, Dom Bosco disse: “Todo santo tem um passado, todo pecador tem um futuro”. Ninguém é sem culpa, e ninguém é apenas santo.

Na forma como me comporto em relação aos outros se mostra também a maneira como eu me comporto em relação a mim mesmo. Não é à toa que Jesus ressalta que o amor ao próximo está vinculado ao amor-próprio: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Quando eu não consigo aceitar a mim mesmo, também não posso aceitar o outro. A visita aos presos e o cuidado por eles abarca também a tarefa de aceitarmos nossa imperfeição. Bento dizia aos seus monges:

Jamais duvidem da misericórdia de Deus (Regra Beneditina 4,74).

A misericórdia de Deus é sempre maior do que todas as falhas, toda a fraqueza, toda autocondenação, todos os complexos de inferioridade. Além de nossa vulnerabilidade, podemos visitar também a nossa imperfeição, abraçá-la e aceitá-la.

Esse ato contém o impulso para um novo começo, para a conversão. Isso é possível quando aceitamos o fato de que “Sou bom do jeito que sou”. Precisamos exercitar esse olhar incansavelmente em relação ao outro, mas também em relação a nós mesmos.

Visitar presos pode significar também ser solidário com todos aqueles que estão encarcerados dentro de si mesmos. Com aqueles que se sentem paralisados e não conseguem escapar do padrão de comportamento que os faz sofrer. Em conversas, vejo frequentemente que muitos não têm as forças de sair de seus problemas e tomar passos

em direção a uma solução. Precisam falar constantemente de seus deslizes, mas permanecem presos neles. Minha tarefa é ouvi-los, dar-lhes minha atenção ou uma bênção. Às vezes é preciso muita paciência até que uma fenda se abra em seu interior e a pessoa ousa sair de suas prisões internas.

Em nossa própria vida, trata-se de visitar e contemplar a nossa prisão interna, usando de retidão e sinceridade. Onde estou preso em mim mesmo? Onde preciso de libertação? Em quais condições externas sinto-me preso? Muitas vezes, o caminho para sair dessas prisões é longo. Em Atos dos Apóstolos lemos como Pedro, que estava preso por ter proclamado que Jesus tinha ressuscitado dentre os mortos, recebeu a visita de um anjo e foi libertado da prisão. Infelizmente, não é o que acontece com a maioria das pessoas. Muitas vezes elas se sentem muito à vontade na prisão de sua vida. Isso as restringe, mas elas estão familiarizadas com isso, já que o novo é desconhecido e assusta. Por isso, a pergunta de Jesus aos enfermos: “Que queres que te faça?” Em outras palavras: Você quer ser livre? Como resmungaram e murmuraram os israelitas quando saíram do Egito: “Por que não ficamos sentados junto às panelas de carne do Egito?” Mesmo que tivessem sofrido, tinham o que comer. Assim, o novo início exige que saíamos do nosso aconchego.

Enterrar os mortos

A tradição cristã acrescentou às mencionadas “obras de misericórdia” a obra de “enterrar os mortos”. Por trás disso está a convicção de que o ser humano preserva sua dignidade na morte – como ser humano e como lugar da presença de Deus; como templo divino. Assim, ele tem direito a um enterro digno. Na fé cristã, a morte é a transição da vida terrena para a vida eterna. No acompanhamento de pessoas moribundas constatei que minha fé se fortaleceu nisso, porque é justamente na morte que ocorre um encontro com Deus. É impressionante como as pessoas, quando a morte não é súbita, relaxam e ficam tranquilas; às vezes, elas até ostentam um sorriso no momento da morte. Eu me lembro de um confrade que, quando estava doente, e eu lhe perguntei se ele estava

pronto para partir caso Deus o chamasse, me respondeu: “Se eu não estivesse pronto, eu jamais poderia ter entrado no mosteiro”. Depois de sua morte, o confrade que esteve no momento contou que ele morreu na postura do *Suscipe* – Um canto que é entoado durante os votos monásticos, quando um monge faz o voto de permanecer no mosteiro pelo resto da vida. O texto diz:

Acolha-me, Senhor, e viverei. E não me deixes falhar em minha esperança.

O monge canta essas palavras de braços estendidos e expressa assim que deposita toda a sua esperança em Deus. O confrade moribundo, que já não reagia mais às perguntas, estendeu os braços dessa forma no momento da morte, pronto para ser acolhido por Deus. Esse confrade me disse que Deus foi ao seu encontro, que Ele lhe enviou seu anjo para facilitar a sua transição.

Em ritos de despedida podemos expressar mais uma vez que essa pessoa falecida foi tirada da terra e agora é devolvida à terra, mas que Deus a considerou digna de ser lugar de sua presença, de se comunicar neste mundo através dela. É uma boa tradição nossa que, na noite do enterro, nós nos reunimos para falar da vida do morto. Cada um conta o que sabe. Nisso se revela como e onde Deus agiu através dele. E cada sepultamento, cada despedida fala da esperança da fé, que Deus dá a vida eterna a essa pessoa.

Às vezes eu me assusto ao ouvir que, em asilos de idosos ou hospitais, o agente funerário só pode retirar o corpo da pessoa falecida quando os vizinhos dela não o veem. Essas pessoas não querem ou não conseguem lidar com a morte; ela é reprimida, relegada à margem. Procuramos modos de nos rejuvenescer constantemente, de tornar invisíveis os rastros da idade e de encontrar o gene para uma vida longa e talvez até eterna. O confronto com a morte, a conscientização da própria mortalidade é a chance de confrontar a si mesmo com a pergunta: Em que acredito? Qual é a minha esperança? Esse confronto pode resultar num encontro com o divino, no encontro com uma dimensão do ser que remete para além da própria finitude.

São Francisco chamou a morte de “Irmã Morte”, e nós monges oramos diariamente por uma morte “santa”. Assim, a morte é aceita

como elemento da vida. Ela é honrada como parte da minha vida, que encerra minha vida biológica e me conduz para um novo modo de ser.

A morte de uma pessoa é uma situação-limite absoluta, quando ela alcança o limite de sua vida terrena. Situação-limite é uma linda palavra para isso. Quando um ser humano ultrapassa a fronteira de um país, entra num país novo e diferente. Lá, ele encontra outras pessoas, outra cultura; lá ele amplia sua visão, seu horizonte de experiências. O mesmo acontece com o moribundo: ele passa de um país terreno para um país celestial, para uma vida nova. Não se trata de uma morte – ou seja, de um fim –, mas de uma passagem para uma nova e diferente forma de existência. No cristianismo, as pessoas acreditam que é justamente essa situação-limite que leva a pessoa para um encontro e uma experiência com Deus. A fé cristã fala da contemplação de Deus face a face.

Na missa fúnebre, cantamos “In paradisum deducant te angeli...” Traduzindo: “Para o paraíso te conduzam os anjos [...], te conduzam para a santa cidade de Jerusalém”. Jerusalém é o símbolo na religião judaico-cristã para a residência de Deus. O processo de morte de uma pessoa conhece diferentes fases. Ela precisa de tempo para aceitar e consentir o inevitável. Não é à toa que, às vezes, falamos da agonia da morte.

Existem também outras situações-limite na vida de uma pessoa que a desafiam ao extremo. Essas situações também podem resultar numa experiência de Deus. Lembro-me de meu noviciado, no início do qual eu não tinha qualquer contato com o mundo externo, ou de outras situações nas quais as pessoas se veem diante de tarefas que a vida lhes impõe e que parecem ir além das nossas forças.

Às vezes, temos a impressão: Eu não consigo fazer isso. E nos perguntamos: Por que eu fui me meter nessa situação? Mas, de repente, uma nova dimensão, um novo horizonte se abre no interior: Consigo mais do que imaginava. Existe uma força que vem ao meu encontro e que me ajuda a lidar com essa situação. Existem, é claro, também situações em que precisamos respeitar nossos limites, em que sabemos: Se eu continuar trabalhando além das minhas forças a minha substância e a minha saúde serão afetadas. Isso também é uma

situação-limite que pode se transformar em uma experiência com Deus, porque preciso confrontar minha fraqueza, o fato de que não posso fazer o que quero. É o confronto existencial com a pergunta: O que me sustenta, qual é a minha essência, qual é o meu valor, quem sou eu, se não consigo ser ou fazer o que quero?

Muitos tentam lutar contra isso. Seja a busca pela vida eterna que retira a morte do ser humano, sejam outros métodos que estendem os limites cada vez mais para aumentar o nosso desempenho, prolongando nossa juventude e nosso dinamismo. O confronto com os nossos limites pode abrir a porta e ampliar a visão para o encontro com Deus, seja na morte ou nos pontos fracos de nossa vida.

Tais situações são também lugares da morte, do abrir mão. Quando aplico o tema “enterrar os mortos” a mim mesmo, preciso me perguntar: O que deseja morrer e ser despedido? Quais limites em minha vida devo respeitar, quais devo ultrapassar?

Onde é a Igreja?

Observações marginais

Vimos acima que, do ponto de vista cristão, Deus sempre se aproximou dos seres humanos: nos encontros das pessoas com Ele nas histórias do Antigo Testamento, em Jesus, que pôde ser vivenciado como interlocutor, como um “tu”, e no Espírito de Deus, que está em cada pessoa. Mas se Deus deseja estar tão próximo das pessoas a ponto de poder ser experimentado em cada uma delas, o que isso significa para a Igreja de hoje? A visão dela não deveria se voltar mais para o ser humano, para o indivíduo, justamente porque Deus pode ser encontrado nas pessoas?

Assim como o caminho de Deus com as pessoas se transformou e se renovou constantemente ao longo dos séculos, o caminho da Igreja também precisa se renovar ao longo do tempo. O tempo não para, e assim como as pessoas e suas necessidades mudaram ao longo dos séculos, uma Igreja também precisa mudar se for uma Igreja que pretende aplicar o que Jesus viveu como exemplo: estar próxima das pessoas, para que elas possam estar próximas de Deus.

Nas Igrejas, muitas pessoas sentem que precisamos de novos caminhos, de novos conceitos. Ninguém possui a receita. Alguns exigem reformas estruturais (a suspensão do celibato, a ordenação de mulheres, participação na eleição dos bispos etc.), outros desejam um aprofundamento da fé. Muitos falam de uma crise da fé. Às vezes, tenho a impressão de que muitos estejam pensando: Se a Igreja retornar para as suas fontes verdadeiras, como missa, terço, adoração, se as pessoas voltarem a rezar mais, tudo ficará bem. Certamente precisamos de um aprofundamento da fé, mas não um retorno para aquilo que era, mas já não é mais.

Deus é um Deus do novo começo e do caminho, como podemos ler nas histórias bíblicas do Antigo e do Novo testamentos. Raramente ouço a pergunta: Por que Deus exige esse novo início e essa transformação da Igreja? Para onde Ele deseja conduzir a sua Igreja? Em vista do número cada vez mais reduzido de membros das Igrejas, do número cada vez menor daqueles que participam de missas e dos candidatos ao sacerdócio, o desaparecimento da fé parece enorme; também do lado evangélico. Mas duvido que a fé esteja desaparecendo. Não tenho certeza se a fé, o anseio por um fundamento último, por um “algo a mais” na vida esteja desaparecendo. Acredito, antes, que as pessoas não estão mais encontrando respostas no modo como a fé é vivida e proclamada nas Igrejas.

Se Deus pode ser encontrado primeiramente nas pessoas, não estaria na hora de a Igreja se voltar para elas, em vez de ficar esperando fiéis em templos vazios ou lamentando o fato de que poucos se oferecem para assumir tarefas voluntárias dentro dela? A pergunta seria: Onde o ser humano se encontra hoje em dia? Onde posso encontrá-lo e encontrar Deus nele?

A transformação na Igreja, iniciada pelo Papa Francisco, pode ser percebida tão nitidamente porque seu precursor, o Papa Bento XVI, era visto como tímido. Enquanto ele celebrava sua missa diária com a presença de poucas pessoas dentro do Vaticano, Francisco se misturou, desde o início, com o povo. Ele permaneceu em seu quarto na casa de hóspedes Santa Marta, não se mudando para o apartamento papal, e até hoje ele celebra ali diariamente a missa junto aos hóspedes, toma refeição com eles, aparece inesperadamente na cantina do Vaticano, faz visitas em prisões, hospitais e centros comunitários.

No início, os críticos diziam que Francisco privava “seu brilho divino”. O papa, diziam eles, é representante de Cristo, uma autoridade divina, e não deveria se misturar com pessoas comuns. Mas foi justamente ao fazer isso que ele pisou nas pegadas de Jesus, que não fez outra coisa senão estar entre as pessoas, principalmente as marginalizadas socialmente. Em outras palavras: na Igreja, na presença de Deus, todos têm um lugar. Nesse sentido, as moradas

daqueles que não se sentem como se fizessem parte, que se sentem pequenos porque sabem tão pouco da fé e de Deus, são “lugares outros”. Lugares outros, também, porque a Igreja precisa adotar outra postura em relação a eles. Jesus fez isso de modo fascinante, desafiando as pessoas ao falar para elas de modo novo e diferente sobre Deus. Quando procurou justamente aqueles que, fazendo um paralelo, estão do lado de fora da Igreja ou para os quais a instituição Igreja deixou de fazer sentido – ou ainda que não pertencem a nenhuma confissão religiosa –, mas que dão espaço ao anseio de Deus, Jesus disse: “batei à porta e ela será aberta”.

Na minha opinião, as pessoas sempre podem ser encontradas onde Jesus já as encontrou e onde o Papa Francisco as procura hoje: à margem. Por isso, quero fazer algumas “observações marginais”, identificar lugares nos quais as pessoas estão esperando para serem encontradas, identificando também algumas posturas que podem nos ajudar a encontrar Deus no ser humano.

A caminho

Deus é um Deus dos novos inícios e do caminho. Falamos de Abraão, que foi acompanhado por Deus em seu caminho e a quem Ele se revelou repetidas vezes. O mesmo aconteceu no êxodo do povo de Israel no Egito. Durante 40 anos os israelitas caminharam pelo deserto e foram acompanhados por Deus. Essa imagem do povo de Deus no deserto marca até hoje a autoimagem da Igreja. Ela se vê como comunidade que está a caminho. O Reino de Deus proclamado por Jesus é visível apenas em seus inícios. Realizá-lo e construí-lo exige trabalho e empenho. Jesus também estava sempre a caminho, nunca ficou muito tempo num mesmo lugar. Ele foi até as pessoas, procurou-as, visitando ou acompanhando-as. De certa forma, Ele levou Deus até elas; tornou-o visível e palpável para elas. Jesus não se sentou em um lugar qualquer e esperou que as pessoas fossem a Ele. Quando vinham em grandes multidões, não era porque as tinha chamado ou anunciado sua vinda como um grande espetáculo. Sua fama o antecedia, e as pessoas iam voluntariamente até Ele porque queriam ouvir sua

mensagem e esperavam ser curadas. Mas Jesus as encontrava onde elas viviam com suas perguntas, problemas e preocupações.

Na Igreja e na fé, costumamos distinguir entre contemplativo e ativo, entre mundo e Deus. Na verdade, porém, Deus age no meio do mundo, em meio às pessoas. Em Jesus, Deus vem para o meio do mundo. Nos últimos anos, a Igreja tem falado muito sobre a necessidade de ser uma Igreja “que vai”, não uma Igreja que espera que as pessoas se dirijam a ela. A Igreja deve procurar as pessoas onde elas vivem, trabalham e buscam a Deus, o encontram e são encontradas por Ele.

Na minha infância, era normal todos irem à missa no domingo. Creio que muitas pessoas vivenciaram isso; fazia parte da vida. Muitas vezes, as Igrejas acusam as pessoas de não praticarem a fé, de não participarem dos atos litúrgicos regularmente. Vejo cada vez mais como as pessoas procuram a Igreja apenas esporadicamente, quando precisam dela. Posso lamentar o fato, reclamando disso e falando da decadência do Ocidente cristão. Mas também posso nisso como uma chance de oferecer às pessoas um novo horizonte.

Sempre me impressiono quando vejo que muitos, independentemente de praticarem a sua fé de alguma forma ou não, querem que seus filhos sejam batizados. Parece existir um grande desejo de colocar seu filho sob a proteção de um poder maior e pedir a bênção para a criança. E é exatamente nessas necessidades das pessoas que a Igreja poderia reconhecer uma chance de lhes oferecer uma mensagem de Deus.

Às vezes tenho a impressão de ouvir a mesma ladainha de sempre; como, por exemplo, quando os bispos insistem que as estruturas não serão mudadas, porque não é hora para isso, que é preciso reencontrar a profundidade da fé. Mas as estruturas também contribuem para a credibilidade – ou não, quando estão estarrecidas ou antiquadas. O Papa Francisco não se cansa de incentivar as pessoas a fazerem sugestões corajosas para o futuro da Igreja, para, com elas, encontrar Deus em seu horizonte, para procurar seus rastros e oferecer novos padrões de interpretação para sua vida. O melhor exemplo bíblico nesse sentido é, para mim, o Apóstolo Paulo. Quando ele chegou em

Atenas, viu no areópago muitos altares, cada um dedicado a um deus. Mas num dos altares viu a inscrição: “Ao deus desconhecido”. Os gregos tinham medo de terem esquecido algum deus e de que este poderia ficar magoado e derramar sua ira sobre eles. Paulo se aproveitou disso, dizendo:

É esse Deus que vos anuncio (At 17,23),

e começou a falar de Deus e de Jesus. Ele está no areópago, não numa sinagoga ou num templo, mas no meio da praça – em meio às pessoas. Ele fala de um Deus que as pessoas acreditavam existir, mas que desconheciam. As pessoas de hoje vivenciam algo semelhante: elas sentem que deve existir “algo” que transcende sua vida. Elas sentem um anseio e acreditam que existe uma razão para isso. Ajudar essas pessoas, dar um nome ao seu anseio, descobrir o que elas sentem e procuram – isso é Igreja.

Acredito que a Igreja Católica precisa se despedir da ideia de que ela ocupa um papel de mediação. De que é uma tarefa sacerdotal trazer Deus para a terra por meio dos sacramentos. Deus É. Deus já está aqui. Este é o seu nome. Muito antes de existirem sacramentos Deus se deu esse nome: “Eu Sou (Eu Estou Aqui)”. Nos sacramentos, na missa, trata-se de tornar Deus visível em símbolos como pão e vinho na Eucaristia. Trata-se de uma identificação dos rastros de Deus no meio das pessoas. O essencial é caminhar com as pessoas, acompanhar seus caminhos, seja isso difícil ou lindo. Alguns esperam que o Papa Francisco não tenha um papado longo, para que um papa “católico” possa voltar a assumir a direção da “Sagrada Igreja Romana”. Eu tenho certeza que o próximo papa não pode voltar atrás no que diz respeito ao estilo com o qual Francisco lidera a Igreja. Como seria anacrônico se o papa voltasse a vestir sapatos vermelhos e a se encenar como um deus? O Concílio Vaticano II, realizado dentre 1958 e 1963, e que foi uma reunião de todos os bispos católicos, de alguns conselheiros teológicos e do papa, e cujo objetivo era aceitar o desafio das perguntas do mundo moderno, formulou em uma de suas decisões: “Alegria e esperança, luto e medo das pessoas de hoje, principalmente dos pobres e oprimidos de todos os tipos, são também

alegria e esperança, luto e medo dos discípulos [e hoje teríamos que acrescentar: e das discípulas] de Cristo”.

Ouvimos aqui um eco daquilo que os discursos teológicos chamam de “contemporaneidade cristã”. Os cristãos e a Igreja são chamados a serem contemporâneos das pessoas de hoje, para compartilharem sua vida, para estarem ao lado delas, assim como Jesus o fez. Onde quer que as pessoas conversem, compartilhem suas alegrias, esperanças, tristezas e temores, onde quer que se abra uma fenda e Deus se torna palpável, é lá que ocorre Igreja como comunhão das pessoas que esperam e amam.

Assim, a Igreja não é mais apenas a comunidade visível em torno de um centro litúrgico. Não é mais apenas uma comunidade que se reúne em torno do altar de um templo. A existência cristã ocorre também às margens ou fora da assembleia ou da Igreja oficial. Hoje existe o conceito da “*liquid church*”, da “igreja líquida”. Mas isso não significa que a Igreja tenha se tornado supérflua, porém que há algo diferente daquilo que, alguns anos atrás, era chamado de “evaporação da fé”. Quando algo evapora, desaparece. Quando algo se liquefaz, passa para outro estado físico. Aqueles que, principalmente em discursos acadêmicos, falam de uma “*liquid church*”, partem de condições de vida fluidas das pessoas jovens. Isso significa: elas não são mais tão estarecidas quanto antigamente, quando todos sabiam o que era Igreja e o que devia ser feito, e como a vida devia ser vivida. A maioria se adaptava. Hoje, os modelos e as condições de vida são variadas e flexíveis, os modelos de parcerias e famílias são diversificados, e as concepções de prática cristã também são “pedras de mosaico no quebra-cabeça secular das práticas culturais”, disse o Professor Michael Schüssler em seu ensaio sobre “*liquid church*”. Isso significa: os laços com a Igreja ocorrem na forma de um mosaico em sua vida, em sua prática de vida. Em alguns momentos eles voltam a ter uma importância maior. Podemos criticar e lamentar o fato, mas isso não ajuda.

Rainer Bucher, teólogo pastoral, disse em seu livro *Wenn nichts bleibt wie es war* (p. 60):

Uma igreja que não se expõe ao mundo deste tempo, que permanece na segurança de espaços e certezas aparentemente invioláveis, não faz jus à sua tarefa. Sua tarefa exige certo risco: seu lugar é o mar aberto da autoentrega.

Se a Igreja deseja ter alguma relevância para as pessoas de hoje, ela precisa se envolver com aquilo que está acontecendo na vida delas. Ela também precisa se entregar a processos de mudança, ao fluxo dos padrões de vida da existência social, e não tentar de forma desesperada e reacionária proteger aquilo que não pode ser preservado. Não ajuda em nada agir segundo o lema: “O que não pode ser, não é” e continuar a fechar os olhos. Pois é bem possível que, se abirmos os nossos olhos, façamos a grande descoberta de que Deus está presente sob as condições das pessoas de hoje.

Mosteiro

Muitas dessas pessoas “modernas”, dessas pessoas que buscam e perguntam, não encontram o caminho de volta para a Igreja, mas acabam encontrando o caminho para o nosso mosteiro. Muitas vezes elas se encontram numa fase de transição. Pode ser uma crise profissional, o meio da vida, o casamento que está desmoronando. E em meio a essa crise pode surgir a pergunta por Deus. Muitos sentem algo que é maior do que eles e perguntam pelo sentido de sua vida.

Muitas pessoas procuram hoje “lugares às margens”, fora de sua vida normal, onde possam reabastecer, encontrar respostas para as suas perguntas, aquietar-se, encontrar seu centro, contemplar seu interior ou analisar seu dia a dia com certa distância. Atualmente os mosteiros voltam a ser vistos como centros espirituais. Mas, para mim, um mosteiro é um desses lugares às margens, por várias razões. Muitos deles se encontram em lugares relativamente isolados, sendo, por isso, lugares localizados entre a civilização e a natureza, onde podemos nos aquietar e esquecer a correria e o barulho da cidade. Além disso, o mosteiro tem uma rotina diária, ao contrário do dia a dia da maioria das pessoas. Muitas delas podem até conhecer uma rotina que pode até ser paralisante, mas visto que nos mosteiros o dia

a dia é estruturado pelos horários de oração, pelo fato de haver interrupções regulares para contemplação e autorreflexão, essa estrutura é percebida como algo saudável e não paralisante. Por fim, os mosteiros são “lugares às margens” porque neles são cultivados valores que diferem dos valores da sociedade. No lugar de “mais alto, mais rápido, mais longe”, o mosteiro busca um equilíbrio e uma redução; ele não busca consumo e carreira, mas uma redução e a busca pela medida certa.

Coordenei um curso na abadia juntamente com um escultor. O tema era “Simplicidade”. Fiquei surpreso ao ver como a pedra nos serve como exemplo. Para encontrar a sua forma, basta que o escultor retire tudo o que é supérfluo. Para que a pedra adquira um perfil, uma figura é preciso retirar pedra. Isso é tudo que o escultor faz.

As pessoas que nos visitam no mosteiro desejam a mesma coisa: elas querem encontrar sua forma, adquirir uma visão clara de sua vida e, talvez, de Deus. O conceito da simplicidade se aplica também à vida diária do monge: nós nos contentamos com um quarto para viver, abrimos mão de posses pessoais, não cultivamos um estilo de vida em excesso e tentamos viver uma vida simples, encontrando riqueza e plenitude interiores. E isso é certamente também um desejo essencial daqueles que vêm para o nosso mosteiro.

Peregrinação

Se procurarmos pessoas com um anseio espiritual e que desejam comunhão na qual possam encontrar respostas, é provável que as encontremos em alguma peregrinação.

Durante algumas décadas, peregrinar era algo reservado a pessoas muito piedosas, mas hoje essa prática religiosa antiga está experimentando um renascimento há mais ou menos 15 anos. É interessante que essa tradição existe em quase todas as religiões, não só no cristianismo. Talvez, porque ela represente uma experiência fundamental. Nas peregrinações cristãs, principalmente no Caminho de Santiago, encontramos hoje não só pessoas crentes. Justamente para aqueles que não se identificam mais com a Igreja oficial e com as

práticas religiosas tradicionais, esses caminhos são chances de experimentar esse “a mais” na vida de outra forma.

A peregrinação é uma redução ao essencial. Uma mochila com o mínimo basta. Também aqui a simplicidade exerce um papel importante. E é realmente surpreendente o quão pouco precisamos para uma viagem de alguns dias. A simplicidade se reflete também na rotina diária: levantar, lavar-se, café da manhã, preparar a mochila, calçar os sapatos, caminhar, chegar, descansar, dormir. E muitos constataam que essa redução, a ausência da obrigação de ficar pensando em tudo, não ter que tomar decisões o tempo todo, mas a possibilidade de viver cada dia da mesma forma, os deixa muito felizes.

A peregrinação nos liberta de fardos; do fardo do dia a dia em casa, do estresse diário. Isso cria espaços livres. Quando caminhamos, devolvemos o peso pelos pés à terra. Quando caminhamos, entramos em movimento, também internamente.

Um dos pontos mais importantes são os companheiros de viagem. O companheiro é uma pessoa que compartilha o pão comigo (em latim: “*cum-pane*”, “com pão”), alguém que me acompanha por determinado tempo, que compartilha comigo algo essencial. Isso fortalece e encoraja.

Se a Igreja quiser voltar para as pessoas, as peregrinações são ocasiões em que ela poderia encontrá-las. Cada um que está a caminho precisa carregar seu próprio fardo. Nesse sentido, a Igreja poderia ser uma estação às margens do caminho, para convidar as pessoas a descansarem num lugar seguro, onde poderiam encontrar também alimentos espirituais. E aqui a Igreja poderia perguntar como Jesus perguntou: O que queres que eu te faça? Como posso te ajudar a encontrar aquilo que satisfaz o anseio do teu coração?

Convívio

Já não é mais segredo que nas próximas décadas muita coisa mudará na Igreja na Alemanha. As paróquias estão ficando cada vez maiores, algumas pessoas já falam em “Comunidades GG”. Mas, visto

que, segundo a lei da Igreja, apenas um padre pode assumir a direção das comunidades, isso será difícil, pois também não é segredo que a escassez de padres é um fato que não pode ser revertido. Além disso, muitas pessoas não vivenciam mais a missa como algo vivo, mas como algo cheio de frases feitas e num linguajar que muitos não entendem mais. Até mesmo cristãos de longa data e convictos não conseguem mais explicar o que certas expressões pretendem dizer.

Por isso, muitos procuram um lugar alternativo onde possam sentir que aquilo que eles dizem e ouvem possui um lugar na vida, que as pessoas vivem o que rezam e pregam. Isso também é uma das razões pelas quais as pessoas procuram um mosteiro.

Em sua regra, Bento incluiu a hospitalidade. Ele diz literalmente o que tentei mostrar acima: Devemos ver Cristo em cada hóspede; em cada hóspede acolhemos Deus. A hospitalidade beneditina tornou-se proverbial. Desde o início, fiquei fascinado com a abertura em Münsterschwarzach: cada um pode vir como é e partir como é. E entre a chegada e a partida não há ninguém que o tente catequizar ou lhe dar um sermão moral para “melhorar” a sua pessoa. Isso vale tanto para o nosso trabalho com jovens quanto para o convívio com os hóspedes na Casa Recollectio. Em nosso mosteiro celebramos a missa todas as manhãs. Um dos confrades é responsável pelas celebrações durante uma semana. Seguindo o exemplo de um confrade mais velho, quando é a minha vez, convido os hóspedes presentes – às vezes, são “apenas” dez, trinta ou quarenta – para que se reúnam em torno do altar para rezar o Pai-nosso. É possível que eu já conheça um ou outro hóspede de conversas anteriores; mas muitos me são desconhecidos. Porém, cada um leva a sua história, a sua situação até o altar. Rezamos juntos e participamos juntos da Eucaristia. Eu me comovo toda vez que as pessoas expressam sua gratidão por isso. Elas se sentem acolhidas, aceitas, valorizadas. Ninguém precisa permanecer em seu lugar, talvez com uma consciência pesada por não se sentir “santo” naquele momento, porque sua vida está cheia de problemas, porque não sabe se Deus ainda o ama ou não. É um encontro pontual. Depois disso, cada um parte para enfrentar seu dia, mas com esta consciência: Aqui posso participar, conviver, mesmo que apenas por

pouco tempo; aqui estão pessoas que me veem neste momento e que não me perguntam se eu “posso” fazer aquilo ou não, mas que, exatamente como eu, participam da Eucaristia e da oração.

Nesse contexto se insere também a forma da celebração da missa. Há uns dez anos, quando o Papa Bento XVI reintroduziu a missa no rito tridentino (a liturgia é lida em latim com as costas viradas para a assembleia) como forma extraordinária da missa católica, houve quem se alegrou e quem ficou escandalizado. Os primeiros foram aqueles que, desde sempre, reconheceram nessa forma a única celebração verdadeira da Igreja Católica, que viam a forma atual como livre demais, como improvisada demais, com um excesso de palavras e uma escassez de silêncio e adoração. Mas são os mesmos que hoje atacam o Papa Francisco. Quando Bento XVI era criticado, eram estes que exigiam lealdade ao papa e são estes que não a demonstram ao papa atual. Tenho a impressão de que vemos aqui o efeito de determinada imagem da Igreja: como guardiã da doutrina verdadeira, que não pode ser alterada, possuidora da verdade, uma rocha no tempo moderno e no espírito moderno, que é visto como antiodivino. A missa tridentina também foi desenvolvida em determinado momento da história e não caiu do céu. Os discípulos, os apóstolos, os primeiros cristãos se debateram e brigaram para definir o que é verdadeiramente cristão. Lembro-me de uma aula de religião no ensino médio. Estávamos lendo uma passagem de Johann Baptist Metz, um dos fundadores da Teologia da Libertação. Ele escreveu um texto para o Sínodo de Würzburg, convocado na década de 1970 para definir o que as decisões do Concílio Vaticano II significavam para a Igreja na Alemanha. Metz escreveu: “O Reino de Deus não é indiferente aos preços do comércio global”. Escrevi uma prova inteira sobre isso. O que ele quis dizer era simplesmente que o Reino de Deus não é um lugar de recuo, mas que ele acontece no meio do mundo. Nos mercados e locais de comércio. O altar – símbolo da presença de Deus, que, depois do Concílio, recebeu um novo lugar nas igrejas, exemplifica isso. Agora, ele não se encontra mais longe do povo de Deus, onde o padre celebrava a missa em latim. Agora, ele está mais perto do povo. Isso deixou claro que o importante são as pessoas que

se reúnem em nome de Jesus. Mesmo que os defensores da missa tridentina aleguem o contrário, existe, na minha percepção, uma diferença elementar nas duas formas de celebrar missa: a tridentina oferece a Deus um sacrifício, o sacrifício do Filho de Deus na cruz, que reconciliou Deus com os seres humanos. A missa com a assembleia reunida mais próxima do altar, por sua vez, deixa claro que se celebra um banquete, um banquete de amor. Jesus se doa com o seu amor às pessoas. Ele se entrega a elas. A introdução da língua vernácula permitiu que as pessoas finalmente pudessem entender o que o padre diz. Penso muitas vezes nisto: Jesus falou de um jeito que o povo entendia. Por que isso deveria ser diferente na missa? Não acredito que a Igreja precisa proteger algo ou defender Deus. Ela não precisa se retirar e se esconder longe das pessoas. Deus é capaz de proteger a si mesmo. Mas a mensagem cristã é: Deus está no meio das pessoas, presente no mundo por meio das pessoas. Isso vale também para aquelas que se queixam do fato de que as pessoas esperam receber um serviço da Igreja apenas pontualmente, que participam apenas espontaneamente da vida comunitária e não estão mais dispostas a assumir responsabilidades e a sustentar a comunidade.

Penso que precisamos simplesmente aceitar o fato de que hoje as pessoas só procuram a Igreja quando precisam dela. O importante é podermos dar algo a elas quando se tornam presentes. Às vezes reflito dessa maneira: Jesus também encontrou as pessoas dessa forma. Muitos daqueles que Ele curou, que Ele encontrou nas aldeias, nunca mais viu. Mas esse encontro mudou a vida das pessoas.

Isso significaria também que a estrutura da Igreja precisa mudar completamente, pois ainda tudo é organizado em torno de uma vida comunitária regular. Mas seria impossível imaginar uma Igreja, a exemplo de Jesus, que oferece serviços apenas quando as pessoas necessitam deles? Muita coisa enrijecida, antiquada e esvaziada seria rompida e talvez despertasse o interesse das pessoas pela Igreja.

Lembro-me de uma preparação para a Crisma durante meu tempo como professor de Ensino Religioso. Éramos um grupo pequeno. Juntos, escolhemos a passagem do Evangelho para a celebração da Crisma. Um dos alunos – e todos concordaram com ele – sugeriu a

passagem em que Jesus acalma a tempestade. Eu lhe perguntei por que ele tinha escolhido aquela história. Ele respondeu: “Ela mostra: nunca subestime Deus”. Fiquei tão impressionado com sua resposta que eu lhe disse: “Se você lembrar isso pelo resto de sua vida, você saberá tudo do que precisa saber”. Uma situação pontual, mas com efeito profundo.

Rituais

Quero falar mais uma vez daqueles que trazem seu filho para o batismo; que pedem a bênção de Deus para o casamento; que pedem um enterro religioso para um de seus parentes, mas que, de resto, não aparecem na igreja. Alguns passaram a chamar a Primeira Comunhão de “Última Comunhão”, porque apenas uma semana depois da Primeira Comunhão a maioria não aparece na missa. Ou também aqueles que só vão à igreja no Natal ou na Páscoa. Também há aqueles que nos procuram no mosteiro para pedir o batismo porque o padre de sua paróquia se recusa a batizar seu filho. Sua justificativa: os pais não estão casados no religioso ou não frequentam a Igreja.

Eu me pergunto: Qual é o anseio que leva essas pessoas até nós, até a igreja, até a missa? É realmente apenas a convenção, porque isso sempre foi feito assim ou porque sua família espera isso delas? E como posso falar com essas pessoas para que elas entendam a mensagem? O que é importante, o que elas precisam para o seu caminho?

As pessoas que nada mais esperam da Igreja procuram cada vez mais pessoas que encenam rituais. Em ocasiões importantes de sua vida as pessoas procuram, desde sempre, a proteção e a bênção dos deuses. Esse anseio arcaico existe. Já na natureza encontramos o ritmo do devir, crescer, amadurecer, morrer, renascer. Por que o ser humano deveria estar excluído disso, e por que ele não deveria pedir uma bênção justamente nesses pontos críticos de sua vida?

Muitos zombam desses rituais – eles são condenados como não cristãos e descartados como esotéricos. Mas qual é a pergunta que existe nisso, qual pergunta de Deus à Igreja e às pessoas que representam sua Igreja? Alguns afirmam que o colapso da Igreja serve

para que todos percebam: Não podemos continuar assim. Algo precisa mudar.

Mas como podemos continuar? Qual seria uma mudança possível? O fato de que as pessoas pedem um ritual mostra que elas não se cansaram de rituais, que ainda não desistiram de sua fé, que não se esqueceram de Deus, como afirmam alguns. Na verdade, é o contrário: essas pessoas estão à procura de uma proteção, de uma bênção, de um fundamento que elas não encontram na vida profana, que a vida profana não pode lhes dar. Mas elas não se reconhecem mais nas formas da Igreja. Em conversas que servem como preparação para rituais da Igreja elas apresentam desejos individuais; desejam cantar determinados hinos que lhes significam muito ou que conseguem expressar aquilo que esse ritual significa para elas. Ou, no casamento, desejam fazer votos adicionais aos votos prescritos pela liturgia. Sinto aqui a necessidade de aspectos individuais nesses rituais em ocasiões importantes da vida. E para muitos, a Igreja parece enrijecida em seus rituais e costumes, talvez até estagnada. Precisamos nos perguntar se a liturgia, as missas e os rituais ainda alcançam as pessoas em seu mundo ou se a Igreja não estaria cultivando e repassando formas que, para muitos, são vazias e despidas de sentido. E se a Igreja não deveria ir ao encontro das pessoas, falar a sua língua em seu horizonte de compreensão.

Um exemplo: nos últimos anos, a Alemanha tem desenvolvido o costume de celebrar o *Halloween* às vésperas do dia 1º de novembro. Muitos reconhecem nisso uma festa esotérica e lamentam que a festa verdadeira – o Dia de Todos os Santos – é cada vez mais esquecida. Mas o nome *Halloween* significa nada mais do que “Todos os Santos”. Nesse dia, a Igreja se lembra de todas as pessoas santas, também daquelas que não têm seu dia especial no calendário anual, querendo garantir assim que ninguém seja esquecido. *Halloween* é uma festa originalmente celta e pré-cristã vinculada a determinados rituais. Por volta do dia 1º de novembro as pessoas celebravam o fim do verão, da estação “clara”. Ao mesmo tempo, acreditavam que, com o inverno, vinham também os poderes sombrios e voltavam os mortos, e os rituais serviam para combater essas trevas, para colocar a luz no

centro que brilhava através dos “santos” na vida das pessoas.

Hoje, crianças e jovens fantasiados vão de casa em casa e pedem doces. Eles organizam festas de fantasias assombrosas, também para tornar a morte e a escuridão menos assustadoras e trazê-las para a “luz”. Eu tenho a impressão de que as pessoas tentam lidar com a escuridão, que se manifesta claramente nesses dias, porque o verão terminou e o dia escurece cedo. Elas procuram rituais novos porque os rituais antigos não lhe dizem mais nada ou porque elas não os entendem mais. Mas os rituais da Igreja pretendem a mesma coisa: no Dia de Todos os Santos a Igreja celebra as pessoas santas, que agora estão com Deus ou, como dizem alguns, na luz, expressando assim a esperança de que as pessoas que ainda vivem na terra não estão entregues à escuridão e aos poderes sombrios. A necessidade parece ser a mesma. A pergunta seria então como poderíamos celebrar o Dia de Todos os Santos, que tematiza o início da estação escura e faz jus às necessidades das pessoas. Por sinal, a Igreja sempre fez isso. No início do cristianismo ela acatou costumes pagãos que faziam parte dos rituais das pessoas da época e os interpretou de forma nova, dando-lhes conteúdo cristão. O Natal, por exemplo, remete à festa do deus do sol romano. A Igreja aproveitou essa festa para dizer que o sol verdadeiro, a luz verdadeira do mundo, é o Deus cristão que, no Natal, se fez homem em Jesus. E foi justamente por isso que Deus se fez homem: para encontrar as pessoas como “igual”. Ele não queria continuar sendo o “grande desconhecido”, mas permitir que as pessoas o vivenciassem, tocassem e o sentissem como ser humano. E é este o sentido dos rituais: perceber Deus como aquele que não está em algum lugar remoto, mas que, nos momentos decisivos, protege as pessoas, as abençoa e acompanha. Mas isso precisa acontecer numa linguagem e forma que conseguimos entender, sentir e aceitar.

Naturalmente, isso pode significar que devemos questionar rito, rituais e liturgias existentes. Talvez precisamos de formas novas que ainda não encontramos. Mas a pergunta é: Queremos apenas cultivar formas e tradições ou queremos encontrar pessoas e seguir a Jesus?

Para o espírito do tempo

Leio frequentemente que a Igreja deve se opor ao espírito do tempo. Esses autores costumam identificar o espírito do tempo com o individualismo e reclamam que cada um vive como lhe agrada e que monta sua religião do jeito que lhe apraz. Percebo nisso uma contradição. Para mim, esse pensamento é negativo demais; simples demais. A Igreja sempre é Igreja de seu tempo. O Espírito de Deus sopra onde quer. Tudo aquilo que hoje é visto como doutrina inabalável surgiu em determinado momento a partir de uma necessidade de seu tempo e no contexto de determinada imagem do mundo. A Igreja Católica conhece em sua doutrina diferentes “graus de verdade”, ou seja, nem todas as doutrinas são fixas e inabaláveis. Houve um tempo no qual o cristianismo era algo totalmente novo e também expressão do “espírito do tempo”. Algo que, aos olhos dos mestres religiosos judeus, era algo impossível e que não podia vir de Deus. Por causa de sua proximidade com as pessoas por eles condenadas e banidas, Jesus não podia ser um mensageiro de Deus e, de forma alguma, um Messias ou Redentor. Jesus e o cristianismo recém-criado não hesitaram em ir até as pessoas. Já na época, os discípulos viajaram até aos confins do mundo, proclamaram a novidade e foram até onde as pessoas estavam com suas perguntas, suas preocupações e suas necessidades. Quando os discípulos receberam o Espírito de Jesus, eles partiram – saíram das sinagogas e dos templos e foram até as pessoas. Eles as visitaram em suas casas, as curaram e fortaleceram, e assim as tiraram de seu sofrimento. O Espírito de Deus sempre age no agora. Por isso, aquilo que valia na época vale também hoje: precisamos buscar as pessoas onde elas vivem hoje, onde elas sofrem hoje, onde elas perguntam por Deus hoje, e dar respostas às suas perguntas de hoje, respostas que respondem aos seus anseios. A Igreja é desafiada pelo tempo no qual ela vive.

Eu me assustei quando, algum tempo atrás, ouvi uma discussão sobre este tema: Como devemos avaliar a pesquisa teológica? Houve vozes que afirmavam que também a pesquisa teológica está subordinada ao magistério. Isso significa: o magistério da Igreja decide se os resultados da pesquisa são corretos ou falsos. Mas a pesquisa

precisa ser independente, caso contrário é manipulada. Senti que existe um medo de resultados das pesquisas do nosso tempo que, talvez, não correspondam à doutrina tradicional. Se assim for, a Igreja precisa lidar com isso. Se muitos teólogos afirmarem que não existem argumentos contra a ordenação de mulheres, quando pesquisadores ressaltam que o homossexualismo não é uma doença, mas uma disposição igual ao heterossexualismo, que existem pessoas que se sentem presas no corpo errado e não conseguem definir se são homem ou mulher, a Igreja precisa lidar com isso.

Quando os membros de uma diocese alemã reúnem dezenas de milhares de assinaturas em prol dos *viri probati* – homens casados e provados na fé cristã – e exigem sua ordenação como padres como um passo para o futuro, e o bispo se recusa a tratar do assunto, eu me pergunto: O que a Igreja faz com leigos com o chamado de profeta ou profetisa? Cada cristão batizado é profeta de Deus. Isso também foi uma redescoberta do Concílio. Essa deve ser nossa primeira ênfase.

O Papa Francisco encorajou os membros da Igreja repetidas vezes a fazerem sugestões corajosas para o futuro dela, mas onde estão essas sugestões? Quem diz que ele se recusaria se um bispo alemão ou a conferência dos bispos alemães fizesse sugestões corajosas? E por que todas as perguntas precisam ser resolvidas no nível da Igreja mundial? Quando a Europa e a Alemanha precisam de respostas a perguntas urgentes, irrelevantes – por exemplo, para a África –, por que as Igrejas regionais não podem encontrar respostas regionais? É claro que precisamos de critérios para reconhecer o Espírito de Deus. Mas, muitas vezes, a oposição ao espírito do tempo expressa apenas uma postura negativa e simples demais.

O Concílio apresentou bons pontos de partida para entendermos a Igreja também como Igreja do Espírito. Seria totalmente impossível que o chamado individualismo, a chamada *religião montada* para satisfazer as necessidades individuais, fosse um movimento do Espírito, um movimento do nosso tempo, no qual podemos reconhecer o Espírito de Deus?

A crítica à chamada religião montada, criada pelo próprio fiel, alega que religião não é algo que deva nos fazer sentir bem, algo que

não deve nos desafiar. Não se trata de um “sentir-se bem” na fé. É verdade: o cristianismo nos desafia, pode custar a nossa vida; mas quando a espiritualidade fala da “*dulcedo Dei*”, da “doçura de Deus”, quando Jesus nos convida a descansarmos nele e reabastecer nossas energias, quando Ele chama Deus de *Abba*, o “sentir-se bem” também pode ter o seu lugar. Durante muito tempo, o cristianismo teve a fama de ser ascese, renúncia: “A vida não pode ser divertida, não pode nos alegrar”. Mas quanta alegria irrompe num ser humano quando ele sente a força de Deus, quando sente que Deus lhe dá poder para ser si mesmo, para se erguer e ser profeta. Foi o que aconteceu com Miriam, quando ela foi à frente do povo de Israel e atravessou o Mar Vermelho, cantando hinos de louvor ao Deus libertador. Deus é um Deus libertador. Podemos sentir isso. A fé não é apenas uma “religião de acreditar que algo seja verdadeiro”, não é apenas uma “religião de consentimento”, uma religião para a razão. Quando o centro é um banquete, comer pão e beber vinho, então trata-se também de uma união com ele, de experiências sensuais, de alegria.

Gosto de citar uma passagem que li há alguns anos e que me acompanha desde então: “Confie o ontem à misericórdia de Deus, confie o amanhã à sua providência divina, mas você, viva no hoje, pois Deus o abraça por meio da realidade”. Nós só podemos encontrar Deus neste mundo, nesta nossa vida, no tempo e nas circunstâncias em que vivemos. Na realidade como ela é, não como gostaríamos que fosse. A Igreja não é mais como era antigamente. Pode haver pessoas que pensam: “A Igreja já sobreviveu a momentos piores; paciência, ela sobreviverá também a este tempo”. Mas seria uma pena se nos contentássemos com uma mera “sobrevivência” e não nos importássemos mais com a proclamação da Boa-nova. Minha impressão é que a linha entre uma proclamação de Deus e um narcisismo por parte dos proclamadores é muito tênue. Parece-me que muitos dignitários da Igreja se importam mais com a pompa, com a ostentação de sua pessoa e de seu ofício e com a defesa da doutrina e Igreja certa. Foi justamente contra isso que Jesus pregou, contra aqueles que ocupam as primeiras filas, que ostentam suas roupas caras, que gostam de ser vistos. Repito: tenho certeza de que os

cristãos não precisam defender nada, mas que devem ser algo. Eles devem abrir espaços para a presença de Deus no meio do mundo, na realidade e no presente. E para aqueles que hoje atuam na Igreja, isso levanta a pergunta: Para onde Deus quer levar o seu povo? Quais impulsos poderiam estar contidos na realidade que não merecem ser condenados?

Misericórdia

Creio que um dos problemas da Igreja seja hoje a aceitação, a aceitação incondicional das pessoas – cujo modelo é a vida de Jesus. Um exemplo: nenhum escrito papal no passado recente chamou tanta atenção quanto a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*. Esse texto fala sobretudo do aconselhamento de casais e famílias. O que mais chamou a atenção foi a pergunta se o papa deveria permitir que pessoas divorciadas e que se casaram de novo recebessem a Eucaristia. Nesse escrito, o papa acrescentou uma nota de rodapé, onde ele observa que em “determinados casos”, os fiéis podem recorrer à “ajuda dos sacramentos”. A pergunta como essa observação deveria ser entendida causou uma discussão ampla.

A Conferência dos Bispos Alemães ressaltou que seria necessária uma análise individual de cada caso e um bom acompanhamento espiritual até que pessoas divorciadas que se casaram de novo pudessem participar do Sacramento da Eucaristia. Mas, por outro lado, quando a Igreja diz aos divorciados que contraíram um segundo casamento que eles são uma parte importante dela, mas que não podem participar da Eucaristia, muitos não acreditam nela.

Então, vários bispos apelam à “comunhão espiritual”: Enquanto outros recebem a Eucaristia, aquele que não “pode” recebê-la deve comungar e receber Jesus espiritualmente. Não sei se alguém consegue entender isso. E qual deve ser o sentido por trás disso. Deus é um Deus vivo, que se fez carne e que deseja se comunicar ao ser humano pelos sentidos. Vejo sempre de novo como é libertador para as pessoas quando abrimos novos espaços para elas nos quais podem simplesmente ser como são. Como no caso de Zaqueu: Jesus, ao se

convidar para a sua casa, lhe abre um espaço. E a aceitação de Zaqueu ocupa o primeiro lugar: “Preciso ser teu convidado”. Jesus não diz: “Vai para casa, doa suas riquezas e, quando tiveres devolvido tudo que exigiu em excesso, eu vou te visitar”. Ele não impõe condições. E é justamente por isso que precisamos de uma Igreja que age da mesma forma. Faz parte disso um linguajar que cura, que sinaliza aceitação e que as pessoas entendem. Precisamos de espaços e de uma linguagem que permitem uma vivência: Deus cura. Interessante nesse contexto é outra declaração do Papa Francisco, que disse que a Comunhão foi instituída para os fracos, para seu fortalecimento, não para os santos.

Poderíamos ver como lema do papado de Francisco: Misericórdia. Ele quer ir ao encontro das pessoas, edificar o indivíduo e fortalecê-lo, assim como Jesus o fez e assim como Jesus também sempre fala de Deus. Francisco deixou claro em várias ocasiões que ele, como papa, não precisa decidir tudo com base no magistério. Ainda vale a consciência das pessoas, a responsabilidade pessoal na fé – mais do que o magistério. E vale também que a lei existe para o homem, e não vice-versa. A lei é o amor que se volta misericordiosamente para aquele que necessita dela.

O que caracterizava Jesus era que Ele aceitava as pessoas como elas eram. Ele lhes demonstrou amor e proximidade. Em meu trabalho como conselheiro em situações de emergência vejo como isso é importante: estar presente, aceitar, acompanhar sem julgar e condenar. Muitas vezes, as vítimas perguntam por Deus e também pelo “porquê”. Por que Deus permitiu isso? Muitas vezes, demora até que elas consigam aceitar a situação como ela é. É possível que não encontrem resposta a esse “Por que”, nem mesmo após anos, mas elas sentem que Deus as sustenta em sua situação, que Ele está presente em sua vida.

Alguém cunhou a expressão “coragem para o fragmento”. Na presença de Deus, nem tudo precisa ser perfeito. Podem existir rupturas, situações dolorosas, desvios, erros. Em suas parábolas e em seus encontros, Jesus mostra que Ele se volta com sua misericórdia para os feridos, os enfermos, os perdidos. Na Casa Recollectio oferecemos às vezes uma oficina na qual os participantes trabalham

com cacos de vidro. Eles os usam para criar algo novo. Assim, surgem obras de arte que não passam a impressão de estarem quebradas. Existe um simbolismo profundo nisso: onde as pessoas veem apenas coisas quebradas, os cacos de sua vida, Deus reconhece também a perspectiva para um novo futuro, para uma “ressurreição”.

No lugar de um epílogo

No final deste livro quero voltar para o seu início: para as pessoas na Bíblia que foram encontradas por Deus. Uma delas – eu já a mencionei – é o Profeta Elias. Sua história é a de um homem que chega ao fim de suas forças, que é encontrado por Deus e o experimenta de forma diferente e nova. Quero encerrar este livro com observações sobre sua pessoa e história, resumindo tudo o que é importante para mim.

Cito primeiramente o texto do Antigo Testamento ao qual me refiro. Com ele, desejo a você um caminho excitante, cheio de descobertas de Deus, e que Ele o surpreenda e encontre sempre de novo.

Elias andou 40 dias e 40 noites, até chegar ao monte de Deus, Horeb. Lá entrou numa caverna e passou a noite. De repente a palavra do SENHOR lhe foi dirigida nestes termos: “Sai e põe-te de pé no monte, diante do SENHOR! Eis que Ele vai passar”.

Houve então um grande furacão, tão violento que rasgava os montes e despedaçava os rochedos diante do SENHOR, mas o SENHOR não estava no vento. Depois do vento houve um terremoto, mas o SENHOR não estava no terremoto. Depois do terremoto houve fogo, mas o SENHOR não estava no fogo. Finalmente, passado o fogo, percebeu-se o sussurro de uma brisa suave e amena. Quando Elias a percebeu, cobriu o rosto com o manto e saiu, colocando-se na entrada da caverna (1Rs 19,9a.11-13a).

Foi há uns dez anos. Durante a missa dominical, o texto acima foi lido. O confrade que leu o sermão disse em relação à história de Elias algo que não esqueci até hoje: “Deus não está naquilo que nos assusta”.

No Monte Horeb, Elias vivencia terremoto, tempestade e fogo em

sua natureza destruidora e assustadora. A história nos conta que Deus não estava neles. Antes disso, Elias tinha fugido, após vencer uma “batalha dos deuses”. Em sua raiva, os sacerdotes de Baal e sua Rainha Jezabel perseguiram Elias, até o momento em que suas forças acabaram. Ele sabia que sua vida estava em perigo de ser consumida pelo fogo que ele tinha provocado na batalha dos deuses. Elias tinha arriscado tudo, tinha amedrontado os outros e obtido a vitória. E agora ele vivencia como sua pose de vencedor volta para assombrá-lo. Até recentemente, a história da Igreja tinha vivenciado cenários semelhantes: ela demonstrava o poder de Deus, evocava verbalmente o fogo do inferno, falava do purgatório. Talvez a Igreja tenha tido a boa intenção de encorajar as pessoas para a fé, para a conversão, e salvar almas. Mas o efeito foram medo e terror, e isso voltou a assombrar a Igreja, porque as pessoas se afastaram dela, porque as pessoas queriam cura e não mágoa. Elias passou por algo semelhante como aqueles que fogem interiormente. Ele foge para o deserto. Ele está no fim, acabado. Deprimido, ele se senta sob um arbusto e deseja morrer. Ele se recolhe – magoado. E adormece.

Ao ser tocado por um anjo, ele acorda e encontra pão e água. Pão assado em “cinzas ardentes”, na brasa que resta do fogo. Mas Elias adormece novamente. O anjo o toca novamente e lhe diz: “Levanta-te e come, senão o caminho será longo demais para ti”. E novamente ele come do pão assado no fogo, na brasa, como se Elias devesse sentir e finalmente compreender para que serve o fogo: para alimentar as pessoas. Como Deus é: manso. Ele vem na forma de um anjo e o fortalece. Deus não se vinga, mas guia Elias até a compreensão.

Talvez seja por isso que Javé aceitou a competição com os sacerdotes de Baal: para que Elias aprendesse e entendesse exatamente isso, para que ele experimentasse a diferença e sentisse quem Deus é – e que ele tinha usado Deus para si mesmo, para se apresentar como grande guerreiro e herói de Deus. Os guerreiros de Deus de hoje também incendeiam, destroem, espalham medo e terror entre as pessoas. Mas Elias aprende: Deus não é assim!

Quando ele chegou ao Monte Horeb, esgotado pela perseguição, ele entrou numa caverna. A caverna é um símbolo primordial do

ventre materno, do útero. Elias se protege, mas também entra em regressão, como adultos costumam fazer quando adotam padrões de comportamento infantis para fugir de conflitos e desafios, e cobrem sua cabeça com uma coberta. Elias precisa desse recuo para a caverna da depressão.

Eu conheço isso por experiência própria. Eu pressinto o próximo passo de desenvolvimento e volto um passo, talvez também para reunir forças e energias. Quando Elias está na caverna, ele experimenta mais uma vez as forças primordiais, tudo aquilo que nos assusta: fogo, tempestade, terremoto.

Quando essas forças imensas e assustadoras passam, Elias sai da caverna, sai de sua depressão e de seu medo. Ele se levanta e cobre seu rosto com seu manto. É o manto de Deus, o manto do profeta, que, mais tarde, ele dará a Eliseu e que lhe sinaliza seu chamado como profeta. Elias cobre sua visão, ele reconhece novamente seu chamado como profeta, como proclamador de Deus. Ele reconhece: Deus está no sussurro. Martin Buber, o judeu filósofo da religião, traduz essa passagem assim: “silêncio esvaecedor”. Não se trata apenas de um silêncio, esse silêncio “esvaece” – é algo que exige grande atenção para ser percebido.

A presença de Deus, o sussurro de Deus correm o perigo de ser ignorados no barulho da luta, no zelo ardente daqueles que, nas questões do nosso tempo – fugitivos, transgêneros, casamento para todos –, reconhecem a ruína do Ocidente, que estão sendo consumidos pelo fogo e que tentam se recolher na fortaleza da Igreja, que, antigamente, proclamava um Deus onipotente e assustador numa doutrina eternamente imutável.

Mas os cristãos de hoje precisam sair da caverna e ir até as margens para oferecer às pessoas pão e água, para descobrir com elas a mão estendida de Deus, sua esperança e seu amor, para curar as suas feridas.

Todos os cristãos são profetas, todos os cristãos vestem o manto da profecia que os acolhe na presença fortalecedora de Deus. Mas esta só é percebida se dermos um passo para trás e nos distanciarmos do zelo ardente, que destrói, da decepção diante de um mundo tão depravado

e anticristão, daquilo que nos assusta, que pretende nos assustar.
Também na Igreja. Pois Deus não está naquilo.

PADRE ZACHARIAS Heyes é monge da
Abadia de Münsterschwarzach.

Estudou Teologia em Münster
e

em Würzburg, e trabalhou por
dois anos como missionário na
Entwicklungshilfe, entidade
humanitária

voltada ao desenvolvimento
da

África Oriental. Por muitos anos, esteve envolvido no trabalho com jovens e professores religiosos do mosteiro e conselheiros escolares.

É autor também de *Em casa comigo mesmo – Guia para reequilibrar o corpo e a alma* (Vozes, 2016).

HENRIK FEXEUS

MESMO AUTOR DE A ARTE DE LER MENTES

JOGOS DE PODER

**MÉTODOS SIMPÁTICOS PARA
INFLUENCIAR AS PESSOAS**


— NOBIS —
NOBILIS

Jogos de poder

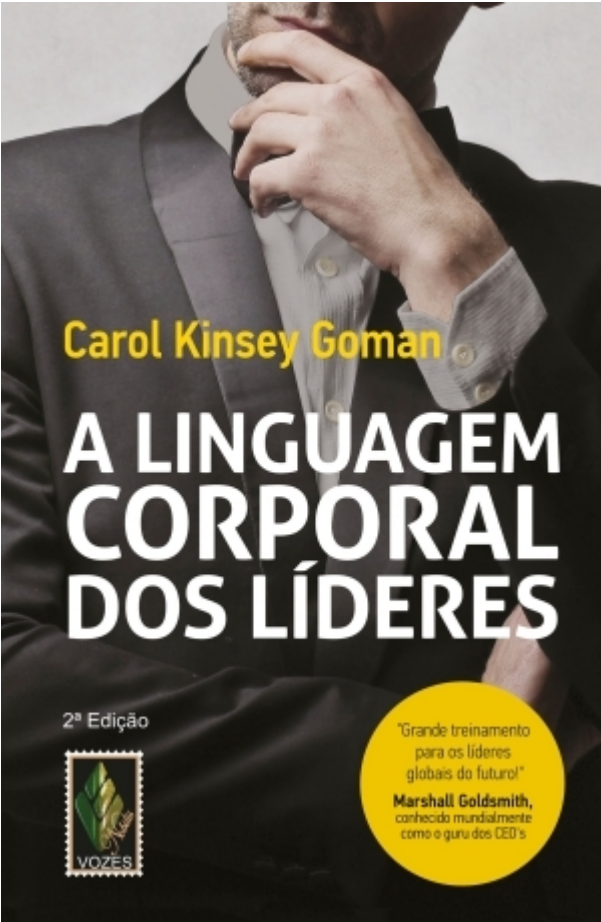
Fexeus, Henrik 9788532653574

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro inclinará a balança ao seu favor. Não importa se você for vendedor, advogado, garçom, professor, cuidador, gerente estratégico, estudante ou encantador de cães, a meta é ajudá-lo a dominar a arte de conseguir o que quer, e não o que os outros querem. Deixe-os envolvidos em aulas e pesquisas. Atividades assim podem ser interessantes e divertidas, mas não são realmente necessárias. Mais fácil é parar de ser um seguidor e tornar-se um líder.

[Compre agora e leia](#)



Carol Kinsey Goman

A LINGUAGEM CORPORAL DOS LÍDERES

2ª Edição



"Grande treinamento
para os líderes
globais do futuro!"

Marshall Goldsmith,
conhecido mundialmente
como o guru dos CEOs

A linguagem corporal dos líderes

Kinsey Goman, Carol 9788532648686

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

A linguagem corporal é a administração do tempo, do espaço, da aparência, da postura, do gesto, da prosódia vocal, do toque, do cheiro, da expressão facial e do contato visual. A mais recente pesquisa na neurociência e psicologia provou que a linguagem corporal é crucial para a eficácia da liderança - e este livro vai mostrar a você, exatamente, como ela impacta a capacidade dos líderes em negociar, administrar a mudança, estabelecer a confiança, projetar o carisma e promover a colaboração.

[Compre agora e leia](#)



S. Luís Maria Grignon de Montfort

O admirável segredo do Santíssimo Rosário

Para se converter e se salvar

 EDITORA
VOZES

O admirável segredo do Santíssimo Rosário

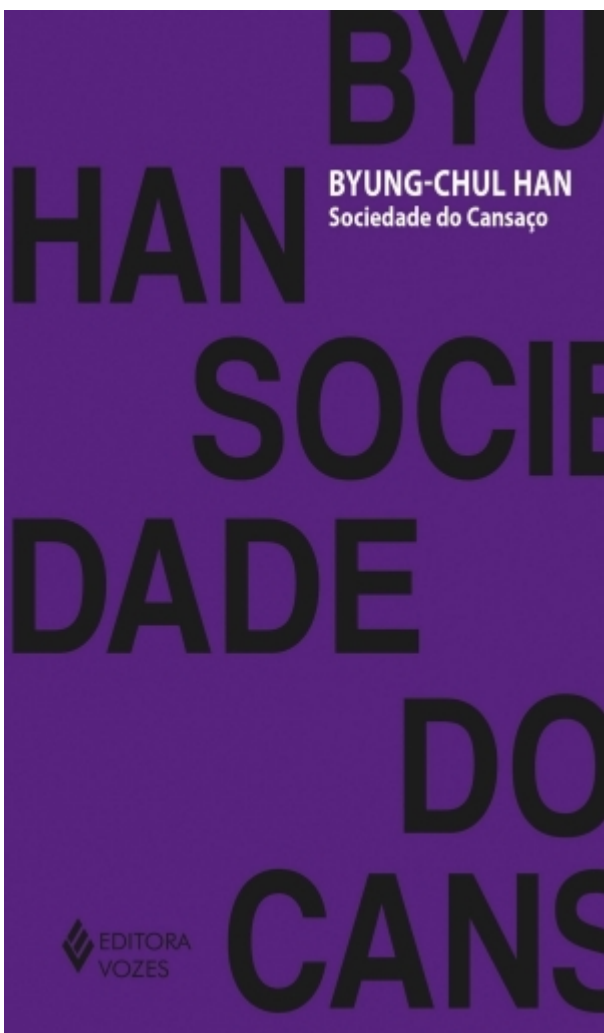
de Montfort, S. Luis Maria Grignion 9788532661036

152 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro foi escrito por São Luís Maria Grignion de Montfort (1673-1716) nos últimos anos de sua vida, podendo ser considerado uma obra de sua maturidade como autor cristão. Ele dividiu a obra em cinco partes, seguindo a alegoria de cada conta do Rosário como sendo um botão de rosa que é entregue a Deus por meio de sua Santíssima Mãe.

[Compre agora e leia](#)



Sociedade do cansaço

Han, Byung-Chul 9788532650832

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os efeitos colaterais do discurso motivacional. O mercado de palestras e livros motivacionais está crescendo desde o início do século XXI e não mostra sinais de desaquecimento.

Religiões tradicionais estão perdendo adeptos para novas igrejas que trocam o discurso do pecado pelo encorajamento e autoajuda. As instituições políticas e empresariais mudaram o sistema de punição, hierarquia e combate ao concorrente pelas positivities do estímulo, eficiência e reconhecimento social pela superação das próprias limitações. Byung-Chul Han mostra que a sociedade disciplinar e repressora do século XX descrita por Michel Foucault perde espaço para uma nova forma de organização coercitiva: a violência neuronal. As pessoas se cobram cada vez mais para apresentar resultados - tornando elas mesmas vigilantes e carrascas de suas ações. Em uma época onde poderíamos trabalhar menos e ganhar mais, a ideologia da positividade opera uma inversão perversa: nos submetemos a trabalhar mais e a receber menos. Essa onda do "eu consigo" e do "yes, we can" tem gerado um aumento significativo de doenças como depressão, transtornos de personalidade, síndromes como hiperatividade e burnout. Este livro transcende o campo filosófico e pode ajudar educadores, psicólogos e gestores a entender os novos problemas do século XXI.

Compre agora e leia

Pierre Weil e Roland Tompakow

O Corpo Fala

a linguagem silenciosa da comunicação não verbal



com
350
ilustrações
de
expressão
corporal

74ª Edição

EDITORIA
VOZES

O Corpo Fala

Weill, Pierre 9788532654595

288 páginas [Compre agora e leia](#)

O livro tenta desvendar a comunicação não-verbal do corpo humano, primeiramente analisando os princípios subterrâneos que regem e conduzem o corpo. A partir desses princípios aparecem as expressões, gestos e atos corporais que, de modos característicos estilizados ou inovadores, expressam sentimentos, concepções, ou posicionamentos internos. Acompanham 314 ilustrações.

[Compre agora e leia](#)